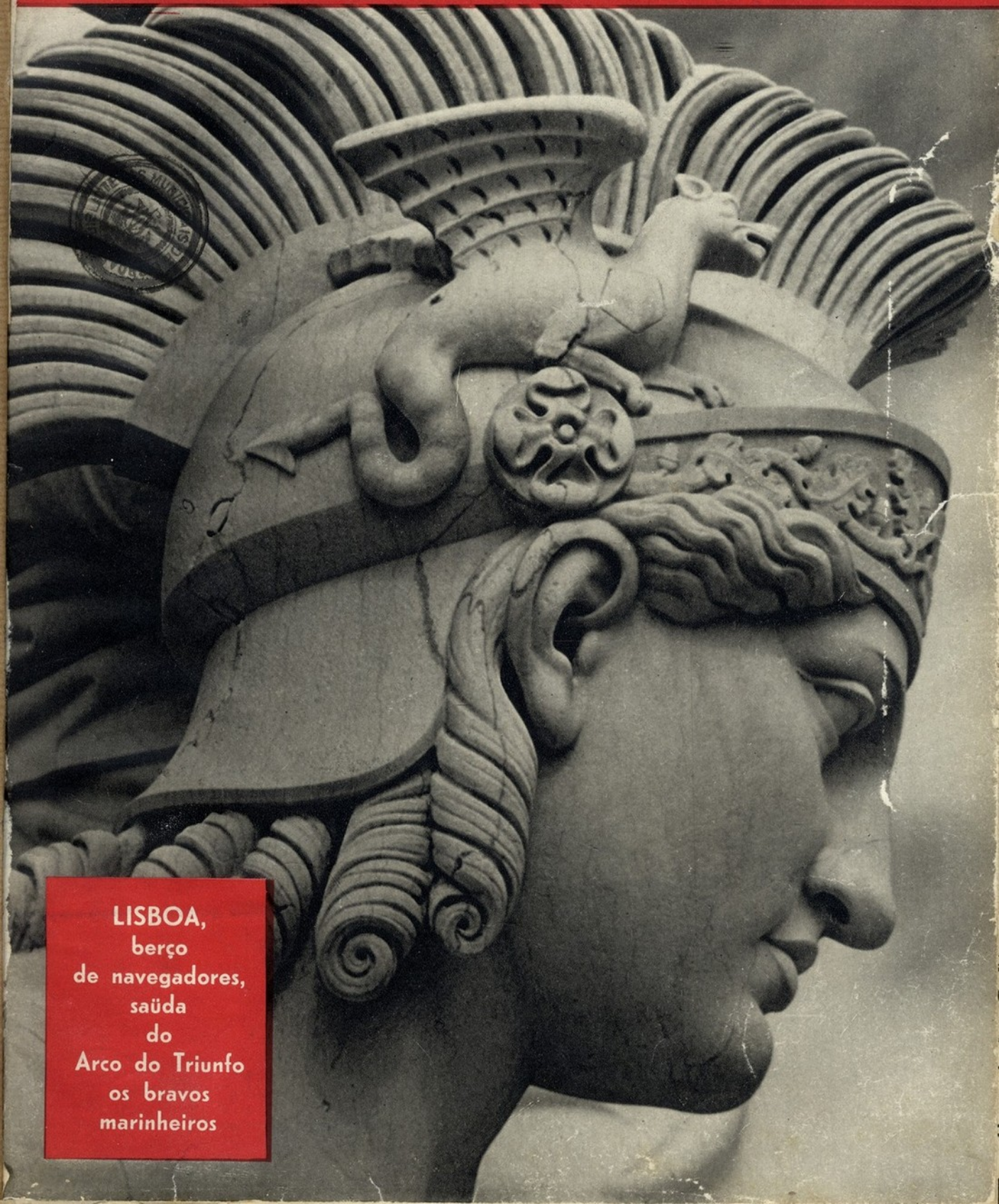


Rev. 33 A.
DEPÓSITO LEGAL 341
NOV 1941 34

MUNDO GRÁFICO



LISBOA,
berço
de navegadores,
saída
do
Arco do Triunfo
os bravos
marinheiros

B. B. C.

A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V



PASSAGENS PASSAPORTES
trata
Bento Guerreiro Matias
Rua do Crucifixo, 19, 2.º - D.
Telefone 2 8686 / LISBOA

Land, Laidley
Limited
EST. MAIS DE UM SÉCULO

S GERAIS EM PORTUGAL
EQUINAS COMPANHIAS
DE NAVEGAÇÃO:

- Blue Star Line
- Brocklebank Line
- Furness, Withy & C.º Ltd.
- United Fruit C.º
- Booth Line
- Cunard White Star Line
- Lampart & Holt Line
- Yeoward Line

LISBOA PORTO
Tr. do Corpo Santo, 10, 2.º R. Infante D. Henrique, 131

BEBA WHISKY
JOHN HAIG

O WHISKY DOS
APRECIADORES

HAIG - HAIG - HAIG

AGENTES
DEPOSITÁRIOS:

AZULAY & C.º LTD.

100, Rua Aurea, 2.º
LISBOA

NA COLECCÃO
OS MELHORES ROMANCES
DOS MELHORES ROMANCISTAS
ACABA DE APARECER

**A PAIXÃO
DE JANE EYRE**

da genial **CHARLOTTE BRONTÉ**

irmã da célebre autora do «Monte dos Vendavais»

Um volume de 460 páginas 15\$00

E' uma edição "Inquérito,,

DISTRIBUIDORES GERAIS:

ED. ORGANIZAÇÕES, Limitada
L. TRINDADE COELHO, 9-2.º / LISBOA



CASA
Quey
ANTIGO «ÁS
DAS MEIAS
Special Stockings
Out - Sizes
MAISON
FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18

W.M HINTON & SONS

MATERIAL
"QUASI-ARC"

PARA SOLDADURA
ELÉCTRICA

L. do Corpo Santo, n.º 6, 1.º-Dt.



SUN

FUNDADA EM 1710

Insurance Office, Ltd.

Companhia inglesa de Seguros
FUNDADA EM 1710

A mais antiga Companhia
de Seguros em todo o mundo

AGENTES GERAIS:

Santos Silva, L. da

56, Rua Ivens, 2.º - Dir.

Telegramas: SANSILVA—Telefone: 2 7686

**CROFT
& Co.
Oporto**

ESTABLISHED
1 6 7 8

Port Wine Growers
and Shippers

LONDON HOUSE:-
CROFT & Co., LIMITED,

6, Idol Lane, LONDON, E.C.3.

**VIAJAI EM PORTUGAL
NOS COMBOIOS DA C. P.**
INFORMAÇÕES
EM TODAS AS ESTAÇÕES

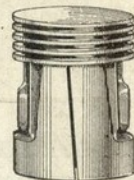
ARTIGOS DE SPORT

Spril

Rua do Loreto, 34-2.º

TELEFONE 2 2797

LISBOA



AGÊNCIA PACHANCHO
NO SUL DOS AFAMADOS PRO-
DUTOS PARA AUTOMÓVEIS

PACHANCHO
P. G. L.

Palha, Gonçalves, Lobos, Ld.ª

Avenida da Liberdade, 28

TELEFONE 2 0089

LISBOA

Compare a FRIGIDAIRE

Com todas as outras marcas!

FRIGIDAIRE

distingue-se das demais marcas por estas características principais:

- Consumo mínimo de corrente;
- Melhor protecção dos alimentos;
- Congelação mais rápida;
- Gelo em abundância;
- Mais utilidades práticas;
- Protecção segura contra reparações, etc.

VENDEAS
COM
GARANTIA

Faca um confronto

VENDEAS
A
PRESTAÇÕES



Diniz M. d'Almeida

Av. da Liberdade, 216 / (Stand BUICK) / Telef. 47189 / LISBOA

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848
de **CARLOS FERREIRA, L.da**

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório Material de Desenho

Casa especializada em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta, lapiseiras, carnets, alburns para fotos, pastas para mensagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livreria

HERMES



A máquina de escrever
mais portátil do mundo!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 46, L. E.-Telef. 2 1672, LISBOA

NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUCRS., Largo S. Domingos 50 e Fidal. Rua dos Clerigos 8, Telef. nos 235 e 2352, PORTO

REFLEXOS DO MUNDO

Uma anedocta de Haldane

Quando Haldane foi nomeado ministro da guerra em 1905 houve surpresa geral com a entrada desse filósofo para a direcção militar da Gran-Bretanha. O Primeiro Ministro chamou-lhe Schopenhauer e não era dos menos interessados em ver a sua situação. Esperava, porém, que ele o deixasse em paz, não lhe esfuçando os ouvidos com pedidos de créditos. Haldane ao presidir à primeira sessão do Conselho Superior do Exército expôs os seus pontos de vista, ainda teóricos e assás inspirados em tratadistas de voga.

Os militares habituados a outras exposições não o compreenderam lá muito bem e um deles perguntou-lhe que exército é que o ministro pretendia criar.

— Um Exército hegeliano! — respondeu.

Como lhe pedissem mais pormenores, Haldane retorquiu com certa malícia:

— Nestes assuntos estou como uma virgem de olhar tímido e cheia de modestia que acaba de se casar com um guerreiro severo e rebarbativo. O país só dentro de alguns meses poderá conhecer os resultados de tal união.

O resultado foi uma reforma radical do Exército inglês que provou excelentemente, anos depois, na guerra europeia.

Marinheiro, padre e ministro



Num dos números anteriores falámos dum padre carmelita, capitão da marinha de guerra francesa livre.

Era Dargenlieu. Na constituição do Conselho Nacional do Império

francês foi nomeado Comissário sem pasta.

Deve ser a primeira vez que, há um século a esta parte, um sacerdote ocupa as cadeiras do poder. Deputados e senadores têm havido alguns, mas ministro deve ser o primeiro.

No Conselho Nacional a figura do monge-soldado simbolizará a alma da França, seduzida por um ideal e a ele se dedicando até o sacrifício mais alto.

O capitão de mar e guerra Dargenlieu encontrava-se em Dakar quando do ataque à cidade pelas tropas franco-inglesas e não permitiu nessa altura a prisão dos

enviados de De Gaulle. Já com as tropas livres fez uma viagem ao Canadá afim de tornar conhecido o movimento entre os franco-canadenses.

Ao serviço da Pátria



As guerras se são propícias às grandes reportagens de jornalismo, nem sempre o são ao jornalista. Embora pareça paradoxal não o é, pois nas arriscadas missões que lhe são confiadas encontram muitas vezes a morte.

Se a morte surpreende o jornalista em missão profissional não poupa, evidentemente, o jornalista mobilizado que cumpre os seus deveres cívicos e militares.

No fragor dos combates, no descortinar do objectivo dentro dos aviões, nos cruzeiros marítimos, o jornalista em missão profissional encontra muitas vezes colegas da profissão de quem a pátria exigiu também o supremo sacrifício.

Esses colegas, sejam subordinados, iguais ou superiores, estabelecem logo entre eles a estreita camaradagem dos confiados dias de paz, quando nas redacções as penas deslizam velozmente.

Norman Weir, redactor aeronáutico no «Daily Express» alistou-se como piloto na heróica R. A. F.. Os melhores e mais vivos elementos para uma reportagem colheu-os ele num vôo sobre Colónia: «Que linda que era Colónia vista do ar, à luz do luar!»

Foi a sua última e melhor reportagem, vivida até à última ao serviço do Império.

A palavra de Cristo

Os serviços religiosos ao ar livre, em Portugal como nos outros países, têm sempre uma excepcional importância, revestindo-se dum carácter patriótico.



Agora, na Gran-Bretanha, os fiéis reúnem-se muitas vezes para ouvir a palavra de Cristo entre ruínas, nas igrejas destruídas pela metralha do inimigo. Improvisa-se um altar e a missa começa mais grandiosa do que nunca entre restos de paredes ennegrecidas pelo fumo, estátuas mutiladas e irreconhecíveis destroços.

Nalguns lugares, as igrejas foram reconstruídas, noutros os fiéis mudaram o sítio da sua devoção e, noutros ainda, só quando a chuva não permite é que procuram uma sala para as cerimónias, aliás, é nas ruínas que se celebra o santo sacrifício.

O fado em Londres

Têm-se feitos várias tentativas para tornar conhecido no estrangeiro o fado, por parte dos que querem à viva força torná-la a canção nacional, ou simplesmente dos seus apreciadores.

REFLEXOS DO MUNDO

(Continuação)

A primeira tentativa foi do marquês de Soveral, nosso ministro em Londres, numa festa da Embaixada.

Mandou ir de Portugal os fadistas e respectivos acompanhadores de guitarra e viola. Muito correctos nas suas casacas não acharam próprio da alta assistência cantar o fado e tinham preparado um trecho de Beethoven que começaram a executar.

O marquês de Soveral ergueu-se do seu lugar e ordenou:

— O fadinho, e bem repenicado!

E os fadistas, de casaca e colete brancos, cantaram, como se estivessem em qualquer retiro dos arredores de Lisboa, a meia-luz e com indumentária bem diferente.

A tentativa do marquês de Soveral não resultou e Londres continuou a ignorar o fado.

Segunda tentativa



Outra tentativa foi a levada a cabo, há anos, no Palácio de Cristal, que as bombas alemãs destruíram.

Realizava-se uma festa folclórica em que tomavam parte os representantes de quasi todas as nações.

A representação portuguesa estava a cargo de um conhecido professor de canto e cantos de ópera, nascido no Algarve, que há muitos anos residia em Londres.

A nossa canção como seu velho apreciador, pareceu-lhe que devia ser o fado. Ele próprio foi o executante.

A assistência, porém, ainda dessa vez a não compreendeu, nem os nossos compatriotas que assistiam reconheceram o fado castiço na voz, maravilhosa embora, do cantor de ópera.

E Londres continuava impenetrável ao fado.

A guitarra do sr. Palma

A terceira tentativa está em curso e tem as melhores condições de êxito. Não foi preparada nem por cantores profissionais, nem por diplomatas.

É obra do Senhor Palma, estabelecido na capital do Império Britânico, há 40 anos, com salão de cabeleireiro.

Na blitz tem de recolher aos abrigos como toda a gente, e achera extraordinariamente monotonas essas horas passadas aí a olhar para as lâmpadas ou para os vizinhos.

No blitz aéreo organizou o blitz do fado no seu abrigo. Apareceu no subterrâneo com uma guitarra e entoou os velhos fados de que já mais se esquecera na sua vida londrina, porque nas horas vagas era à guitarra que confiava as suas saudades da terra. Última novidade: Em Londres há, agora, um retiro onde se canta a nossa «canção nacional». E, a sua frequência todas as noites aumenta. Desta vez, sim, parece que vencemos.

VINHO
DO
PÔRTO

FONSECA'S
MARCA REGISTRADA
ESTABELECIDA HÁ CEM ANOS

GUIMARAENS & C.º

AGENTES
LISBOA
Costa & Ribeiro, Id.ª
Rua do Boqueirão dos
Ferreiros, 9-9-A

PORTO
Teles & C.ª L.ª
A "BRASILEIRA",
Rua de Sá
da Bandeira

Agora sim!...



Encontrei para me barbear o creme «CLEO», o único que é ESPECIALMENTE preparado para eliminar por completo a rizeja do pêlo, as borbulhas e irritações.

O creme «CLEO» não contém gorduras e permite-me fazer a barba todos os dias! E' de facto, para este fim, superior a todos os outros.

1 tubo 5\$00
1 tubo grande 8\$00

Para a provincia enviamos, a pedido, amostra grátis.

Encontra-se à venda nas boas casas de especialidade.

Depositário no Pôrto: C. Monteiro, Muro dos Bacalhoeiros, 93-94.

Em Coimbra: Havanesa Central.

Agentes exclusivos:

NUNES, SILVA & C.ª, LD.ª

Rua das Flores, 26 — LISBOA

TEL. 22922

FRIGORÍFICOS • ASPIRADORES ENCERADORAS E FILTROS

Enviam-se preços e fazem-se demonstrações em qualquer parte do continente.



ELECTROLUX, LD.ª

LISBOA
Avenida da Liberdade, 141

PÔRTO
Praça da Liberdade, 123

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drograrias

**Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada**

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



**A MAIS BARATA
A MAIS DURAVEL
A MAIS BEM FEITA
A MAIS IMPERMEAVEL
A MELHOR**

**COMPRE
NA
CAMISARIA**

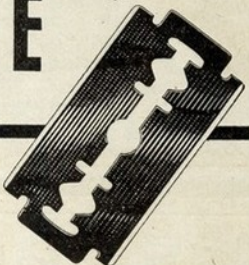
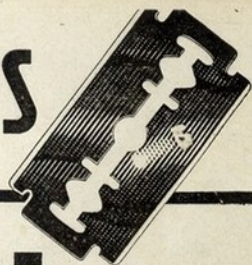
ADÃO

R. AUGUSTA 238

LAMINAS

GILLETTE

AZUIS



5
6825
10
12850

● O SEGREDO DAS BARBAS PERFEITAS! As Lâminas Gillette são as mais finas até hoje fabricadas — para barbear bem e suavemente — para grande eficiência e economia. O fio, afiadíssimo, das Gillettes Azuis, faz muitíssimas barbas.

75, R. da Conceição, 1.º — LISBOA

F. BRINDLE & C. A. L. DA

CASA FUNDADA EM 1900

Fábrica e Sêde:

Rua Pinheiro Manso, 388
Telef. 16160 — Teleg. «Brindle»
PORTO

Delegados de:

G. W. THORNTON & SON
de Manchester

TWEEDALES & SMALLEY
(1920) LTD. de Castleton

Plantas e orçamentos grátis

- Secção A *Engrenagens para automóveis abertos e à plata-forma para todos os tipos de dentes.*
- Secção B *Transmissões modernas. Uniões de fricção.*
- Secção C *Construção de máquinas a vapor.*
- Secção D *Especialidade em reparações de qualquer maquinismo.*
- Secção E *Tubagens fundidas em qualquer diâmetro e comprimento, para máquinas a vapor e tubos alletes para estufa de aquecimento.*
- Secção F *Prensas hidráulicas para tódas as aplicações, bombas centrífugas verticais e horizontais.*
- Secção G *Fabricação de teares para qualquer largura, lisos e de caixa, com as rodas de comando frezadas e as chumaceiras de apoio de lubrificação automática. Orçãos completos com pratos de chapa de aço macio estampados.*
- Secção H *Reparações em vapores (Ship Repairs)*



RÁPIDOS ALÍVIOS OBTIDOS LOGO ÀS PRIMEIRAS APLICAÇÕES

Vende-se em qualquer farmácia ao preço de 15\$00 cada bisnaga

DESCONFIE DAS IMITAÇÕES

A METROPOLE DO TRABALHO



O cais da Ribeira, no Porto, mercado e praça, feira e bolsa de produtos, que é uma das artérias mais características e animadas da cidade



Uma cena que tem a sua poesia — a poesia do trabalho, que é mais bela. A descarga da carqueja, num bairro pobre da cidade



O lindo pelourinho da Invicta, de rígido granito, que é um admirável padrão da sua nobreza histórica



DENTOSAN

significa dentes sãos

○ Creme Dentífrico por excelência

Produce na bôca uma agradável espuma que dissolve a película gordurosa que adere aos dentes após a mastigação.

Elimina rapidamente a «pedra» e o negro proveniente do fumar, tornando os dentes brancos e brilhantes.

Mata os micróbios que infestam a bôca evitando o perigo da cárie.

Suprime o mau hálito e deixa um agradável gôsto na bôca.

LABORATÓRIOS DENTOSAN

L I S B O A

WINSTON CHURCHILL

as minhas memórias

TRADUÇÃO DE
Carlos Ferreira
VOLUME I

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA
LISBOA

Máquina de escrever não era conhecida até que em 1873

REMINGTON

construiu a primeira

Máquinas {
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

Oficinas de reparação com pessoal especializado

Ficheiros **KARDEX** e arquivos

LISBOA

Rua da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

A Metropole do Trabalho

(Continuação)



Um velho muro, que envelheceu, doirado de sol, e semi-coberto de trepadeiras, resto dum baluarte onde há siglas de glória.



A epopeia de trabalho da mulher nortenha, iluminada de sacrificio, tem, por vezes, estas figuras que parecem desenhadas por Abel Salazar.

(Clichés de Adelino Xavier Esteves)

As crianças inglêsas



A guerra tem ainda estas imagens de alegria. Crianças inglêsas evacuadas de Londres, em virtude dos bombardeamentos, brincando no jardim da casa onde o ex-coronel Lindbergh viveu durante dois anos.



Dois loiros bebés. O seu primeiro beijo de ternura.



Uma gota de água, que mata a sede dum «passarinho».



Betty e Margaret mostram com orgulho os produtos do seu quintal. Também elas trabalham para a guerra.

(Continuação na pág. 10)



APYROL

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

Apyrol não é um creme
é um produto medicinal

A' venda na Farmácia Estácio — Rossio
e em tôdas as boas farmácias e drogarias

Pheysey & C.^a Ltd.

VILA NOVA DE GAIA



"PINK GIN"

Pheysey & Co.

V.^o N.^o de Gaia Portugal

Pink Gin

Excelente aperitivo composto com
Gin & Bitters

DISTRIBUIDORES:

NO SUL:

A. L. Simões & Pina, Ltd.^a
22, Rua das Flores — LISBOA

NO NORTE:

Gaspar Carmo & Irmão,
Suc., Ltd.^a

326-328, R. do Bomjardim-PORTO

Pheysey & C.^a Ltd.

VILA NOVA DE GAIA



GIN SUPERIOR N.º 1

Preparado com Essências Inglesas
e produtos da melhor qualidade

DISTRIBUIDORES:

NO SUL:

A. L. Simões & Pina, Ltd.^a
22, Rua das Flores — LISBOA

NO NORTE:

Gaspar Carmo & Irmão,
Suc., Ltd.^a

326-328, R. do Bomjardim-PORTO

ATAQUE A
INDIGESTÃO
DESTA MANEIRA
FACIL

Uma dor

Uma Rennie

Um sorriso!



QUANDO a digestão for penosa, sentir dores depois de comer, não se sujeite a este sofrimento até chegar a casa. Acabe com a dor em 80 segundos, sem dificuldades nem complicações e mesmo sem recorrer ao copo de água.

Pegue em duas Pastilhas Rennie, metadas na boca e deixe-as dissolver lentamente. 80 segundos depois, vem-se-á livre das dores.

As Pastilhas digestivas Rennie fáceis de tomar, são eficientes por agirem, simultaneamente, de 3 formas. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o excesso de acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que auxiliam a digestão. Rennie é usada e recomendada por 1.198 médicos. Tôdas as farmácias as vendem.

o dinheiro

entra-lhe pela janela...



jogando na casa

GOUVEIA & SILVA

84-r. da ASSUNÇÃO-86-lisboa

EAGLOIL e Essolube

Os lubrificantes de reputação mundial

Organização



EAGLOIL

Exclusivos de H. VAULTIER & C.

Bertrand (Irmãos), L.da

ARTES GRAFICAS

Telef. P. B. X. { 2 1368
2 1227

Trav. Condessa do Rio, 27
LISBOA



Sabem quem é esta criança que a generosa hospitalidade britânica acolheu carinhosamente? Uma alemã refugiada. Que admirável lição de humanidade!



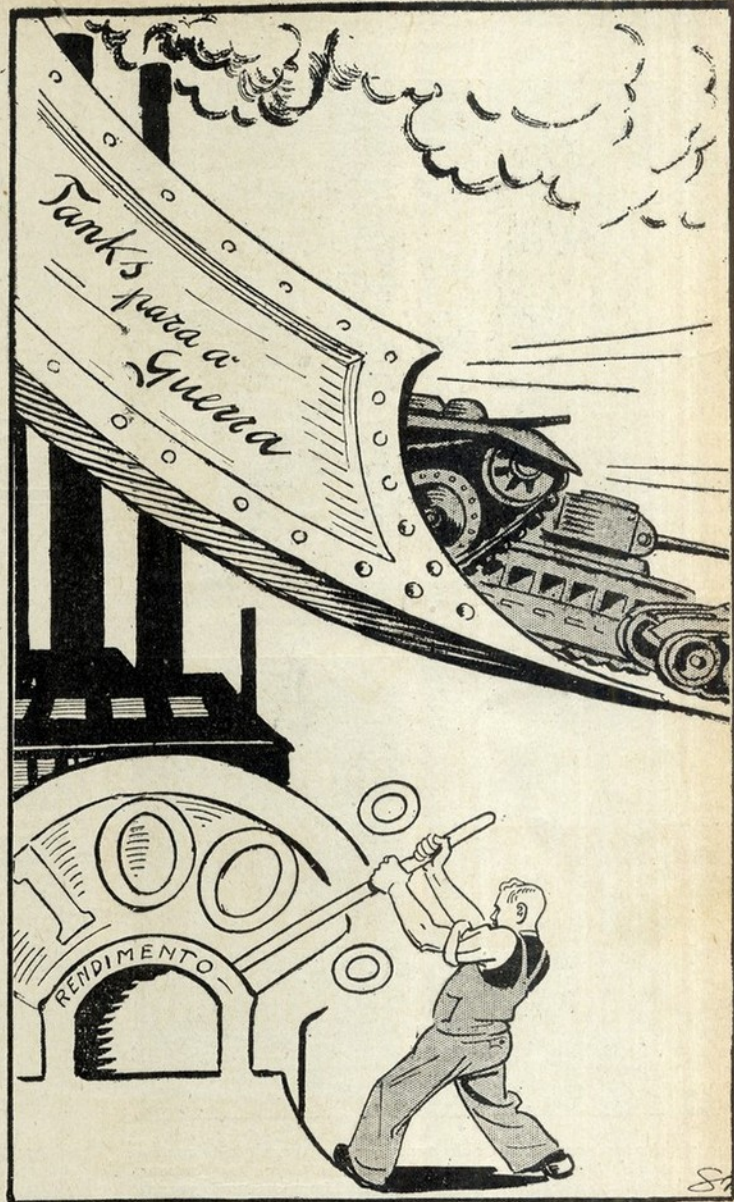
As crianças inglesas são educadas ao ar livre. O pequeno Ronnie Green, de 4 anos, com a sua graciosa cabriola de esquilo parece querer fazer o simbólico V da vitória.

(Continua na pág. 12)

Sumário

- EVOLUÇÃO E REVOLUÇÃO, pelo dr. Marques Guedes
CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»
ALMIRANTE TOVERS, biografia
PANORAMA DA GUERRA
QUANDO OS REIS VIAJAM, de Rocha Martins
A TÉCNICA DAS TRANSFUSÕES DE SANGUE, por Oscar da Silva
NOVAS ESTÁTUAS
FANTASIA ORIENTAL, clichê de Silva Nogueira
A SUPREMACIA DOS MARES, por Maurício de Oliveira
AO SERVIÇO DO IMPÉRIO, Memórias de Churchill
A EPOPEIA DA R. A. F., de R. J.
A UNIVERSIDADE DE OXFORD
COMO SE FAZEM MARINHEIROS, pelo capitão B. Acworth
O EXÉRCITO DE FOGO, fotos de J. Lobo
A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão
SOLDADOS DA FRANÇA LIVRE
ACTUALIDADES INTERNACIONAIS
ROOSEVELT CUMPRE A SUA PALAVRA, pelo dr. Mário Neves
UM RAID SÔBRE A ALEMANHA
A INGLATERRA NA OFENSIVA
CINEMA
PÁGINA FEMININA

Capa de J. Lobo



TANKS, SEMPRE TANKS, CADA VEZ MAIS TANKS

COMMERCIAL UNION



ASSURANCE COMPANY LIMITED

B A T E R I A S

Construção, reconstrução, reparações,
cargas, etc., de todos os tipos de baterias

Placas e separadores «AUTOSIL»

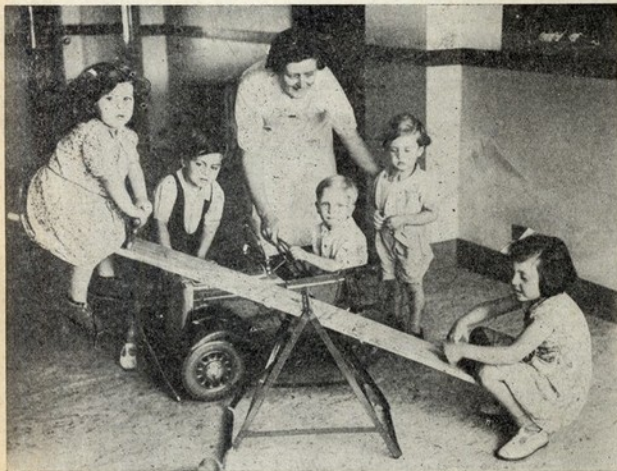
ORÇAMENTOS GRATIS
SEMPRE QUE PRECISEM, CONSULTEM:

AUTO ELECTRICIDADE — A. A. SILVA
AVENIDA 24 DE JULHO, 26-B, 26-C — LISBOA

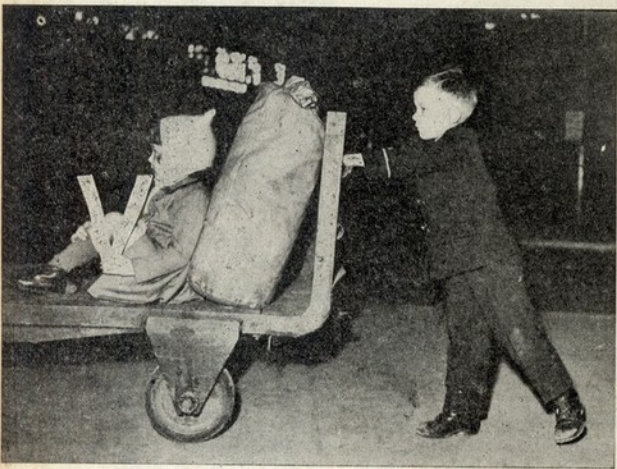
TELEF.: 27749 — TELEG.: AUTOSIL

As crianças inglesas

(Continuação)



Uma «nursery» londrina com o seu fantástico tesouro de brinquedos. O automóvel pode ser um tank e o balouço um Spitfire. O fotógrafo, como o gigante Gulliver, parece tê-las assustado



O passageiro mais pequeno que chegou, sôzinho, no comboio do norte a uma estação de Londres. O seu saco de bagagem, toda a sua fortuna, e o «V» simbolico na mão. O «carregador», também não é muito grande



Crianças grandes, que foram passar o seu domingo em Hampstead. Vertigem, velocidade, e uma sensação de que voar é tão fácil que os pilotos nascem no ar, espontaneamente

F. 660-67

PARA O PRINCIPIANTE...

...e para todos que queiram boas "fotos" com a máxima facilidade, este pequeno mas encantador "Kodak" é o mais recomendado. Tira 8 "fotos" de 4x6½ cm. com 1 rolo de película Kodak N.º 127



**BROWNIE
ESPECIAL 127**

Um modelo
KODAK
POR ESC. 45\$00

Avenda nas boas casas de artigos fotográficos
KODAK, LIMITED | 33, RUA GARRETT | LISBOA

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Porto

Tio Pepe
Amorosa
A. B. } Jerez
Nectar
Solera 1847

3 Copas } Aguardentes
Soberano } Jerezanas
Induperable

Superior Tawny } Vinhos do Porto
Special Tawny
Port in Sight
«54 Port.»

Depositários:

GARLAND, LADLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo—LISBOA

(Telefone 2 3311)



*The Liverpool & London
& Globe Insurance Co.º Ltd.*

Companhia de Seguros Inglesa, estabelecida em Portugal ha cerca de 90 anos.

“Seguros contra incêndio e outros ramos”

Agência Geral em Portugal:

10, Travessa do Corpo Santo, 2.º — LISBOA

EVOLUÇÃO E REVOLUÇÃO

pele Dr. MARQUES GUEDES

JDÉA sem dúvida sedutora, mas falaz, é a de que os estádios da organização social se sucedem em evolução, quer dizer, em ritmo cadenciado e lento e com a suavidade e a ordem de qualquer coisa que deslize sobre um chão plano e regular.

Mais de acôrdo com os ensinamentos da história e da sociologia será a noção de que a marcha da humanidade se faz por sobressaltos revolucionários, ora avançando, ora parando, ora retrocedendo, numa curva caprichosa. Que a natureza não dá saltos — é um brocardo já hoje contestável no mundo físico e uma falsidade manifestada na vida social.

Uma história miópe, feita por historiadores historisantes, descreve as lutas dos povos como uma série de choques determinados pelas ambições políticas dos chefes, pelas maquinações das chancelarias, às vezes por causas que, a um exame detido, logo se apresentam como verdadeiramente pueris. Mais avisado será prescrever, por debaixo das aparências, as causas profundas e, sobretudo, as consequências sociais dessas crises; e, quando se procede a tal exame, aquelas guerras políticas de predomínio, de sucessão, de rivalidades, aparecem a melhor luz como autênticas revoluções sociais, perturbadas por vezes no trabalho de parto de um mundo novo.

Já é banal apontar o carácter económico e social das Cruzadas, mas será ainda novidade para muitos acentuar esse carácter na Guerra dos Cem Anos, nas chamadas Guerras Religiosas, na série de choques, que, no final do século XVII e através do século XVIII, marcaram as etapas da larga luta pela posse do Novo Mundo, do início da era da colonização e da conjugação dos factores, que geraram a economia novecentista.

Esta foi nitidamente revolucionária. A' organização autoritária e hierárquica do Mundo Antigo e da Idade Moderna substituiu, em todos os campos da vida, a idêa da liberdade e, por consequente, da concorrência. Ela gerou muitos surtos magníficos na produção e na generalização do bem-estar material. Subiu extraordinariamente o sinal da vida social, e o acréscimo da população, índice seguro dessa elevação sensível das condições da existência, traduziu-se não só na triplicação demográfica do Velho-Mundo como na formação das nacionalidades novas e pujantes do continente descoberto na era de Quinhentos.

Não deixou, porém, de ter a seu reverso essa fase encantadora de equilíbrio e de progresso: — os excessos da concorrência, com as crises cíclicas e as de longa amplitude e profundidade; a concentração urbanista e a formação das populações proletárias; a exploração por vezes descorável do trabalho do homem; este mesmo orgulho fátuo duma ciência que, supondo erguer-se alto, cortava frequentemente os remiges, que alavam a alma humana das regiões, em que há paz das consciências e esperanças infindas de consolação e de resgate.

A segunda metade do século XIX já foi marcada por um esforço, ora sincero, ora pesado pelas perspectivas pánicas duma revolução de grande estilo, de disciplina de concorrência para atenuar os seus excessos — ou por uma auto-disciplina nas próprias actividades económicas, que se colgaram, se concentraram ou se integraram, ou por uma disciplina legal, que legitimou o internacionalismo do Estado para as soluções adequadas dos problemas do trabalho em mira de melhores formas de justiça social.

A guerra de 1914-18, não é difícil compreender que foi um episódio desse movimento no campo internacional. Os problemas na organização económica transcendiam das fronteiras; as actividades, melhor ou pior disciplinadas nos quadros nacionais, competiam no campo internacional, reproduzindo nestes todos os erros e desatinos da concorrência inorgânica dos mercados internos.

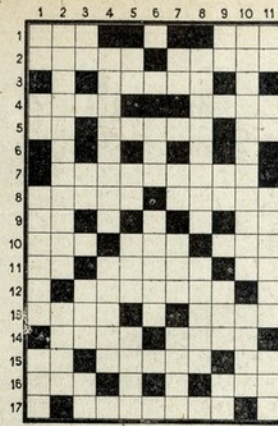
A paz militar foi apenas uma trégoa. Mera aparência de paz, pois que, na realidade, e às vezes mesmo no primeiro plano desta, continuou aberta a luta entre um esforço de cooperação internacional, sob a égide duma Sociedade de Nações, mal compreendida e por isso mesmo mal realizada, e o impulso, para não dizer o ímpeto dos nacionalismos, que tendem para o limite das autonomias.

Mas é sobremodo curioso notar que a necessidade da cooperação se impunha por tal forma e com tal império, que aquelas autonomias se procuravam a breve trecho temperar pela compensação. O Velho Mundo assistiu, por vezes, desatento, a uma extensa resolução monetária, que procurava corrigir pelo clearing as desordens perturbadoras dos câmbios.

E agora surgem na tela os delineamentos duma vasta tentativa de organização duma cooperação, que vai até às economias, não somente internacionais, mas continentais.

Nada mais aliciante do que esta idêa de substituir a um regime de países fechados como compartimentos estanques, o de uma espécie de sistema de vasos comunicantes, cada um trocando com os outros os produtos dos anos económicos e todos reciprocamente se comple-

(Continua na pág. 54)



PROBLEMA N.º 25

HORIZONTAIS

- 1 — Medida agrária — Artigo masculino — Parceiro.
- 2 — Estado atmosférico — Socorre.
- 3 — Consoante — Aquêlle que causa uma cousa — Consoante.
- 4 — Pântano — Prestável.
- 5 — Artigo árabe — Ousado — Laço.
- 6 — Consoante — Idem — Vogal — Idem — Idem.
- 7 — Capturados.
- 8 — Atendes — Pista.
- 9 — Confiança — Consoante — Idem — Idem — Reis (abrev.).
- 10 — Lírico — Irmã dos pais — Tanto.
- 11 — Artigo (pl.) — cumprimen.ta — Nota musical.
- 12 — Consoante — Acomodada ao molde — Vogal.
- 13 — Terra que era inculta e foi arroteada — Quaria Vogal — Corpos que se formam no ovário das fêmeas.
- 14 — Tempo do verbo «ser» — Ave de rapina.
- 15 — Campeão — Universo — Neste lugar.

- 16 — Inflexão de voz — Quinhentos — Cinquenta — Socorro.
- 17 — Vogal — Descripto com figuras — Vogal.

VERTICAIS

- 1 — Preposição inglesa — Utensílio doméstico. — Emerge — Prendo.
- 2 — Repisáveis — Oro.
- 3 — Preposição — Vogal — Letra grega — Consoante — Grande quantidade — Iniciais da nossa Revista.
- 4 — Sons articulados que fazem sentido — Põem solas — Consoante — Semelhante — Substitui.
- 6 — Artigo definido — Consoante — Preposição e artigo (fem. pl.) — Muito pequeno — Consoante — Idem.
- 7 — Preposição e artigo — Vogal — Fluido aeriforme — Nome de mulher — anagrama de «lida».
- 8 — Em cruz (pl.) — Suavizo — Cem.
- 9 — Polvilho — Consoante — Artigo (pl.) — Consoante — Moeda de Macau — Afastado.
- 10 — Governas — O Inferno.
- 11 — Pôpa — O lado do vento (naut.) — Corpo simples que se encontra nos minérios de platina (pl.) — Ensejo.



Solução do problema n.º 24



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE
SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

A um ano de vista

NOS seus discursos ultimamente pronunciados, na Camara dos Comuns ou através da rádio, o Primeiro Ministro insiste proposadamente num paralelo elucidativo entre a situação, tal como se apresentava há um ano, e a situação actual. Esse paralelo diz tudo sobre a grandeza e a importância de esforço desenvolvido pela Gran-Bretanha para continuar a guerra, no meio de riscos e dificuldades que só o futuro poderia revelar completamente, conduzindo-a a um fim vitorioso.

O primeiro facto a assinalar diz respeito à integridade territorial do Império britânico. Ao fim de dois anos de hostilidades, em que os reveses e os êxitos se têm alternado, nem um palmo de terra da Gran-Bretanha, dos seus Domínios, dos seus protectorados ou das suas colónias, se encontra em poder do inimigo. Em compensação as tropas inglesas ocupam toda a África Oriental italiana (Etiópia, Eritreia, Somália), a Síria e o Líbano, o Iraque e o Irão, este último em colaboração com as tropas soviéticas.

Segundo facto a assinalar: a superioridade naval da Gran-Bretanha, existente quando se iniciou a guerra, transformou-se em domínio absoluto. Esse domínio exerce-se no Atlântico e no Mediterrâneo. Em nenhum destes mares existem unidades da marinha de guerra inimiga em condições de realizarem operações de envergadura, ou tráfico comercial e transportes militares de valor apreciável. Os ataques germano-italianos à navegação britânica deminuem. Em compensação, os ataques ingleses aos barcos mercantes alemães ou italianos utilizados para fins de guerra tomaram uma amplitude excepcional.

Em terceiro lugar, deve registar-se a deminuição da margem de superioridade que a aviação do «eixo» possuía, quando da assinatura do armistício com a França, sobre a aviação inglesa. Declarações oficiais feitas em Londres anunciam que essa margem está praticamente anulada há algumas semanas, tratando-se agora de alterar o sentido em que, até aqui, têm oscilado a balança do poder aéreo.

E, quarto elemento a considerar: a produção. Há um ano, todo o sistema da produção de guerra na Gran-Bretanha estava directamente afectado pela intensidade e continuidade dos bombardeamentos aéreos. Agora, são os principais centros da produção do Reich que recebem diariamente a visita de numerosas esquadrilhas de bombardeamento britânicas as quais estendem, por vezes, o seu raio de acção às regiões industriais do norte de Itália. Lord Beaverbook transitou da pasta da produção aeronáutica para a pasta dos fornecimentos de guerra consagrando o seu esforço especialmente à construção de tanks. A Gran-Bretanha que possui uma indústria aeronáutica de primeira ordem faz, ao mesmo tempo, milhares de tanks por mês.

Estas realidades têm a sua repercussão inevitável. Há um ano, a diplomacia britânica lutava com dificuldades evidentes não apenas junto dos pequenos países do sudeste europeu, mas a sua posição em Washington, em Moscovo e em Tóquio encontrava-se enfraquecida pelo curso dos acontecimentos. Em doze meses, criou-se o bloco poderoso de nações que colabora com a Gran-Bretanha e contribui para facilitar a sua tarefa esmagadora.

Por último, a máquina da propaganda, tão essencial no actual conflito como as mais modernas e poderosas máquinas de guerra, adquiriu na Gran-Bretanha um valor novo e a sua perfeição, em todos os cantos do mundo, adquiriu uma ressonância maior. Não foi apenas a posição militar e política da Gran-Bretanha que, neste ano se tornou preponderante. Foi o seu prestígio que apareceu realçado em todos os campos em que a sua intervenção se tornou necessária.

O OBSERVADOR

A história

Nunca, na já longa história da Europa, alguém pode falar em seu nome. A diversidade das suas raças a que correspondem outras tantas fronteiras, mantém-se sejam quais forem as vicissitudes da guerra. Por vezes, pretendendo estabelecer confusões que, podendo convencer os que a exploram, deixam absolutamente incredulos os que as ouvem ou lêem. Uma delas é querer rotular de subversivos os movimentos de liberdade nacional, em que se afirma, por vezes, com o preço do sangue, o que o homem tem de mais caro na existência: o amor destrutível da pátria. Foi esse amor, lume vivo e ardente, que jamais se apaga, que levou, em 1640 um punhado de portugueses a sacudir com bravura o perigo estrangeiro. A história repete-se.

A confiança de Churchill

Quando Churchill assumiu o poder, as suas palavras eram graves, severas: «só vou tenho para dar lágrimas, sangue e sofrimento». Sempre que uzava da palavra punha em guarda os seus compatriotas contra um optimismo exagerado.

No seu último discurso, tão notável de elevação, afirmou: do planalto onde subimos ficando claramente os punhos na escarpas já se avista a meta desta guerra. E aos jornalistas canadianos, recentemente chegados a Inglaterra, esta frase que diz tudo: «Nunca nos sentimos neste país tão seguros de nós próprios e da nossa calma».

Não admira, pois, que o grande ministro ao visitar, há pouco, Liverpool correspondesse às manifestações entusiásticas da multidão, fazendo com os dedos o sinal da Vitória.

Há um ano

Dizia a emissora alemã Zeesen: «A Inglaterra carece de rápido auxílio, a não ser que desista de toda e qualquer resistência; mas esse auxílio urgente nunca mais chega. E, então, dos Estados Unidos, agora menos do que nunca».

E a rádio Roma: «Alcançámos sobre a Albion uma supremacia absoluta, em todos os sectores geográficos e políticos... Não queremos deixar de sublinhar, mais uma vez, que a Inglaterra já se encontra no estertor da agonia... A Somália britânica está perdida para sempre».

Enquanto a Deutschlandsender afirmava: «A R. A. F. só durante a noite se atreve a sobrevoar o território inimigo». Bremen rematava: «Queridos ouvintes, podeis estar descansados. O Natal está à porta e Hitler também!»

O valor da R. A. F.

O redactor aeronáutico da «Stampa» escreveu, num dos últimos números deste jornal, a propósito da acção da R. A. F.:

«A Gran-Bretanha tem uma dívida de gratidão a pagar aos seus aviadores. O ardor combativo dos seus pilotos atinge proporções gíngatas. A defesa anti-aérea britânica e o seu sistema de sinalização devem considerar-se perfeitos. Os aviões alemães de bombardeamento e de combate batem-se sempre em condições de inferioridade sobre o território britânico.

A superioridade moral joga sempre a favor dos pilotos da R. A. F. porque estes defendem a sua pátria. Estes, durante o combate, recebem uma assistência eficaz do seu comando».



ALMIRANTE TOVEY

O Almirante da Armada Britânica John Cronyn Tovey é o actual comandante da Home Fleet. Poucos oficiais da marinha de S. M. terão feito uma carreira tão rápida e tão brilhante. Poucos a terão, também, merecido como ele.

O almirante Tovey é um dos oficiais mais novos da sua patente. Apesar disso, o Primeiro Ministro entregou-lhe, numa hora decisiva para os destinos da nação inglesa e do seu Império, o posto de maior risco e responsabilidade. O homem que fez a sua escolha, é o mesmo que há vinte cinco anos tomou a responsabilidade pessoal de nomear para idêntico cargo o grande almirante Beatty.

O almirante Tovey nasceu em 1880, contando agora sessenta anos. Fez quasi toda a sua carreira a bordo de contra-torpedeiros, unidades que conhece admiravelmente e de cujo emprego na guerra moderna tem um conceito exacto e actual. Foi essa, decerto, uma das razões que contribuíram para que o seu nome fosse indicado para o comando supremo da grande esquadra do Atlântico.

O seu prestígio consagrou-se no decurso da batalha da Jutlândia em que comandou o famoso contra-torpedeiro «Onslow» que se distinguiu. O comandante do «Onslow» foi nessa altura promovido pela eficácia e pelo brilhantismo da sua acção militar.

Feita a paz continuou a dedicar-se ao estudo dos contra-torpedeiros. Só mais tarde assumiu o comando duma das melhores e maiores unidades da Armada Britânica, o «Rodney», funções em que igualmente se revelou a sua competência profissional.

Faz agora precisamente um ano (Outubro de 1940) que assumiu o comando da «Home Fleet», substituindo o almirante Sir Charles Forber. A actividade que tem desenvolvido no desempenho destas funções é verdadeiramente notável.

A acção recente empreendida pela esquadra contra o navio de linha alemão «Bismarck» veio pôr em relêvo o nome e a personalidade do almirante Tovey. O êxito final dessa operação foi, em boa parte, devido à sua iniciativa e à sua decisão. Foi por isso oficialmente louvado e condecorado recebendo a visita do soberano britânico.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^a

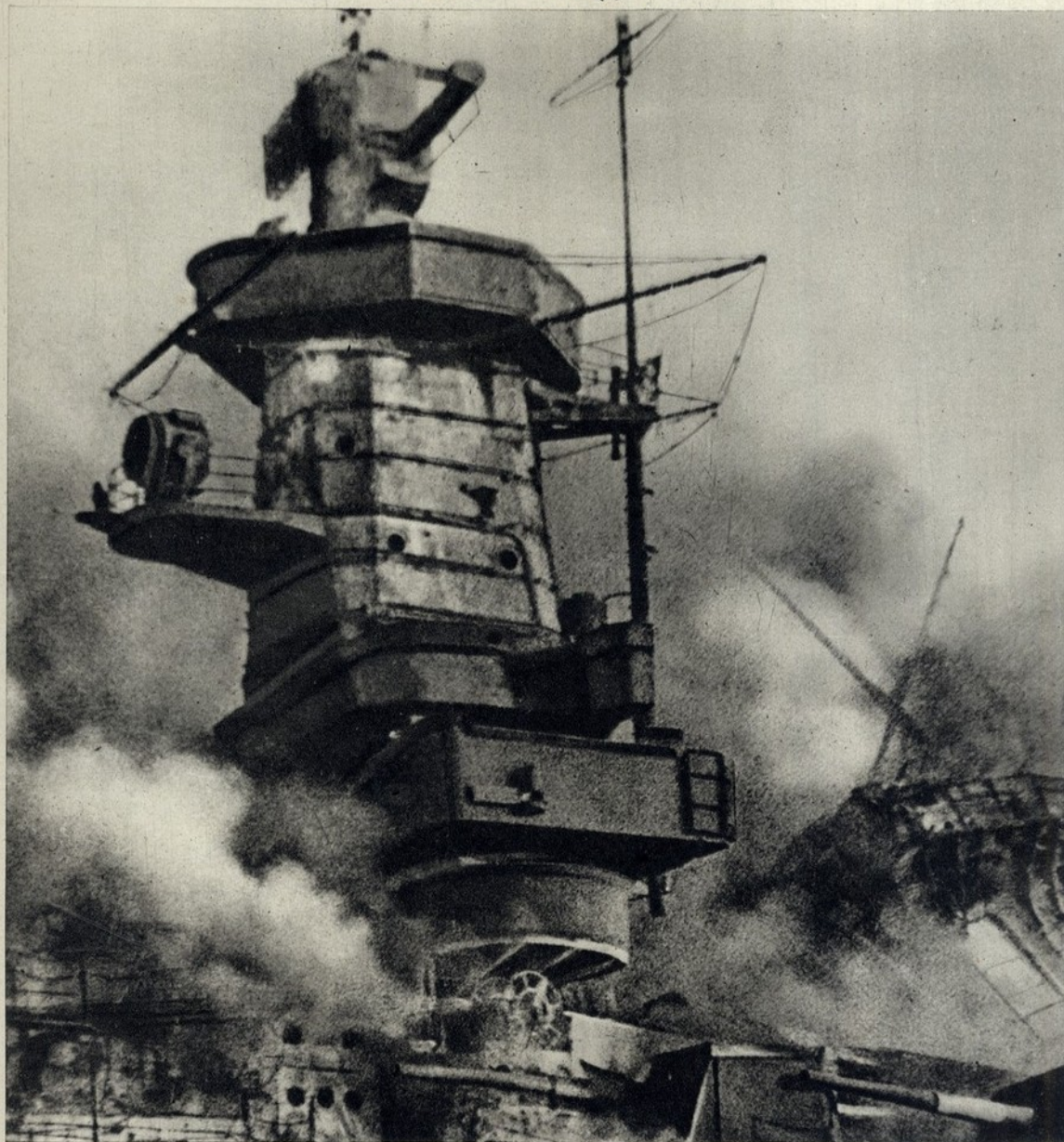
Redacção e Administração: Rua das Gâveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O «GRAF SPEE» EM CHAMAS

PANORAMA DA GUERRA

NUM ANO OS INGLÊSES GANHARAM: a batalha aérea do seu território, a batalha naval do Mediterrâneo e a batalha terrestre nas colónias

EM 10 de Maio de 1940 constituiu-se em Londres um governo novo. Presidia-o o homem que, desde o início das hostilidades, desempenhara as funções exaustivas do Primeiro Lord do Almirantado. Era sobre os seus ombros hercúleos de sexagenário que ia repousar todo o peso da guerra. Amigos e adversários da Gran-Bretanha sabiam que se

abria um capítulo novo na história da humanidade. O que se passou no decurso destes dezassete meses tem qualquer coisa de maravilhoso. Mas só pode ter espantado os que ignoravam os méritos excepcionais do Ministro Churchill e a tèmpera admirável do povo que êle dirige.

Sem dúvida a paisagem da guerra

transformou-se. Transformou-se também a paisagem das almas. E, entretanto, para os que seguem os acontecimentos superficialmente, para os que não penetram a sua essência e as suas repercussões inevitáveis, dir-se-ia que estávamos ainda nas horas incertas e inquietas, hesitantes e duvidosas que ficarão resumidas na história por esta palavra histórica: Narvik.



A soberania da Europa está agora na Gran-Bretanha. Os Reis de Inglaterra com a Rainha da Holanda, madame Benes, o Rei Pedro da Iugoslávia, os presidentes da Checoslováquia e da Polónia e o Rei da Noruega, em Londres



Paul Reynaud, último presidente do Ministério francês antes do armistício, que concebeu o actual conflito não como uma guerra europeia, mas como uma conflagração inter-continental.

É costume dizer-se que esta guerra não conheceu nada semelhante à retirada e à batalha do Marne. Ilusão! Poucas vezes, a um quarto de século de distância, a história terá oferecido um paralelo tão flagrante. O Marne desta guerra é também uma retirada e uma batalha. Chama-se Dunquerque.

Seguindo-se a sua concepção tradicional do equilíbrio de força no continente, a Gran-Bretanha aliou-se com a França, a exemplo do que fizera em 1914, para combater a potência que, sendo nitidamente mais forte, representava um perigo imediato de hegemonia. Era no solo francês que o corpo expedicionário britânico daria o combate pela consagração dos princípios religiosos, morais e políticos que estavam na essência da sua formação e da sua evolução histórica. Um desses princípios era a defesa das pequenas nacionalidades ameaçadas na integridade do seu território e na sua soberania.

Em cerca de mês e meio, o exército francês, unanimemente consagrado como a única força capaz de enfrentar com êxito o poder militar do III Reich, foi aniquilado.

Pouco antes, o Primeiro Ministro tomara uma decisão irrevogável. Ordenara a retirada do corpo expedicionário britânico e das forças valiosas da aviação de caça inglesas que operavam em França.

Cerca de trezentos e cinquenta mil homens e alguns centos de aviões era o que restava da coligação formada um ano antes pelos dois países mais ricos da Europa. Estava aberto o caminho para o triunfo definitivo das armas alemãs.

Quarenta e oito horas depois de assinado o armistício, Winston Churchill falava, pela rádio, à Inglaterra, aos Domínios, ao resto do mundo. O povo inglês não ignorava as dificuldades com que teria de defrontar-se e os perigos que encontraria semeados no seu caminho. Embora sozinho, iria até ao fim com a certeza íntima de que a vitória seria sua.

Em Agosto iniciava-se a mais espantosa luta aérea de todos os tempos: a batalha de Inglaterra. O projecto de invasão da ilha exigia que fôsse satisfeita uma condição prévia: a conquista do espaço aéreo. Lentamente, as esquadrilhas de bombardeiros alemães tomaram o caminho do Mar do Norte, adensaram-se sobre as cidades inglesas, encheram os portos, os arsenais, os quartéis com o ruído ensurdecedor de toneladas de bombas.

Que réplica podia dar a Gran-Bretanha, descuidada e confiante durante tantos anos, a essa avalanche de ferro e de fogo? No céu de Londres subiram os primeiros caças retirados de França. Tripulavam-nos alguns rapazes decididos



A chegada a Londres do Rei Jorge da Grécia, que tão nobremente encarna as virtudes guerreiras do seu admirável país



O general De Gaulle, chefe das Forças Livres francesas, passa revista aos marinheiros da sua esquadra

a todas as audácias. Em outubro a batalha aérea de Inglaterra terminava com uma vitória decisiva da sua aviação. O Primeiro Ministro resumiu o drama desses três meses de luta numa legenda de sabor helénico: "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos".

Mas a metrópole britânica é inseparável do seu império.

Na aliança militar correspondente à combinação política germano-italiana, os exércitos, a armada e a aviação de Itália tinham um papel definido: invadir o Egipto, atingir Alexandria, barrar a rota marítima das Índias. No dia em que esse projecto se efectivasse, o governo de Londres pediria a paz.

Em Agosto de 1940, quando a batalha da Inglaterra atingia o seu ponto culminante, as guardas avançadas do marechal Graziani atingiam Sollum. Quatrocentos mil homens das melhores tropas coloniais italianas propunham-se renovar, do ocidente para oriente, a tentativa napoleónica.

A vitória no mar era a condição indispensável da salvação em terra. Em dois recontros decisivos, Tarento e Cabo Matapan, a armada britânica conquistou dois



A entrada das tropas imperiais britânicas em Addis-Abeba. A bandeira da Etiópia é içada, entre aplausos da multidão, no palácio real do Negus



O Marne desta guerra chama-se Dunquerque.



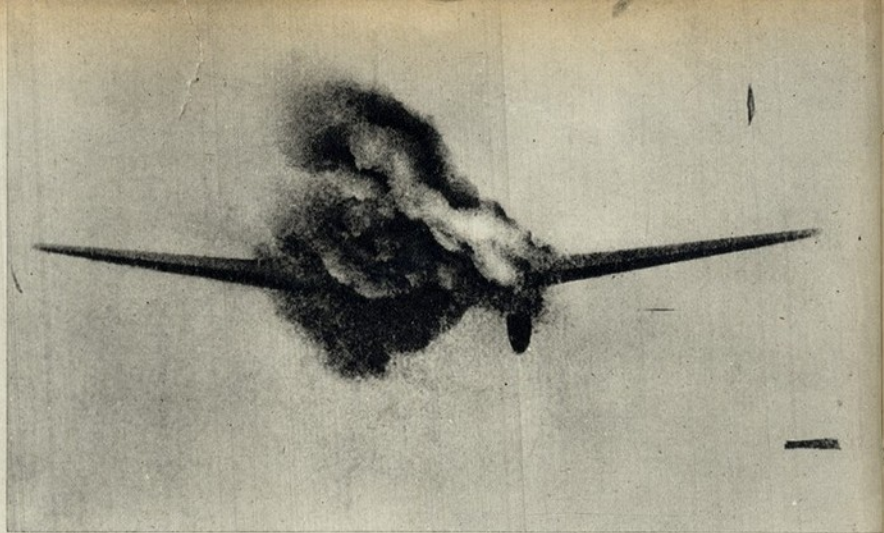
Tropas inglesas entram em Palmyra

êxitos que iam mudar a face dos acontecimentos. Dos seis navios de linha, quatro foram postos fora de combate. A estas perdas somaram-se, depressa, mais quatro cruzadores de dez mil toneladas. Nas águas do Mediterrâneo, como no céu de Londres, os ingleses resistiam tenazmente à corrente da adversidade.

Em 9 de Dezembro começava a campanha colonial. As tropas do general Wavell desencadearam uma ofensiva que, ao fim de três meses, se liquidava com os seguintes resultados: aniquilamento do corpo expedicionário do marechal Graziani, ocupação da Líbia, consolidação definitiva das posições britânicas no Egipto. Estes acontecimentos tiveram uma repercussão decisiva no panorama geral da guerra e na atitude dos povos árabes.

Em Janeiro de 1941 a aviação alemã fazia a sua aparição no Mediterrâneo; em Abril desembarcava em Tripoli um corpo expedicionário alemão, comandado pelo general Rommel. O Reich ia aventurar algumas tropas em Africa.

Que resultou dessa tentativa que, fundamentalmente, visava a remediar o malogro da acção italiana? A resistência inglesa em Tobruk não permitiu que a ofensiva alemã no Egipto prosseguisse. Sucessivamente os ingleses ocuparam o Irak, onde se dera um golpe de Estado de tendências pró-germânicas, a Siria, onde a atitude das autoridades francesas suscitara dúvidas e o Iran, estabelecendo-se assim um domínio ininterrupto desde a Líbia até à India. Fortificaram Chipre, bastião da defesa da Palestina e da Arábia. Criaram um poderoso exército, bem equipado e municiado. Concentraram no Próximo Oriente uma aviação numerosa e moderna. Organizaram naquelas paragens um arsenal a cujos depósitos, espalhados entre Calcuttá e Tobruk, afluem todos os dias canhões e tanks, metralhadoras e espingardas, armas e munições. Em pouco mais dum ano, com perdas insignificantes, a Gran-Bretanha ganhara três batalhas.



A "Luftwaffe", que preparava a invasão das ilhas britânicas, é derrotada na batalha de Inglaterra

O instinto político de Churchill anunciou-lhe, desde a hora em que assumiu as responsabilidades do poder, que a guerra na Europa era um episódio restrito da batalha mundial. A ameaça que impedia sobre o império britânico teria repercussões inevitáveis. Em Novembro de 1940 a reeleição de Roosevelt marcou o primeiro passo da intervenção americana. Em 22 de Junho de 1941 a entrada das tropas alemãs na Rússia desencadeava a luta de tipo continental, árdua e demorada, que permitiria o rearmamento máximo da Gran-Bretanha.

No mar a ofensiva submarina atingia nos doze meses decorridos a sua fase de maior intensidade. Essa ofensiva havia de pôr, inevitavelmente, o problema da liberdade dos mares caro à tradição norte americana. Os soldados americanos ocuparam a Islândia que se transformou na balisa externa do hemisfério ocidental. A armada dos Estados Unidos iniciou a protecção à marinha mercante aliada e neutra pelo sistema de comboios.

As conseqüências da intervenção americana são incalculáveis. Não as ignoram os que beneficiam dela nem os que por ela são prejudicados.

Entretanto a campanha da Rússia tem-se arrastado com fases diversas, dando origem a um entendimento estreito entre o bloco anglo-saxónico e o governo dos soviets para o prosseguimento da luta.

Em seguida à entrevista do Atlântico, que consagrou a unidade de êxitos anglo-americana, o presidente Roosevelt pediu a Lord Beaverbrook que examinasse com os técnicos competentes as necessidades em armamentos cuja satisfação é indispensável para alcançar vitória. O chefe da nação americana como o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha prepararam os seus compatriotas para uma guerra demorada, considerando que o tempo é o seu melhor e o seu mais útil aliado. Este ano a produção anglo-americana atingirá um ritmo satisfatório. Em 1942 os dois países vão produzir a pleno rendimento.

Que se passará, entretanto? Ingleses e americanos pensam que a supremacia naval é a base indispensável para que os seus pontos de vista triunfem. Em menos dum ano a Gran-Bretanha incorporou na sua esquadra três navios de linha de 35.000 toneladas (tipo "George V.") e os Estados Unidos incorporaram quatro unidades da mesma tonagem e de poder militar semelhante (tipo "Washington"). Até ao fim do corrente ano a armada britânica contará mais dois navios de linha (o "Jellicoe" e o "Beatty") além dos porta-aviões que devem seguir-se às duas unidades deste tipo postos em serviço e que já tomaram uma parte activa na perseguição e no afundamento do "Bismark". O primeiro programa de construções navais dos Estados Unidos (a completar até ao começo de 1943) inclui 17 navios de linha e 10 porta-aviões. O segundo (do plano chamado de esquadras dos dois oceanos) duplicará êsses números. Nada disso seria possível sem a resistência britânica desenvolvida entre Junho de 1940 e Junho de 1941. Foi ela que permitiu as esperanças que, mesmo os mais pessimistas, actualmente alimentam na Gran-Bretanha.



No meio do campo da batalha do Atlântico, o Presidente Roosevelt encontra-se com Winston Churchill, numa conferência histórica na qual se decidiu os destinos do Mundo



O Cortejo da Jarreteira, à saída do Castelo de Windsor. Vêem-se, entre outros, os seguintes cavaleiros: o rei Jorge V e a rainha Mary, o rei D. Manuel, príncipe de Connaught, lord Rosebery, duque de Marlborough, duque de Wellington, lord Cadogan, marquês de Londonderry, duque de Northumberland, marquês de Lansdowne, bispo de Oxford e bispo de Winchester

QUANDO OS REIS VIAJAM D. MANUEL EM LONDRES EDUARDO VII EM LISBOA

NO dia 2 de Abril de 1903, pelas três da tarde, fundeu, em frente do Terreiro do Paço, o "Victoria and Albert", que trazia a bordo o rei de Inglaterra Eduardo VII.

Cumprira-se, com a autêntica pontualidade britânica, o que fôra anunciado pelo governo inglês. O soberano vinha visitar o seu grande amigo el-rei D. Carlos e o país que sempre lhe merecera desvelos.

Mesmo antes de ser rei, o príncipe de Gales, tornou-se na sombra o benéfico obreiro da aproximação entre os dois povos. Soveral ouviu-lhe amiude as confidências. O herdeiro da corôa era devotado à nossa causa. Tendo

subido ao trono, vinha remediar males que outros tinham feito e os portugueses aclamaram-no numa quente atmosfera de simpatia. Envergando o uniforme de almirante português, que substituiria pelo de coronel honorário de cavalaria, o rei de Inglaterra foi cumprimentar as rainhas; visitou Sintra, recebeu o corpo diplomático no palácio das Necessidades, onde ficou hospedado, visto ser membro da família brigantina e da sua visita alguma coisa saiu de prestigioso para Portugal. As iluminações, o fogo de artifício, a récita de gala em S. Carlos, a recepção à colónia britânica, a inauguração do seu novo Club, com a ida a Cascais davam azo a grandes manifestações. Na grande sala do palácio da Ajuda, durante o jantar de gala de duzentas e dez talhores, sentia-se que se passava alguma coisa de altamente precioso para as duas nações.

Cinco anos depois, ao ter conhecimento da tragédia do Terreiro do Paço, ao saber do regicídio, o real "gentleman," não contivera a sua dôr de exclamar:

— "Mataram dois cavaleiros da Jarreteira.."

Subira ao trono el-rei D. Manuel. Era bem atormentada a sua vida política. Eduardo VII não o perdia de vista. Desejava mais do que receber o parente, honrar o rei do país amigo e o órfão do seu saudoso Carlos. A par dos bons desígnios que o animavam, o rei de Inglaterra devia sofrer de enorme desilusão. As balas dos regicidas tinham aniquilado o seu sonho talvez transmitido ao rei assassinado. A História, um dia, dirá se será um sonho ou um projecto muito acalentado.

D. Manuel II visitou Madrid, Paris e Londres e, em volta da sua viagem à capital britânica, entreteceram-se, segundo uns, fantasias, para o critério de outros, autênticas realidades. Dizia-se que o rei de Portugal seria noivo duma princesa britânica. Acudiu a lançar-se, no rumor da falada união, o "Manchester Guardian" com frases contrariadoras.

Eduardo VII acarinhou o soberano português em Windsor; hospedou-o com ternura, mostrou abertamente o muito que lhe queria e condecorou-o com a Jarreteira. Aquele cavaleiro substituiu os que tinham sido assassinados.

Lá longe, ouvindo as aclamações do povo inglês, geralmente tão reservado, o soberano cujo trono oscilava, decerto não pensaria ainda que àquele lar britânico teria de se abrigar na luz da tormenta que o arrojou ao exílio.

Londres recebera-o com entusiasmo além das festas oficiais. Vê-lo-ia, depois, ao lado de Jorge V, sendo proscrito mas nunca exilado do coração da família real inglesa.

Rocha Martins



O Rei D. Manuel II com as insígnias da nobre e secular Ordem da Jarreteira



Eduardo VII em Cascais, com o Rei D. Carlos. Dois grandes amigos e dois grandes diplomatas



A Rainha Alexandra da Inglaterra visita Portugal. A seu lado vê-se D. Carlos que lhe deseja afectuosamente as boas vindas



Eduardo VII e D. Carlos no Terreiro do Paço, quando do regresso do soberano inglês ao seu país, em 7 de Abril de 1903



A visita oficial de D. Manuel a Eduardo VII. O Rei de Portugal com o seu séquito, no Castelo de Windsor, rodeando-o, da esquerda para a direita, D. Fernando de Serpa Pimentel, Marquês de Soveral, Visconde de Asseca, Conselheiro Carlos Bocage, Ministro dos Estrangeiros de Portugal, oficiais ingleses ás ordens do almirante Fortescue e capitão Saymour, Duque de Palmela, Conde de Sabugosa, Marquês de Lavradio, António Bandeira e dr. Melo Breyner



Os submarinos alemães são sistematicamente eliminados dos mares. Depois de atacado com bombas de profundidade, um submersível inimigo foi destruído por este destroyer inglês



O raid dos ingleses a Spitzberg. Tudo quanto o inimigo podia aproveitar foi inutilizado. Este montão de sucata era uma importante refinação de combustíveis



Bombas sobre Berlim! A bordo dum avião pesado Stirling, empregado pela R. A. F. nos bombardeamentos da capital do Reich. A ofensiva aérea inglesa prossegue, cada vez mais intensa e eficaz



O Comando Costeiro inglês vigia o Mar do Norte, destruindo todos os navios do inimigo. Um Blenheim atingiu o alvo. O mercante começa a arder

A INGLATERRA NA OFENSIVA



Uma formação de carros de assalto tripulados por indianos, nos arredores de Tobruk



O Exército inglês e dos seus aliados treinam-se constantemente, aperfeiçoando a sua eficiência militar. Tropas checas, num exercício de fogos reais, preparam-se para a hora decisiva em que se lançarão no combate com aquele fervoroso patriotismo que é apanágio da sua raça heróica



Assim se batem, heroicamente, os de Tobruk, no limiar de deserto. Um punhado de homens contra um exército. O fumo denso que sobe no horizonte é o dum paiol de munições, que foi atingido pela artilharia da cidade invencível



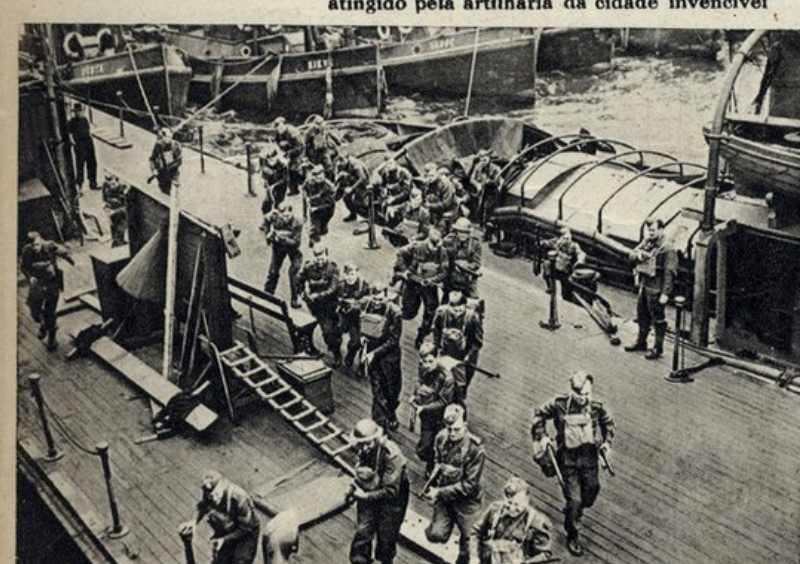
Estes dois soldados ingleses atravessam um rio com as suas mortíferas metralhadoras "Bren."



Nesta hora a Gran-Bretanha já conquistou a supremacia aérea construindo ali e na América mais aviões do que o inimigo. Agora das suas duas mil fábricas saem torrentes destes poderosos tanks



Tropas paraquedistas que foram recrutadas e seleccionadas em todas as armas do Exército inglês. São soldados enérgicos e decididos a quem, no momento decisivo, serão confiadas as mais arriscadas missões



As tropas inglesas num exercício de desembarque. Quando e onde? Trata-se da famosa "Home Guard", na qual estão alistados dois milhões de homens



Singapura, a chave do Oriente, que domina os mares da China. Um canhão de grosso calibre faz fogo. E' a voz do império, mais dura do que nunca, que repercute no mundo

CARTA DE LONDRES

A moderna técnica de transfusão de sangue e o tratamento dos feridos de guerra

Em Londres, um ferido que necessite urgentemente de sangue, pode receber a sua transfusão dez minutos depois de dar entrada no hospital. Se nos lembrarmos que antes da guerra se perdiam mais de três horas para preparar uma transfusão, já podemos fazer uma ideia do progresso realizado e do número de vidas que actualmente se salvam por este meio. O método empregado para administrar a transfusão de sangue é tão simples como o método empregado para a tomada de sangue. Basta desenrosçar a tampa do frasco e aparafusar um aparelho de transfusão, devidamente esterilizado que vem junto com o frasco. Inverte-se o frasco e, logo que a agulha é introduzida na veia, o sangue segue o seu caminho sem dificuldades. Desta sorte, pode executar-se uma transfusão de sangue em casa do doente ou no campo de batalha, mas para o caso que agora nos interessa as transfusões quasi sempre feitas no hospital durante a rotina da admissão.

Além das hemorragias e choque os problemas cirúrgicos mais importantes que resultam dos grandes bombardeamentos aéreos são a concessão, as fracturas múltiplas ou lesões de esmagamento, devidas em geral ao desmoronamento dos edifícios e às queimaduras.

As lesões devidas à concussão tem dado muito menos que fazer do que se esperava. Os problemas mais importantes e mais urgentes são, portanto, as fracturas múltiplas e as queimaduras.

As bombas incendiárias provocam milhares de queimaduras e por isso a técnica do tratamento destes ferimentos especiais sofreu uma evolução profunda e tende a melhorar consideravelmente. Criaram-se por todo o país centros especializados onde este ramo especial da cirurgia é estudado com todo o cuidado tendo-se obtido já resultados muito animadores e espera-se vir a atingir resultados ainda muito melhores.

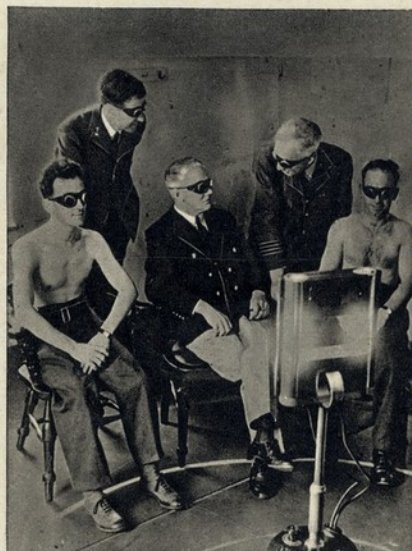
Nos postos de primeiros socorros estão espalhados convenientemente por todo o país, as queimaduras menores que não requerem hospitalização são lavadas com água morna e sabão e pensadas com gaze impregnada em vaselina esterilizada se se tratar de queimaduras na face ou nas mãos, ou pomada de ácido tânico ou tripleanilina (violeta de genciana, verde brilhante e acriflavina neutra) a 1% se se tratar de queimaduras noutras partes do corpo. Enquanto se não formar uma crosta seca as roupas não devem entrar em contacto com a região queimada. É claro que os coagulantes — ácido tânico ou tripleanilina — se não devem aplicar enquanto

as queimaduras não tenham sido adequadamente lavadas. As queimaduras graves aplica-se apenas vaselina enquanto o doente não chega ao hospital, isto sem tentar arrancar as roupas que aderem aos tecidos queimados. Neste caso, o doente recebe sempre uma injeção de morfina de 30 a 50 centigramas.

Uma vez hospitalizado o doente é anestesiado e procede-se à limpeza sistemática das queimaduras com água morna e sabão a que se segue um banho de água salgada a uma temperatura um pouco superior à do corpo. No entanto, para evitar a perda de calor não se expõe as queimaduras extensas dumavez. Expõe-se apenas uma zona limitada e não se passa a outra zona antes do tratamento daquela estar completamente terminado. Depois de ser completamente limpa a zona queimada deve ser secada assim como a pele que rodeia a queimadura e polvilhada com sulfanilamida. Aplica-se então um dos coagulantes seguintes que actuam rapidamente sem necessidade de aparelhagem especial: nitrato de prata a 10%; ácido tânico a 10%; tripleanilina ou então alternadamente nitrato de prata a 10% e ácido tânico a 5%. Não é preciso colocar pensos sobre a rota que apenas deve ser coberta com uma toalha esterilizada. Os bordos da ferida ou as fendas que se produzam na crosta são polvilhados diariamente com sulfanilamida.

Nas queimaduras da face, das mãos, pulsos ou pés não se empregam coagulantes porque estes tendem a formar contrações, correndo-se também o risco de contrações perigosas de tecidos dos dedos e pálpebras.

Nestas zonas em que se não aplicam coagulantes o tratamento é o seguinte: depois de lavada a queimadura, seca e polvilhada



Lord Nuffield prossegue a sua admirável obra de altruísmo. Depois de ter dotado os hospitais do seu país de numerosos pulmões artificiais, ofereceu-lhes agora, para tratamento dos pilotos nocturnos da R. A. F. uns magníficos aparelhos de recuperação de sol. El-lo com dois oficiais de aviação e o comandante dum posto médico

com sulfanilamida, tal como nos outros casos, aplica-se um penso de "fulle gras", penso este que é coberto por 6 a 8 camadas de gaze embebida em água salgada quente. É preciso manter a gaze sempre húmida. Esse penso é mudado duas vezes ao dia; se for possível a impressão num banho de água salgada quente, o penso solta-se por si mesmo, no caso contrário desprende-se fazendo correr levemente água salgada quente sobre a ferida. No caso de ser possível o banho de imersão em água salgada quente este deve-se prolongar durante uma hora ou mais. Depois do banho, seca-se a ferida que é polvilhada, assim como a pele circunvizinha com sulfanilamida, antes de se aplicar novo penso.

Em Londres existem três hospitais especializados em queimaduras extremamente graves que necessitam de plásticas muito extensas e para onde são transferidos os casos muito graves.

Oscar da Silva



O sangue que está guardado neste tubo, para transfusões, foi dado por vários voluntários ingleses e americanos. É conservado a uma temperatura que varia entre 2 e 6 graus centígrados e conserva-se indefinidamente

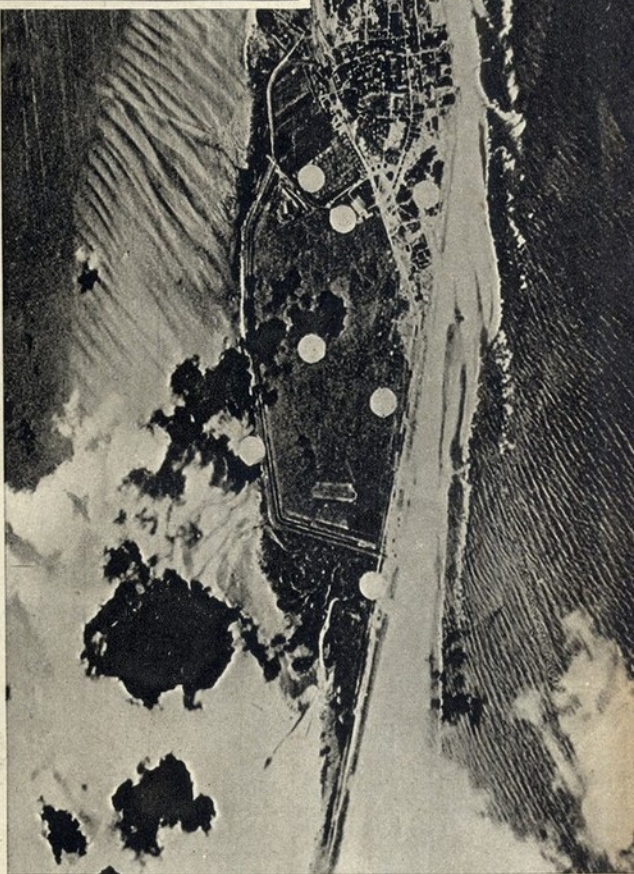
UM RAID SÔBRE A ALEMANHA



Grupos de "fortalezas voadoras" e de "Stirlings" partem para um raid sobre a Alemanha e países ocupados. O comandante dá as últimas instruções



As formações separam-se. Sobre a costa francesa as baterias anti-aéreas do inimigo fazem fogo, mas nenhum avião é atingido e prosseguem até os seus objectivos



Outro — a ilha fortificada de Heligoland, que é visada em pleno por uma poderosa formação de fortalezas voadoras. Os principais objectivos, como baterias anti-aéreas, docas, depósitos de munições, hangares, etc., que a fotografia assinala, são alvejados



Um deles — Colónia, importante centro industrial do Ruhr. Os autos-fornos são atacados. Numerosos incêndios são ateados pela R. A. F. num bombardeamento devastador



A missão foi cumprida integralmente. Todos os objectivos atingidos. Todos os aparelhos regressaram à base e os tripulantes são interrogados pelo oficial de informações acerca da maneira como o raid decorreu

A RADACLIFFE CAMERA DA UNIVERSIDADE DE OXFORD

A INGLATERRA MOSTRA-NOS, NUMA NOTÁVEL EXPOSIÇÃO NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES, PROMOVIDO PELO INSTITUTO BRITANICO EM PORTUGAL, ALGUNS DOS SEUS MAIS NOTÁVEIS PADRÕES DE ARQUITECTURA ESCOLAR • AO LADO DE MARAVILHOSOS MONUMENTOS UNIVERSITÁRIOS DOS VELHOS SÉCULOS, ADMIRÁVEL PATRIMÓNIO CULTURAL E ARTÍSTICO DO GRANDE PAÍS, COM A SUA HISTÓRIA, A SUA BELEZA E A SUA RADIAÇÃO INTELECTUAL, DESTACAM-SE LUMINOSAS CONCEPÇÕES DE ESTILO MODERNO, DE SUGESTIVA EXPRESSÃO DECORATIVA, COMO ESCOLAS MUNICIPAIS, INSTITUTOS, «NURSERY» E OUTROS EM QUE AO EQUILÍBRIO E Á HARMONIA DAS FORMAS EXTERIORES, CORRESPONDE, NO ENSINO, O MAIS LATO DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE HUMANA





FANTASIA ORIENTAL

(Cliché de Silva Nogueira)

A SUPREMACIA DOS MARES

AO cabo de mais de dois anos de guerra, a tarefa da armada britânica aparece projectada sobre todos os oceanos numa multiplicidade de missões que define, por si só, as inesgotáveis possibilidades da maior força naval do mundo.

Do Artico ao cabo Horn, os poderosos couraçados ou as pequenas corvetas, hasteando a «White Insign», ocupam os mares assegurando o tráfego pelas grandes estradas oceânicas. Combóios intermináveis — alguns com mais de cem navios — chegam intactos ao seu destino depois de terem percorrido milhares de milhas. Transportes de tropas trazem, incólumes, das mais reconditas partes do Império, soldados excelentes e material moderníssimo para os teatros da guerra.

O povo inglês não sente a fome porque a sua marinha, com a qual ele sempre gastou tanto dinheiro — bem empregado, afinal — lhe garante o ritmo necessário à torrente de abastecimentos das Américas e do Império distante.

O domínio do mar foi sempre, através dos tempos, factor decisivo para o desfecho das contendas. Mas nesta guerra, que se vai metamorfoseando numa luta de continentes, separados pela água, esse factor terá, inevitavelmente, nitida função de carácter decisivo.

A armada britânica, apesar das perdas sofridas, está hoje — com os seus novecentos e cinquenta navios — mais forte do que em 1 de Setembro de 1939. Esta afirmação vale, não pelas palavras que envolve mas pelos números que a confirmam.

Perdeu dois navios de linha antigos com 73.000 toneladas, e incorporou três, moderníssimos, (classe «King George V») com 105.000. Viu desaparecer dois porta aviões e substituiu-os por quatro. Teve nove cruzadores afundados e fez entrar em serviço dezoito. Sobre os cinquenta e três contra-tropeiros e os vinte e nove submarinos perdidos tem hoje, respectivamente, sessenta e oito e trinta novas unidades. Por outro lado, as perdas em aviões, navios de escolta e unidades mineiras tem sido também compensadas com uma larga margem.

Mas, ao lado da Armada Real há ainda, a combater vigorosamente pela mesma causa, uma poderosa esquadra internacional que compreende: sessenta e dois navios franceses, quarenta e sete holandeses, doze noruegueses, quinze gregos, sete polacos e cinco iugoeslavos, lutando sob os seus respectivos pavilhões mas debaixo da direcção superior do almirantado britânico. Tal é o impressionante conjunto naval aliado do momento, a que Churchill chamou um dia a «Grande Frota da Liberdade».

Como e onde se desenvolve a acção das frotas aliadas? Vejamo-lo num rápido e sucinto golpe de vista.

Oceano Ártico — Cooperando com a frota soviética e protegendo o abastecimento do norte da Rússia em material de guerra, combustível e abastecimentos fornecidos pelos americanos.

Atlântico Norte — Defendendo o litoral da ilha britânica; atacando a navegação inimiga; exercendo o bloqueio desde Narvik a S. Jean de Luz; protegendo, agora com a colaboração da armada americana os combóios dos Estados Unidos e os que se destinam ao Mediterrâneo; varrendo as minas ou lançando-as onde é necessário; perseguindo e destruindo os corsários de superfície e os submarinos.

Atlântico Central — Protegendo os combóios de Gibraltar para o norte; vigiando a entrada do Mediterrâneo; exercendo o bloqueio ou caçando os submarinos ou corsários de superfície.

Atlântico Sul — Protegendo a posição estratégica da Costa do Ouro e o litoral das possessões da França Livre; escotando a navegação para a América do Sul e caçando os corsários de superfície.

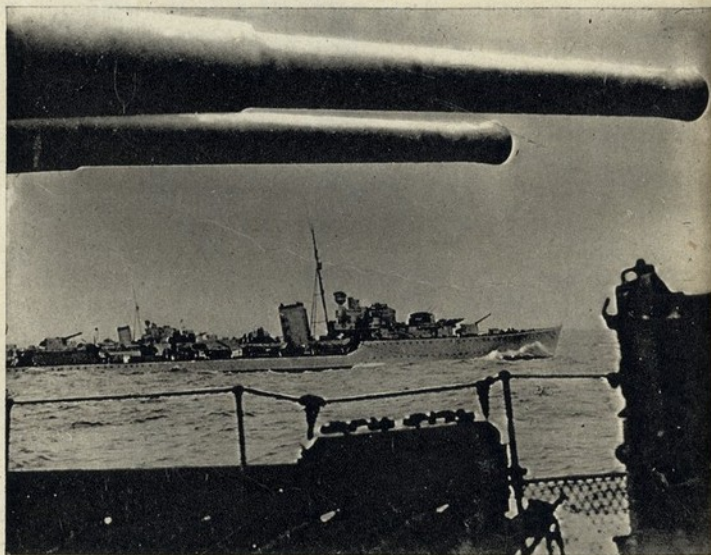
Mediterrâneo — Garantindo as comunicações e os abastecimentos de Gibraltar, Malta, Chipre e o Próximo Oriente; dando combate à frota italiana, cooperando com o exército nas operações no norte de África, na Síria e no Mar Vermelho; tornando possível a épica resistência de Tobruk; assegurando a posse das posições de Malta e de Chipre; dificultando grandemente o reabastecimento das tropas germano-italianas na Líbia e na Tripolitania.

Oceano Indico — Protegendo os combóios de tropas vindas do Império. Distante e, de uma maneira geral, toda a navegação aliada; reforçando a posição de Singapura; caçando os corsários.

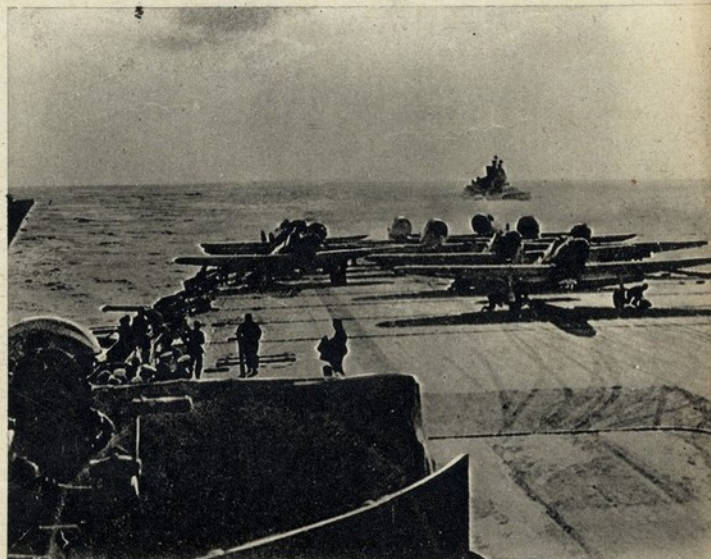
Extremo-Oriente — Mantendo a soberania nas posições britânicas e mostrando que, apesar de empenhada na maior tarefa que jamais suportou, a Marinha Britânica, ainda dispõe de forças para manter, praticamente inactivas, em regiões bem distantes, pelo menos até agora, do teatro da guerra.



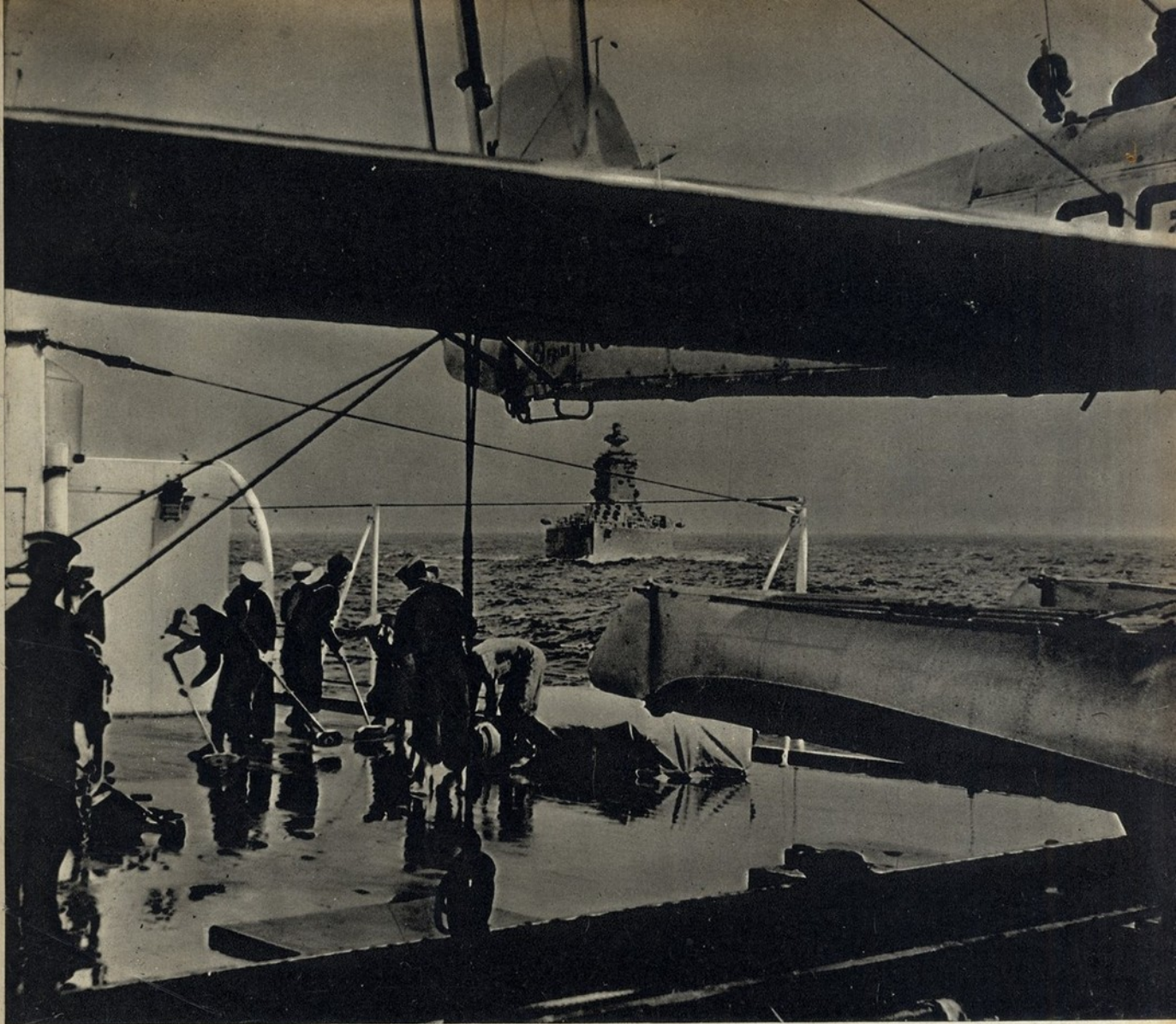
O poder indestrutível da Armada britânica. Uma divisão de contra-tropeiros bombardeia de noite os portos do Norte da França



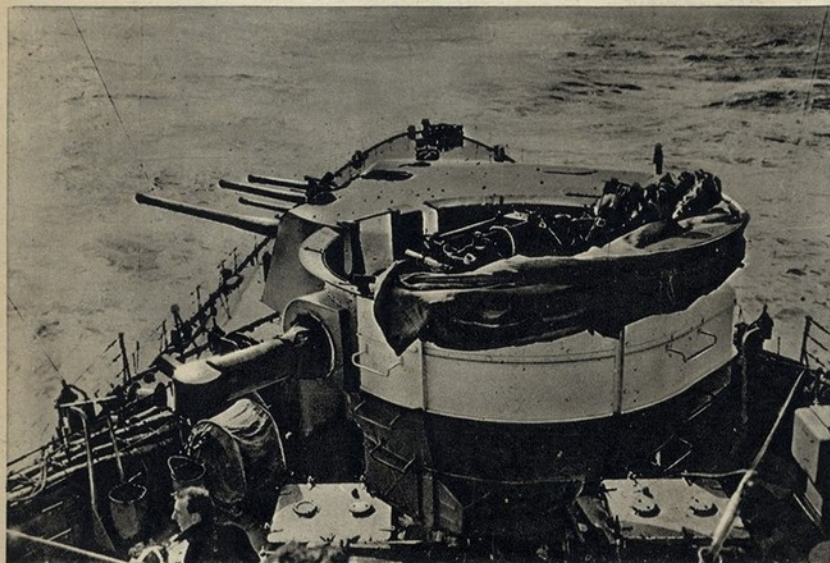
Os canhões da Armada Real dominam os mares. Uma flotilha de destroyers rasgam vertiginosamente as águas do Mediterrâneo para dar caça ao inimigo



Um gigante do mar. Sobre a plataforma da aço deslisam velozmente os aviões para uma missão de reconhecimento no Atlântico



A Gran-Bretanha tem hoje mais navios do que no princípio do conflito. A sua linha de couraçados é invencível. Tôres gigantes erguem-se nos mais longínquos horizontes oceânicos, afirmando a grandeza naval do Império. "Graf Spee", "Bismark", Tarento, Matapan, são, entre outras, as notáveis façanhas da "Royal Navy"



A Inglaterra revê-se com orgulho nos seus poderosos cruzadores. Eis uma divisão em pleno Atlântico depois de ganha a batalha



Um destroyer britânico patrulhando o Oceano Glacial Ártico

AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

Andava eu a espalhecer, em Goodwood, com um tempo maravilhoso, pensando na maneira de ganhar dinheiro, quando, na fronteira da Índia, estalou a revolta das tribus Pathan. Li nos jornais que estava a organizar-se um corpo expedicionário que seria comandado por Sir Bindon Blood. Telegrafei-lhe, imediatamente, recordando a sua promessa e tomei o comboio de Brindisi a fim de poder seguir para a Índia. O meu pedido foi apoiado junto do general, por lord William Beresford que me recebeu, antes de partir, no club de Marlborough. Os Beresford tinham um grande ar. Tudo o que diziam tinha o ar das coisas definitivas. Recordo-me da sua declaração ao anunciar a minha partida para o Oriente, num grupo de amigos, todos mais velhos do que eu: «Parte esta noite para o Oriente. Dirige-se ao teatro das operações».

Esta expressão «para o Oriente» impressionou-me. Qualquer outra pessoa teria dito que ia para a Índia. Mas, para a geração de que ele fazia parte, o Oriente era a porta das aventuras e das conquistas de Inglaterra. «Para a frente?» interrogaram os presentes. Infelizmente ainda lhes não podia responder com uma afirmativa. Limitei-me, por isso, a responder: «Espero que sim». Todos se mostraram cordiais e alguns mesmo calorosos. Senti, nessa altura, a minha importância. Mas fui discreto quanto aos planos de campanha de Sir Bindon Blood.

Cheguei mesmo à hora da partida do comboio. Entrei neste com a melhor disposição do mundo. Uma viagem à Índia basta. As outras são repetições. Era o período mais quente do ano. No Mar Vermelho sufocava-se. Os «punkahs», agitados pelas mãos, pois naquele tempo não havia ventoinhas elétricas, faziam um ruído especial na sala de jantar do navio, que ia cheia de gente e impregnada do cheiro característico da comida. Estes inconvenientes não eram nada em comparação com a ansiedade que me dominava. Eu renunciara a uma licença de duas semanas. Quando cheguei a Brindisi não encontrei a resposta de Sir Bindon Blood, que esperava. Estava, com certeza, em Aden. Logo que cheguei a esta cidade estive sobre brasas enquanto era distribuído o serviço telegráfico. Para mim não havia nada. Em Bombaim tive boas notícias. O general tinha-me enviado o

seguinte telegrama: «Muito difícil. Não há vagas. Venha como correspondente. Depois se verá. B. B.».

A primeira coisa a conseguir era uma licença no regimento de Bangalore. Para isso tinha de fazer uma viagem de dois dias, em direcção oposta àquela que estava seguindo. O regimento ficou surpreendido ao vê-me regressar, antes de acabar a licença. Para mais, um oficial subalterno era sempre bem-vindo, dadas as exigências do serviço.

Entretanto, eu fora nomeado correspondente de guerra do jornal «Pioneer» e minha mãe arranjara as coisas para que as cartas que eu enviava fossem, simultaneamente, publicadas no «Daily Telegraph». Este assentara em me pagar cinco libras por coluna. Não era muito, visto que eu tinha que pagar todas as minhas despesas. Munido com estas indicações, apresentei ao meu coronel o telegrama que tinha recebido de Sir Bindon Blood. Mostrou-se indulgente. O destino favorecia-me. Embora o telegrama não tivesse carácter oficial, disse-me que eu podia partir e correr a minha sorte.

Nessa mesma noite parti com uma ordenança e uma barraca de campanha para a estação do caminho de ferro de Bangalore onde comprei um bilhete para Nowshera. O empregado indio agarrou logo o pequeno saco de rupias que eu lhe estendi e, em troca, deu-me um bilhete vulgar. Tive a curiosidade de lhe perguntar qual era a distância que teria de percorrer. O indio, com a maior delicadeza, consultou um guia e respondeu-me: «2.025 milhas». Afinal a Índia era, de facto, um grande país! Eram cinco dias de viagem, por um calor tórrido. Viajei sozinho. Como tinha livros à minha disposição, não me aborreci. As carruagens nos comboios da Índia são grandes, forradas de couro, protegidas contra os calores do sol. Como se mantêm frescas estão perfeitamente adaptadas às exigências e às condições locais. Passei cinco dias no comboio, como numa cela escura e movediça. A maior parte desse tempo passei a lê-lo à luz duma lâmpada.

Interrompi a viagem para me demorar um dia e uma noite em Rawalpindi onde tinha um amigo no 4.º de Dragões. Em Rawalpindi notei já uma certa agitação, embora a cidade ficasse a algumas centenas de milhas da frente. A

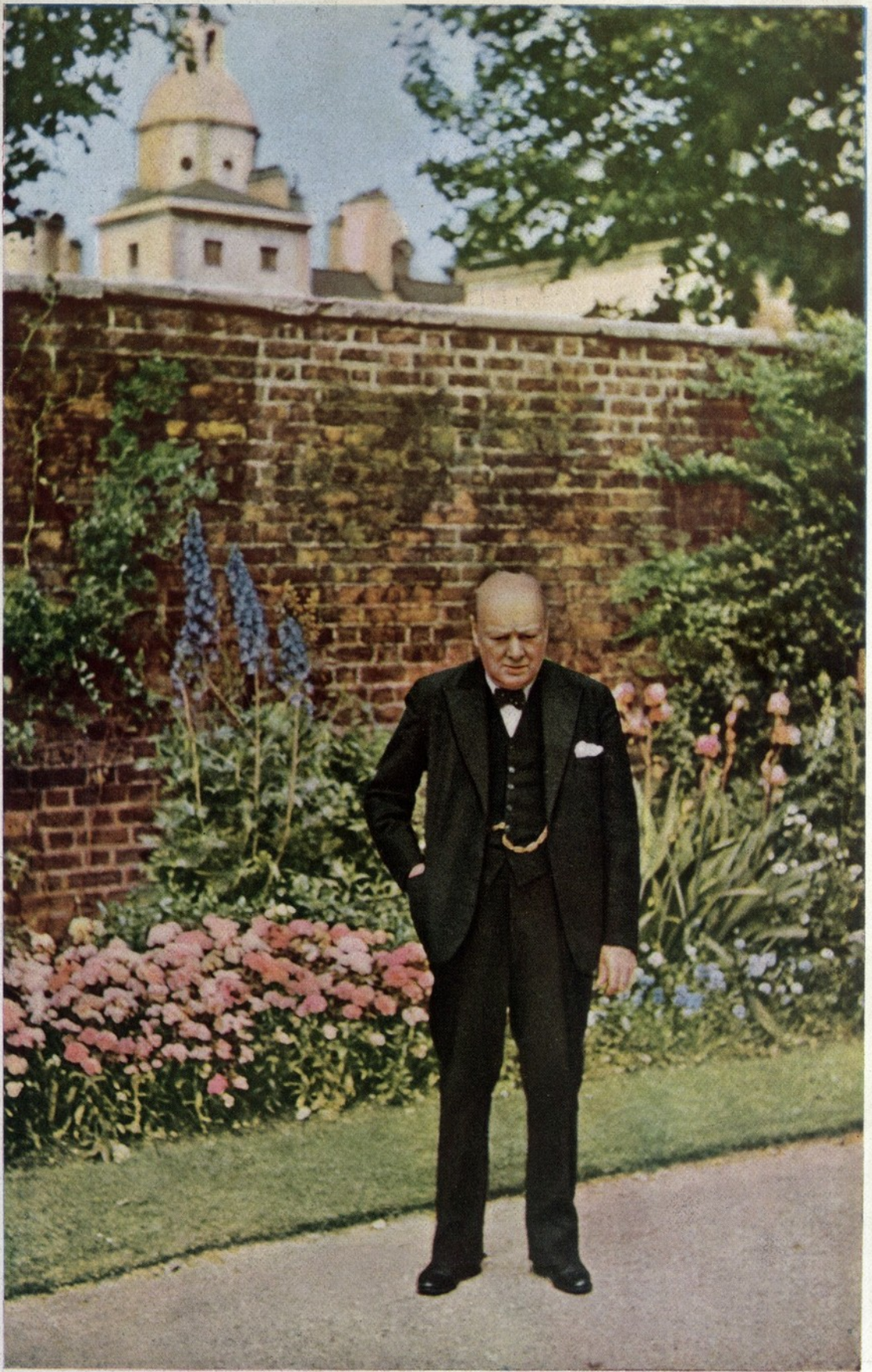
(Continua na pág. 54)



O Primeiro Ministro, à saída da Catedral de S. Paulo onde se celebrou uma cerimónia religiosa para comemorar o 18.º aniversário do rei Jorge da Iugoslávia, conversa com o embaixador Maisky



"O maior orador parlamentar do século XX"



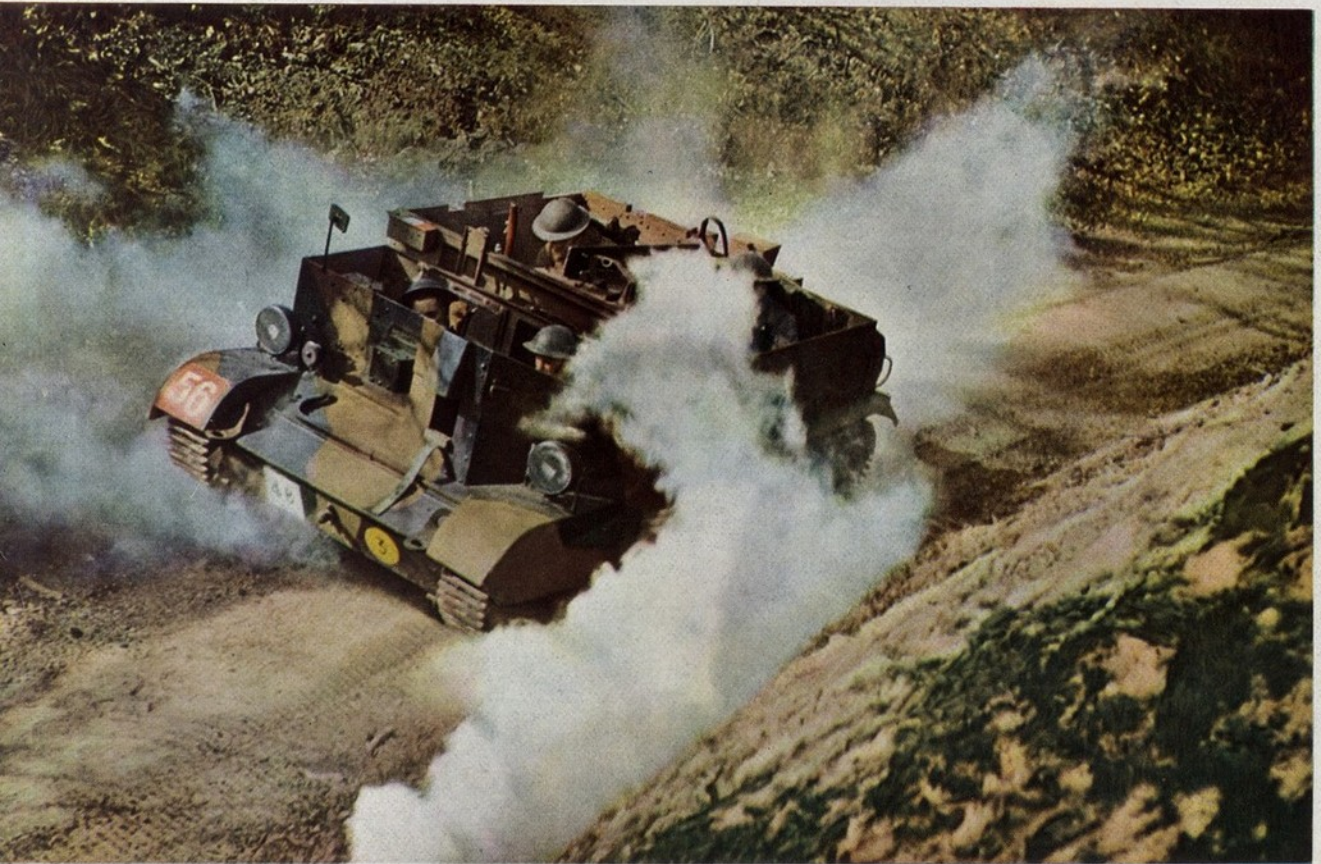
WINSTON CHURCHILL
O HOMEM CUJA CONSCIÊNCIA ILUMINA O MUNDO



A Inglaterra é a maior potência naval do mundo. O ferro e o aço das suas esquadras dominam os oceanos e são as façanhas dos seus marinheiros que constituem os lances mais gloriosos da sua história. Nesta guerra, como na outra, são as superfícies líquidas que decidem o conflito. Bloqueio dos continentes, troca de produtos e uma circulação avassaladora de material de guerra que, vindo dos Estados Unidos, está agora inundando literalmente a Grã-Bretanha e os países seus aliados. A chave da vitória é o mar.

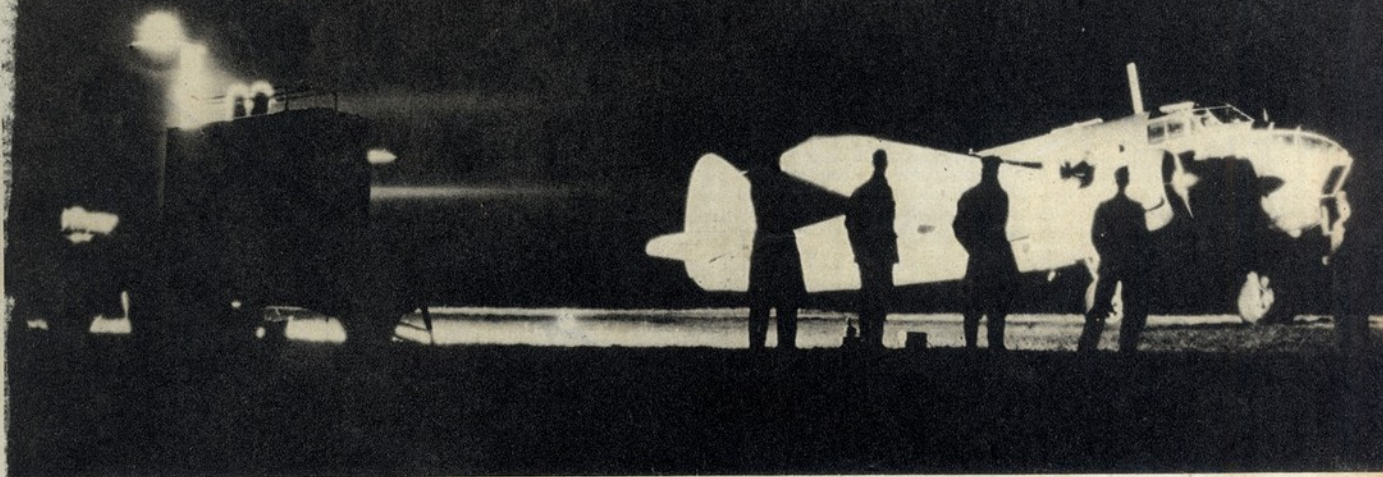


São estas esquadrilhas que dominam agora a Europa. À medida que a aviação do inimigo decresce, a da R. A. F. engrandece-se formidavelmente. Mas, o material não é tudo. O homem é-lhe superior. Os aviadores ingleses têm-no provado com os mais notáveis feitos da história da guerra aérea.



Uma cadeia sem fim de «tanks» sai das fábricas inglesas. Por seu turno, os Estados Unidos declaram que a sua produção é de tal forma gigantesca que estão habilitados a fornecer tôdas as quantidades de blindados que forem necessários para a guerra. A supremacia aeronáutica da Inglaterra, vai corresponder a sua supremacia nestes engenhos bélicos.

A EPOPEIA DA R. A. F.



São estes homens que sobrevoam constantemente a Europa numa poderosa ofensiva que vai dos portos da Alemanha às costas da Itália

QUANDO, em 1 de Setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polónia, ninguém poderia prever, sem receio de erros mais ou menos graves, as características exactas da guerra moderna. A literatura militar estava semeada de doutrinas mais ou menos audaciosas em que os elementos técnicos nem sempre eram apreciados no seu justo valor e as opiniões se entrechocavam quando se tratava de dosear a capacidade militar dos três campos fundamentais — terra, mar e ar — de maneira a obter o rendimento «óptimo» do conjunto.

A Alemanha — que se orgulhava das suas concepções — fez a «sua guerra» logo a partir do primeiro dia — guerra de movimento, essencialmente dinâmica. Empregou-se a fundo, a Oriente, e deixou que as duas barreiras de cimento da frente Ocidental se medissem recosas. Lançou-se em massa sobre a Polónia e explorou a «mistica do cimento» ao longo do Reno. Pôs no ar milhares de aviões e destruiu todas as resistências vitais da Polónia.

O êxito embriagou-a e voltou para Ocidente as suas armas. Esmagou, em poucas semanas, a Bélgica e a Holanda; aniquilou a França. A tática empregada contra os polacos repetiu-se. Mas, em 4 de Junho, deteve-se em Dunquerque. Olhou, indecisa, para lá da Mancha e a decisão durou mais de dois meses. Do outro lado do Canal, a Inglaterra estava alerta. Dunquerque fora a sua primeira vitória e era necessário não deixar perdê-la. Naqueles dois curtos meses de expectativa, sob o peso da ameaça, encarou o problema bem de frente, sem rodeios. Assim, em princípios de Agosto, numa e noutra margem da Mancha, dois homens estavam prontos para terçar armas: Beaverbrook e Goering. E o duelo travou-se — a famosa batalha de Inglaterra. Goering, dispoendo de melhores posições estratégicas para o ataque e confiante na superioridade numérica, desencadeou a ofensiva; Beaverbrook, senhor da tática do adversário, organizou a maior cobertura aérea de todos os tempos e vibrou um golpe de morte na Luftwaffe. Os alemães, com os seus principais bombardeiros — o J. U. 87, bombardeiro de voo a picar, o J. U. 88, vários tipos de Heinkel III, o Dornier 215 e o Dornier 17 — protegidos por caças — os Messerschmitt 109 e 110 — julgavam-se senhores da situação. Afinal, a batalha que os alemães julgaram decisiva para o aniquilamento da R. A. F. e, conseqüentemente, dos centros vitais das ilhas britânicas, durou apenas até o princípio do Outono de 1940, com a retirada pura e simples da arma aérea alemã. A todos aqueles tipos de aviões com que Goering julgava esmagar a Inglaterra, os ingleses opuseram exclusivamente três tipos de caças: os célebres «Spitfires» e «Hurricanes» e o «Defiant Boulton-Paul».

Em primeiro lugar, a Luftwaffe procurou interceptar a navegação mercante britânica nas costas da Inglaterra; passou a atacar os centros industriais da Gran-Bretanha e em seguida os aerodromos dos «caças». Finalmente, mologrados todas as tentativas de reduzir as resistências que se lhe opunham, concentrou os seus ataques sobre Londres. Tudo inútil. Onde quer que apareçam os bombardeiros germânicos, estão alerta as esquadrihas de caça ingleses. A batalha de Inglaterra durou quasi três meses — de 8 de Agosto a 31 de Outubro — e a Luftwaffe, que pretendia abrir caminho à invasão, como fizera na Polónia e depois na Holanda, na Bélgica e em França, sofreu o primeiro golpe que haveria de conduzi-la à perda da sua apogeadora soberania no céu da Europa. 2.375 aviões alemães foram destruídos, não figurando neste número os que perdeu nos ataques nocturnos, ou aqueles que abandonaram o combate feridos de morte e foram, talvez, agonisar além do horizonte, perdidos nas brumas espessas do Mar do Norte.

A Alemanha procurava, mais uma vez, a confirmação das suas audaciosas doutrinas de guerra: destruição sistemática das resistências materiais e morais do inimigo. Seria o primeiro passo — o mais seguro — para a invasão das ilhas britânicas. O resultado da batalha de Inglaterra, porém, desfez as ilusões dos dirigentes do Reich. A indústria britânica, da Ilha e do Império, ficou intacta; os seus aerodromos, protegidos quer pelo fogo das baterias anti-aéreas quer pelos «caças», mostravam-se invulneráveis. E, o povo britânico, com um sorriso de confiança recebeu, sem um desfalecimento, magnífico de heroísmo, todos os ataques.

A ofensiva aérea do Reich era inevitável. Por isso, a Inglaterra, antes de preparar-se para a ofensiva aérea que depois veio a desencadear sobre a Alemanha e os países ocupados, preparou com meticuloso cuidado a cobertura aérea do seu território. Conseguiu, assim, a melhor aviação de caça do Mundo. Não bastava fazer frente aos bombardeiros inimigos, sempre mais fáceis de atacar por insuficiência de velocidade perante os «caças». Era necessário contar, também, com a protecção de que os aviões de bombardeamento se rodeavam, mercê das proximidade das bases de ataque.

Decidida a sorte da batalha de Inglaterra, e assegurada a defesa do território contra todas as incursões aéreas do inimigo, Churchill preparou a resposta inglesa. Do «caça» passou ao bombardeiro, acelerando, ao máximo, a produção aeronáutica. E, quando os alemães, derrotados no céu da Gran-Bretanha, deixaram de atacar de dia para tentarem as invasões nocturnas, a R. A. F. passou a mostrar-se em pleno dia sobre o território germânico e os países ocupados, senhora do seu poder e da superioridade das suas armas. Chegou a vez da Gran-Bretanha desencadear a sua formidável ofensiva aérea. E, quando terminava o ano de 1940, já a R. A. F. executara 1.500 bombardeamentos só contra a Alemanha, abrangendo mais de 270 cidades e instalações de carvão e aço, fábricas de armas e munições, de produtos químicos e refinarias de petróleo.

Entretanto, desencadeava-se a batalha do Atlântico e a R. A. F. presta a mais valiosa e eficiente colaboração à Armada Real, patrulhando com as suas potentes aeronaves todo o Atlântico Norte. O afundamento do «Bismark» é um exemplo flagrante dos serviços prestados pelo Comando Costeiro de Bombardeiros.

O auxílio dos Estados Unidos veio consolidar, ainda mais, a posição conquistada pela arma aérea inglesa. O esforço foi gigantesco, mas a Gran-Bretanha, graças a ele, arrancou ao Reich a soberania aérea de que Goering se orgulhava e que se mostrou insuficiente e efêmero, de 8 de Agosto a 31 de Outubro de 1940, quando a audácia de uns tantos rapazes, pilotando aviões que então se revelaram os melhores em velocidade, mobilidade e potencial de fogo, vibraram na Luftwaffe o mais rude golpe.

«A gratidão de todos os lares da nossa ilha — disse Winston Churchill — do nosso Império e, na realidade, de todo o Mundo, excepto dos culpados, vão para os aviadores britânicos que, indomáveis perante a superioridade aérea do inimigo, incansáveis no contínuo desafio e no perigo das suas vidas, estão a transformar o curso da guerra mundial pelas suas proezas e pela sua dedicação. Num conflito humano de tal magnitude, nunca tantos deveram tanto a tão poucos.»



O Comando Costeiro da R. A. F. intercepta por completo a navegação do inimigo. A precisão dos seus bombardeamentos é notável. Um navio cisterna alemão foi atingido em cheio



O Leão tem asas. Uma tripulação dos valentes «cavaleiros» do ar



A equipa de um dos famosos barcos voadores «Catalina» parte para uma importante missão de vigilância. A Aviação e a Marinha ganharam a batalha do Atlântico

NOVAS ESTATUAS

Para os lados do poente, onde resplandece numa apoteose de sonho e deslumbramento a Exposição do Mundo Português, Lisboa transforma-se e ganha aspectos inéditos de beleza.

A Praça do Império, coroada pela fonte maravilhosa, debruçada sobre o Tejo formoso de águas cintilantes e ladeada pelas frontarias magestosas dos pavilhões que lhe restam, abre-se deante dos Gerónimos, num cenário de grandeza impressionante. Antigamente, o local tinha um aspecto pesado, entre espessuras de arvoredos e grandes manchas verdejantes, dessimétricas e quasi sem a delicadeza dos ligeiros contornos que embelezam os parques modernos. Foi, ainda, a Exposição do Mundo Português que justificou as transformações do lugar. É certo que a estátua de Afonso de Albuquerque, no seu estilo manuelino, destoa, talvez, do conjunto moderno e da ligeireza que caracterizam o novo jardim, com as fontes simétricas nos rebaixos dos ângulos, e os pequenos lagos gorgolejando entre verduras tenras e folhagens delicadas. Entretanto, aquela praça tem, agora, um ar diferente, onde, talvez, se descubram sugestões de beleza que se combinem com evocações do passado histórico.

É ainda incompleta a visão de conjunto do local, na sua expressão decorativa, mas já se antevê nas formas definitivas. Em cada uma das fontes, nos quatro ângulos do jardim, se ostentarão estátuas em mármore, figuras de mulher, de linhas harmoniosas, que darão aspectos curiosos ao cenário. Já ali foram colocados três modelos, em gesso, dessas estátuas, trabalhadas em estilo ultra-moderno mas sugestivas na delicadeza das suas expressões simbólicas. Duas delas são do artista António Feio, que as executou antes de partir para a América; a terceira é de Barata Feio, que, presentemente, trabalha noutra, a que falta para completar a decoração das fontes. Os modelos serão reproduzidos em pedra e então essas figuras ostentarão a praça radiante e a beleza ideal das obras de arte, que, pelos tempos fora, são testemunhos das civilizações e dos anseios de perfeições dos homens.



Nesta estátua, de arrojada concepção moderna, há a simbólica evocação da fecundidade da terra portuguesa



Duas imagens de magníficos contornos que exaltam a radante beleza da mulher e o belo prodigioso da Natureza

A mulher que acompanha o filho para a «largada» de sonho, é um canteiro de amor e de ternura

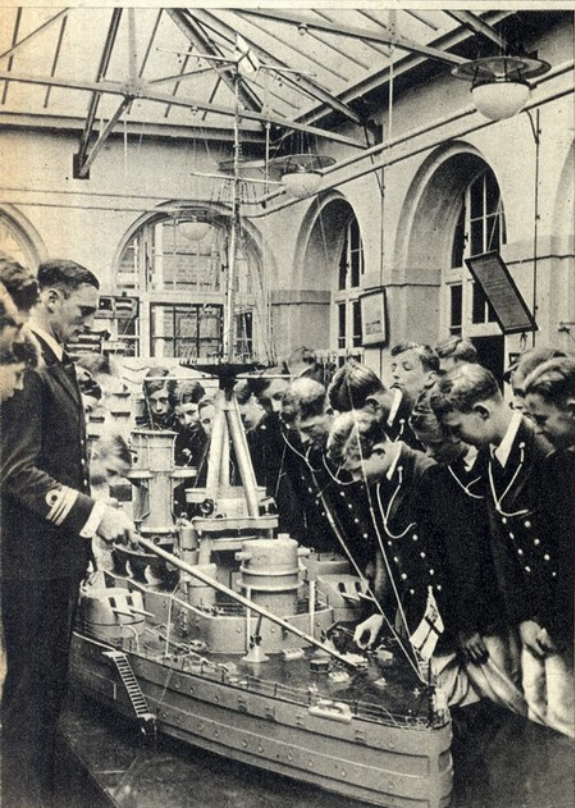




Mais uma geração de grandes marinheiros. Estes terríveis "brinquedos" são os modelos duma esquadra, inesperadamente fundeada em Spithead, a que não falta sequer um porta-aviões. Entre outros vê-se ali, na sua escala miniatural, o couraçado "King George VI". O instrutor explica aos cadetes as características de cada navio

COMO SE FAZEM MARINHEIROS

pelo capitão B. Acworth



No Real Colégio Naval de Dartmouth, a melhor escola de marinheiros do mundo. Os cadetes seguem com atenção as explicações do seu professor. Estão agora a bordo... do gigante "Nelson",

IGNORA-SE, ainda hoje, quasi totalmente, como eram recrutados e instruidos, há alguns séculos, os oficiais da Marinha de Guerra Britânica. Sabe-se, porém, que, até o reinado de Henrique V (1413-1622), os navios mercantes eram comprados, emprestados ou oferecidos ao soberano, que os transformava em unidades de guerra, e os oficiais, geralmente, os que comandavam as anteriores tripulações. Não havia, pois, uma diferença característica entre o oficial da frota mercante e o da marinha de guerra. Ambos faziam a sua carreira no mar, desde muito jovens, começando pelo mais humilde posto de bordo — o «aprendiz». Estes «aprendizes», se as guerras eram longas, tornar-se-lam, mais tarde, à custa da prática adquirida, os tenentes e capitães da «Marinha do Rei». Foi assim nas expedições do «Frobisher» em busca da célebre

Passagem do Noroeste (1577-1579) e nas lutas entre as armadas inglesa e espanhola em 1588.

Só no reinado de Carlos II (1660-1685) foi introduzida alguma regularidade no treino dos futuros oficiais da marinha. Muitos assentaram praça como «rapazes carteiros do rei» uma repetição do método empregado por Henrique VIII, renovando o velho princípio de «apanhal-os ainda novos».

As primeiras reformas que deram origem a bases mais seguras de uma organização da Marinha, devem-se a Samuel Pepys. Em 1677, foram introduzidos os exames para a promoção a tenentes.

Afim-de ganharem prioridade no serviço para efeitos de promoção, especialmente em tempo de paz, as famílias incorporavam os jovens marinheiros como «criados», ainda muito novos. Por exemplo, em 1779, John

Clavell, primeiro tenente do «Royal Sovereign», em Trafalgar, estava registado nos livros de bordo com *um ano* de idade. Nelson, que tinha sido registado por seu tio, o Capitão Suckling, como «criado» de capitão, foi para o mar aos 12 anos, e depois de ter servido como «midshipman» e «able-Seaman» (marinheiro) foi promovido a ajudante de tenente sem passar pelo exame introduzido em 1677. Em 1728, foi aberta a Academia Naval de Portsmouth; em 1861, o «Britannia», famoso barco de treino de Dartmouth, no qual hoje todos os oficiais superiores Britânicos servem como cadetes, absorveu e liquidou os métodos desordenados de entrada que existiam, e, em 1905, o Colégio Naval Real de Dartmouth tomou o lugar do velho «Britannia». Hoje, como outrora, cada cadete que entra na Armada deve prestar juramento ao rei. Ao mesmo tempo aprende os princípios que o hão-de guiar no futuro, «a bem do Serviço». Tanto no seu juramento e serviço como no treino profissional, a tradição tem particular importância. No dia em que entra no seu primeiro vaso de guerra tem que começar num barco, tórre ou portalô, a comandar homens que sabem mais do seu serviço que ele próprio. De facto, nos primeiros meses de vida no mar, apesar de ter uma posição de responsabilidade, aprende com homens que estão sob o seu comando. Este íntimo contacto, na primeira parte da sua carreira cria aquêlre respeito mútuo e íntimo que reina entre o portalô e a coberta inferior (*lower deck*) e tem sido a glória da Armada Britânica através da sua história.

Nunca uma tal camaradagem foi tão íntima como nestes grandes e perigosos dias, e ela é, seguramente, um dos primordiais factores que hão-de contribuir para a vitória da Armada Real.



Estes esplêndidos herdeiros de Nelson não têm menos de 13 anos, nem mais de 17. Treinam-se como se estivessem no convés do «Warspite».



Em Inglaterra nasce-se marinheiro. Para saber mandar é preciso saber fazer. Os jovens cadetes exercitam-se no remo, como se fôsem grumetes. Ao fundo, alguns velhos navios, reliquias do glorioso passado da Gran-Bretanha, cuja história marítima prossegue em façanhas de audácia temerária e de invencível heroísmo



Os bombeiros portugueses são dos melhores do mundo. Nesta esplêndida fotografia vê-se a técnica de salvamento de um naufrago



O pronto-socorro atravessa velozmente as ruas da cidade que se esvaziam ao ouvir o sino do alarme que não deixa de vibrar



Um admirável ataque. Em poucos minutos duas agulhetas foram montadas. Estrategicamente, isola-se o sinistro para o dominar

O EXÉRCITO DO FOGO

O bombeiro eterno, "Santa Bárbara", de cuja existência ninguém se lembra senão quando surge uma calamidade que demande socorros rápidos e devotos, é, entre nós, o mais gigante símbolo da abnegação heroica, que se oculta na alma do povo português.

Desde as mais elevadas figuras dos seus comandos até aos mais humildes dos seus servidores, eles estão sempre prontos a toda a hora de dia ou de noite para, sem hesitações nem receios, acorrem, disciplinados, em frêmitos de entusiasmo a oferecer as suas vidas em defesa das vidas e dos haveres de quem quer que seja, arrostando com as mais pavorosas e impressionantes catástrofes, por entre os quais um único anseio os impulsiona, o de fazerem sempre mais e melhor do que o máximo das suas possibilidades lhes permite.

Para bem poderem satisfazer esta sacrossanta ambição, instruem-se e treinam-se permanentemente, educando os nervos e desenvolvendo os músculos com os mais variados, difíceis e rigorosos exercícios de ginástica, que lhes proporcionam uma esplêndida compleição atlética, indispensável ao desempenho da humanitária missão a que se consagram inteiramente, dela fazendo, até, a sua única razão de ser.

Nenhum perigo, nenhum cataclismo, por maior e mais horroroso, será capaz de deter o bombeiro no cumprimento sagrado da sua acção tão altruista como sublime.

Os bombeiros portugueses, justamente reputados como sendo dos melhores do mundo — e já foram mesmo os primeiros, quando, em Agosto de 1900, ganharam, em Paris, o campeonato internacional — são os guardas vigilantes e seguros do nosso repouso, e neles confiamos todos, certíssimos, como estamos, de que, de Norte a Sul do País, eles se conservam constantemente alerta, para acudir, com inexcedíveis e emocionantes rasgos de heroísmo e audácia, a todos os sinistros que nos atinjam.

Com tanta bravura e desprêso pela vida eles se introduzem por entre as mortíferas chamas dum violento incêndio, afim-de salvarem os seus semelhantes em perigo — e quantos deles assim têm perecido gloriosamente — como surgem através das inundações, descarrilamentos, vendavais, ou nos porões dos navios, onde a fogo consome as cargas, e descem às quasi infindas profundezas dos poços, a arrancar das garras da morte quem neles tem a infelicidade de cair; aparecem, sempre, como benéficos anjos da guarda, em toda a espécie de dolorosas catástro-



Fogo! Um prédio arde. Rolos de fumo saem do segundo andar. Há vidas em perigo. As escadas são rapidamente içadas



Em pleno dia um incêndio declarou-se numa das artérias da Estefânia. Uma labareda irrompe das janelas, no mesmo instante em que o valoroso bombeiro, com risco da vida, salva um dos moradores



Uma das vítimas do sinistro é metida na manga de lona. Esta viagem vertiginosa dura 15 segundos, mas vale mais isso do que morrer sufocado



Um operário, sofreu uma intoxicação. Com equipamento anti-gás, os bombeiros transportaram-no ao primeiro posto médico



Um salto admirável. A sombra projectada na parede é do primeiro bombeiro que saltou. Acrobatas profissionais não fariam melhor



Um valente soldado do fogo. O incêndio avança mas ele, no seu posto, sustentando vigorosamente a agulheta, combate as chamas despresando o perigo que corre

fes que amarguram e enlutam a população. Municipais e voluntários, uns profissionais, e os outros num amadorismo que é, também, uma epopeia, irmanam-se na abnegação e bem merecem de toda a população, pelos muitíssimos e valiosíssimos actos de dedicação e valentia que, a todo o momento, praticam em holocausto de uma das mais nobres e mais belas maniações de amor pelos semelhantes.

Se, na Gran-Bretanha, os bombeiros têm realizado, nos últimos dois anos, uma prodigiosa obra de grandeza épica, surgindo em todos os pontos onde as bombas dos aviões provocam devastadores incêndios, aos quais vão arrancar aqueles dos seus concidadãos cuja vida corre perigo imediato, não tenhamos dúvida de que, em Portugal, eles não procederiam de maneira menos digna das bênçãos de todos nós, se, em emergência semelhante — que fazemos ardentes preces por que a Divina Providência mantenha sempre afastadas — eles tivessem de agir.

Glorificar o bombeiro português, acarinhá-lo, rodeá-lo numa bem merecida aura de simpatia, é, incontestavelmente, um indeclinável dever de quem sabe sentir e compreender o que é e o que vale a grandeza da missão a que ele se vota de corpo e alma, mantendo-se obscuro, apagado e quase parecendo envergonhado da majestosa obra de filantropia e generosa fraternidade, perante a qual fulgura sempre o desejo veemente de ser maior e mais sublime.



A CIDADE DE MOSCOVO, CAPITAL DA RÚSSIA, DURANTE UM ATAQUE AÉREO

A CAMPANHA DE LESTE 1812-1941

DESDE que se iniciou a campanha da Rússia, o paralelo entre a marcha das operações na frente leste e o que se passou com a invasão das tropas napoleónicas surgiu, naturalmente. Em que medida é esse paralelo justificado e até que ponto pode servir para facilitar a compreensão dos acontecimentos actuais?

Houve quem assinalasse, desde logo, os dois casos concluindo que a sua evolução era rigorosamente idêntica. Houve quem negasse qualquer possibilidade de comparação para concluir que diferentes seriam também os resultados.

A comparação é, de facto, não apenas legítima mas natural. Sem que dela devam tirar-se conclusões apressadas e audaciosas, impõe-se, tantos são os pontos de contacto que é possível estabelecer entre uma e outra. Há diferenças sensíveis a registar? Sem dúvida. Sobre a entrada das legiões do Imperador em território russo decorreram cento e trinta anos. Esta circunstância basta para explicar a diferença. E os motivos de semelhança?

O calendário da invasão napoleónica pode resumir-se assim: o Imperador declarou a guerra à Rússia em 23 de Junho de 1812; em 18 de Agosto os seus exércitos entraram em Smolensko; em 7 de Setembro foi a batalha do Borodino; em 14 desse mês as guardas avançadas de Murat entraram em Moscovo. A retirada desta última cidade iniciou-se em 16 de Outubro; em 5 de Dezembro, Napoleão

abandonou as suas tropas para regressar apressadamente a França onde o chamavam assuntos urgentes.

Em 1941 as operações na frente leste começaram em 23 de Junho, apenas um dia de diferença em relação com o que se passou naquela época; a entrada dos contingentes do marechal von Bock em Smolensko foi assinalada no comunicado alemão de 18 de Julho, verificando-se, assim, uma antecipação de trinta dias sobre acção idêntica no decurso da campanha napoleónica; depois daquela data as batalhas locais no caminho de Moscovo, tem-se sucedido sem que fôsse possível chegar, por enquanto, a um resultado decisivo.

O espaço e o inverno tiveram um papel decisivo na condução dos acontecimentos que se desenrolaram no começo do século passado. Esses factores que os marechais de Napoleão consideravam nos seus conselhos continuam a ser considerados nos planos do Estado Maior alemão. As distâncias a percorrer são as mesmas; os meios de deslocação são mais rápidos. A um século de distância a cavalaria napoleónica está substituída pelas divisões panzer do general Guderlan. Mas às forças fortemente mecanizadas opõem-se forças mecanizadas, como aos cavaleiros de Murat se opunham os cossacos.

Napoleão teve de defrontar um inverno rigoroso e precoce. Embora já caia neve na região extrema de Murmansk, nada se pode arriscar, por enquanto,

quanto às características do inverno russo deste ano. Os laboratórios da Vermlit preparam afanosamente os meios de o combater, adaptando a vida dos soldados e os seus equipamentos aos rigores e às inclemências inevitáveis do tempo. Sinal de que em Berlim se não despreza esse factor decisivo.

Mais do que as distâncias e a invernia, os exércitos de Napoleão sofreram os rigores da fome e sentiram o peso das epidemias. Como vão jogar desta vez esses elementos? Não é possível comparar, quanto ao primeiro, o que se passa agora com o que se passou há cento e trinta anos. A campanha de 1941 foi cuidadosamente preparada para que às tropas invasoras nada falte. Mas as distâncias entre os centros de abastecimento e o terreno onde se desenvolvam as operações são já a esta hora enormes. Pior do que o inverno é para o funcionamento regular desse serviço de abastecimento o outono, pior do que o outono é a primavera. As chuvas outonais começaram a cair já com abundância na Rússia. São elas que tocam os caminhos intransitáveis dificultando a marcha regular das tropas. A primavera é a época do degelo dos rios que se multiplicam em certas regiões a ponto de constituírem dedalos inetrincáveis e alagando-se com os caminhos, os campos. O comunicado alemão tem revelado que no sector do centro as chuvas que

(Continua na pág. 51)



SOLDADOS DA FRANÇA LIVRE

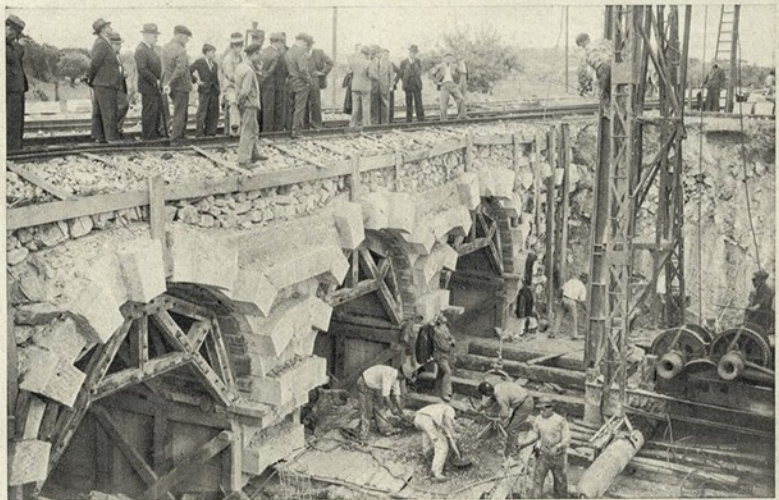
FIGURAS E FACTOS



O sr. ministro da Educação Nacional proferindo o seu discurso na sessão inaugural do novo ano de actividade da Mocidade Portuguesa



O venerando chefe de Estado com os srs. ministro e sub-secretário de Estado de Educação assistindo ao encontro de futebol com que o Benfica inaugurou o seu novo campo de jogos



Os directores da C. P. visitam as obras da ponte do Setil com que se pretende evitar a submersão da linha férrea durante as inundações provocadas pelas cheias do Tejo



O sr. ministro das Finanças, no acto da posse do novo Director Geral de Finanças, sr. António Sebastião Spínola



O Benfica inaugurou o seu novo campo de jogos. A fotografia mostra-nos um aspecto do imponente desfile atlético



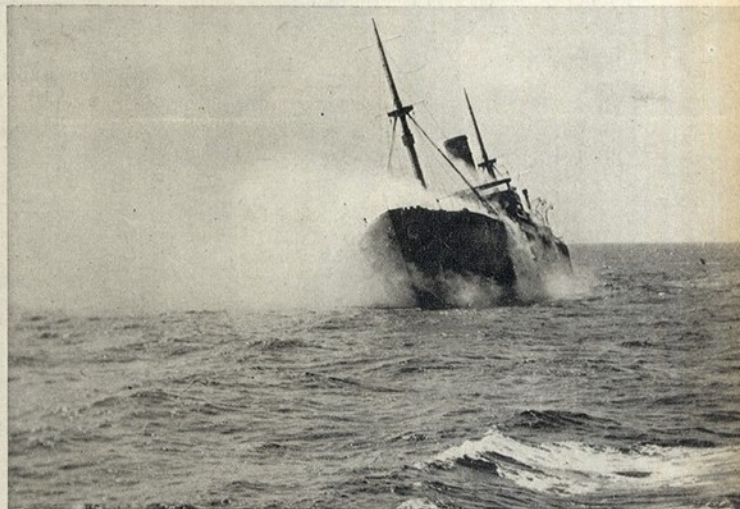
O domínio aéreo da Gran-Bretanta estende-se até o Próximo Oriente, como uma afirmação irrefutável do seu potencial bélico. No céu de fogo do deserto, os caças da R. A. F. estão vigilantes. Eis um bombardeiro inimigo abatido sobre Tobruk.



A Inglaterra continua exercendo rigorosamente o bloqueio naval dos países inimigos. Os naufragos de um mercante germânico afundado são recolhidos a bordo de uma unidade inglesa



A indústria de guerra da Gran-Bretanha atingiu um ritmo de produção incalculável. Das suas fábricas saem cifras astronômicas de material de todas as espécies. A fotografia mostra uma divisão de blindados e engenheiros de acompanhamento a que o rei Jorge VI passou revista recentemente



No campo de batalha do Atlântico ergue-se vitoriosa a "White insign.". Domina todo o oceano. Os canhões da Armada imperial feriram de morte este navio alemão, que não tardará a afundar-se



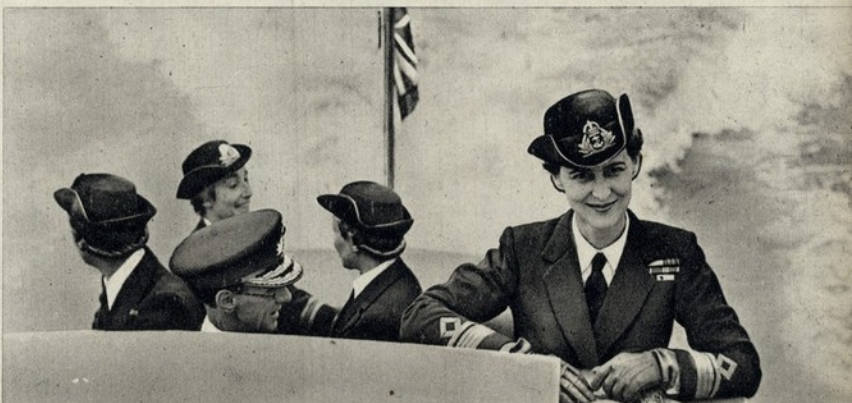
A Inglaterra e os Estados Unidos estão juntos como estas duas bandeiras que se erguem sobre as ruínas gloriosas de Londres, junto das quais o Lord Maior da cidade fala à população, numa suprema afirmação de vitória



As raparigas inglesas uniformizaram-se para trabalhar nos campos e nas oficinas



A Polónia é uma nação profundamente católica. Invadida, cheia de ruínas, os seus filhos não perdem a confiança em Deus nem na restauração da independência do seu país. Uma cerimónia religiosa recentemente celebrada na Gran-Bretenha



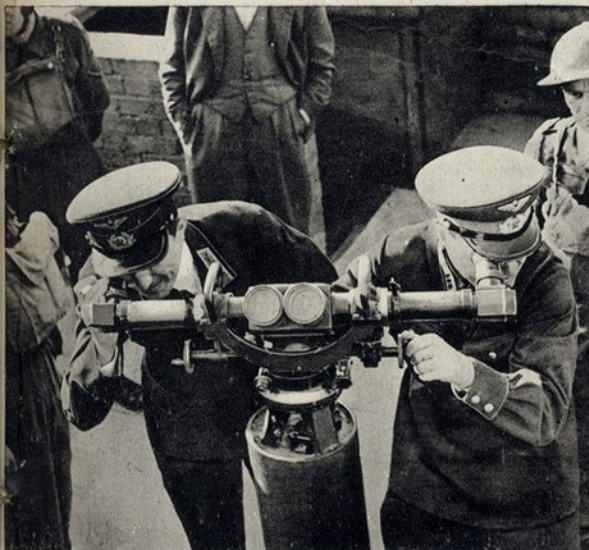
Sua Alteza a duquesa, de Kent, a bordo de um gasolina, dirige-se a Greenwich, onde vai inspeccionar as organizações femininas dos serviços auxiliares de guerra



A alegria é já uma vitória. Eis como acorrem a um recrutamento feminino as estudantes de Londres. O seu patriotismo iguala a sua beleza



Além do Exército regular, cujos efectivos se desconhecem, mas que devem somar vários milhões de homens, a Inglaterra está defendida pela "Home Guards"



A defesa aérea de Londres tornou invulnerável a cidade, tão perfeita e completa ela é



Milhares de cães, tão corpulentos como este, são adestrados especialmente para ataquem paraquedistas inimigos. Pelo visto, não largam a presa



Um corpo de técnicos canadianos do serviço de organização da defesa contra aviões que chegou recentemente à Gran-Bretanha, com o seu equipamento próprio contra gases

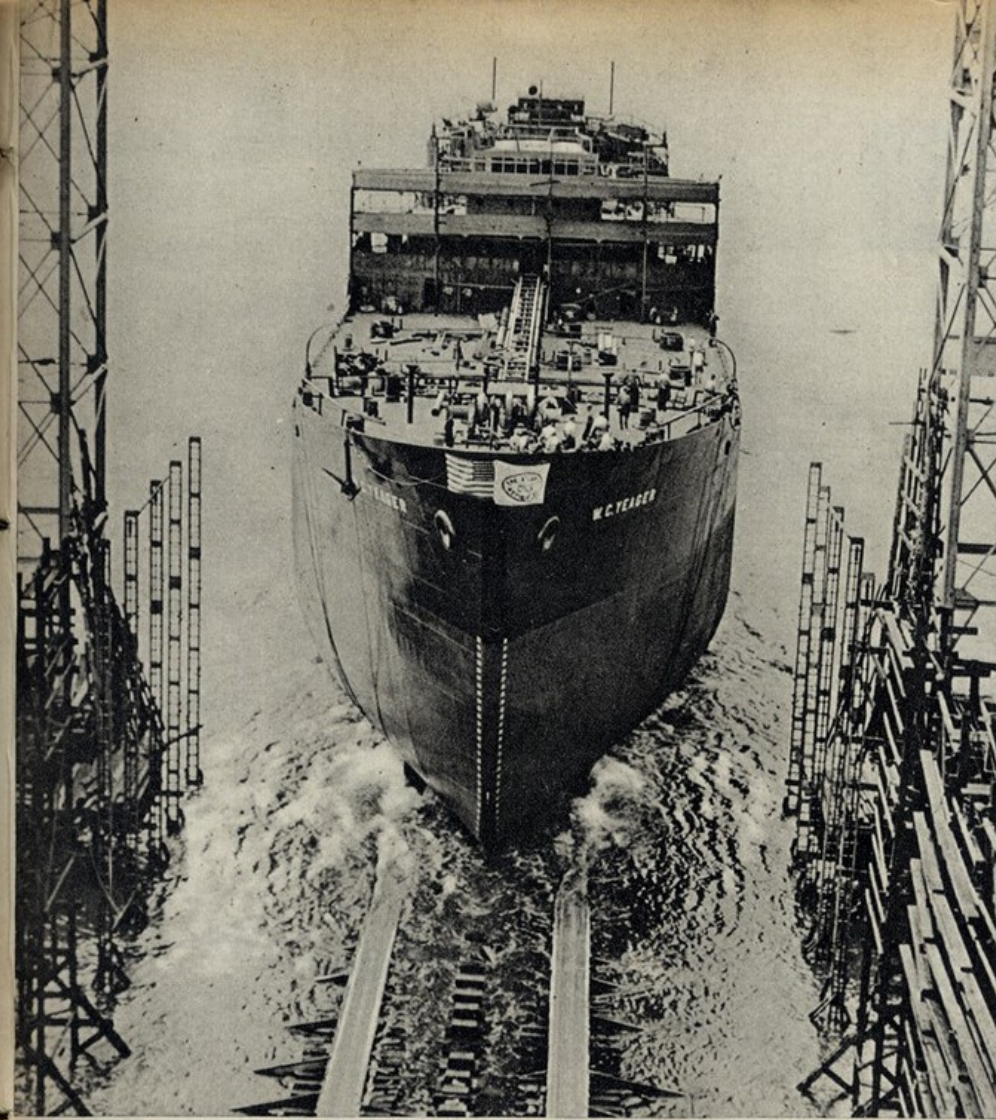


As mascotes do destroyer polaco "Piorun", o primeiro navio que avistou o "Bismark", estão familiarizadas com os canhões daquele barco de guerra

ROOSEVELT CUMPRE A SUA PROMESSA



MILHARES DE MOTORES «DIESEL» PARA NAVIOS SÃO CONSTRUÍDOS



EM OUTUBRO DE 1941: MIL E ONZE NAVIOS NOS ESTALEIROS



TRINTA E SETE MIL AVIÕES POR ANO

Uma avalanche de MATERIAL

O povo britânico e os seus aliados precisam de navios? Terão navios. Precisam de aviões? Terão aviões. Precisam de alimentos? A América lhes dará. Precisam de "tanks", de munições, de abastecimentos de toda a espécie? A América vai fornecer-lhos.

FRANKLIN ROOSEVELT

HA seis meses que estas palavras foram solenemente pronunciadas além Atlântico. Entretanto, a violência da guerra não abrandara. Outras regiões do globo foram envolvidas pela marcha avassaladora do flagelo. Outros povos, outras raças até, sentiram de então para cá a sua cruel aproximação. As necessidades que determinaram o grave compromisso do Presidente Roosevelt não são já as mesmas que eram há meio ano — as da Inglaterra aumentaram com o progresso da sua preparação militar; as dos seus aliados cresceram com o próprio alargamento do quadro das suas alianças.

A-pesar disto, a América está a enviar para a Inglaterra e para os seus aliados navios carregados de aviões, alimentos, "tanks", mu-

nições, abastecimentos de toda a espécie, enfim, sempre um ritmo crescente, em quantidades que não de causar o assombro do mundo inteiro, quando um dia se puderem publicar as características reais deste período da guerra.

O presidente está a realizar a sua promessa, de cujo cumprimento, aliás, só poderiam duvidar aqueles que ignoram os imensos recursos dos Estados Unidos e desconhecem a inexgotável capacidade do seu povo genial. Um conjunto de circunstâncias excepcionais concorre, de facto, para que a América do Norte pudesse arcar com a grave tarefa de se constituir em arsenal poderoso dum grupo de nações, em que se compreendem o Império britânico, a União Soviética e a China.

Antes de mais nada, a guerra

requere verbas fabulosas e qualquer pessoa, por mais elementares que sejam os seus conhecimentos em matéria de finanças mundiais, tem a noção de que os Estados Unidos são riquíssimos e do que é ali que o dinheiro se encontra concentrado, hoje em maior proporção.

Depois, são as matérias-primas e os produtos essenciais para manter em guerra os exércitos e as populações. Ora, ninguém ignora que o solo e o sub-solo do vasto território norte-americano podem fornecer quantidades extraordinariamente elevadas dos mais importantes materiais e produtos que a indústria de guerra ávidamente reclama.

Finalmente, qualquer leigo compreende que só uma poderosa organização industrial, apetrechada convenientemente, está em condições de levar a efeito as numerosas operações que hoje exige a fabricação duma arma moderna, desde a mais simples metralhadora ao "tank", pesado ou ao avião de combate ultra-rápido.

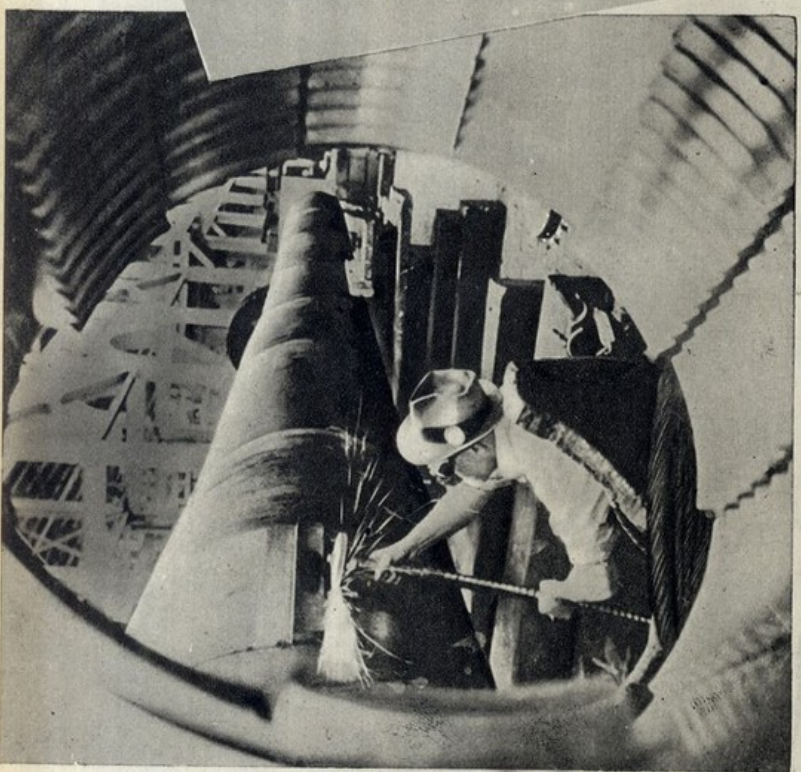
E, claro que os Estados Unidos não estavam preparados para a guerra. A psicologia inteligentemente utilitária do americano, por um lado, e as campanhas isolacionistas que se seguiram à conflagração de 1914-18, por outro, tinham afastado a indústria de Tio Sam da produção de engenhos bélicos, na escala agora requerida. Mas a máquina estava montada e uma vez estabelecidas novas directrizes que Roosevelt conseguiu imprimir à política externa do seu país, iniciou-se com rapidez a mudança de engrenagens. Para dar uma idéia do esforço gigantesco que requereu esta transformação industrial, basta dizer que em 1940 a produção de máquinas-ferramentas subiu de 30 para 400 milhões de dólares — ou seja um aumento de 1.300 por cento — e que para 1941 estão previstos 750 milhões, com idêntica aplicação.

As antigas fábricas foram transformadas e apetrechadas de harmonia com a sua nova finalidade.

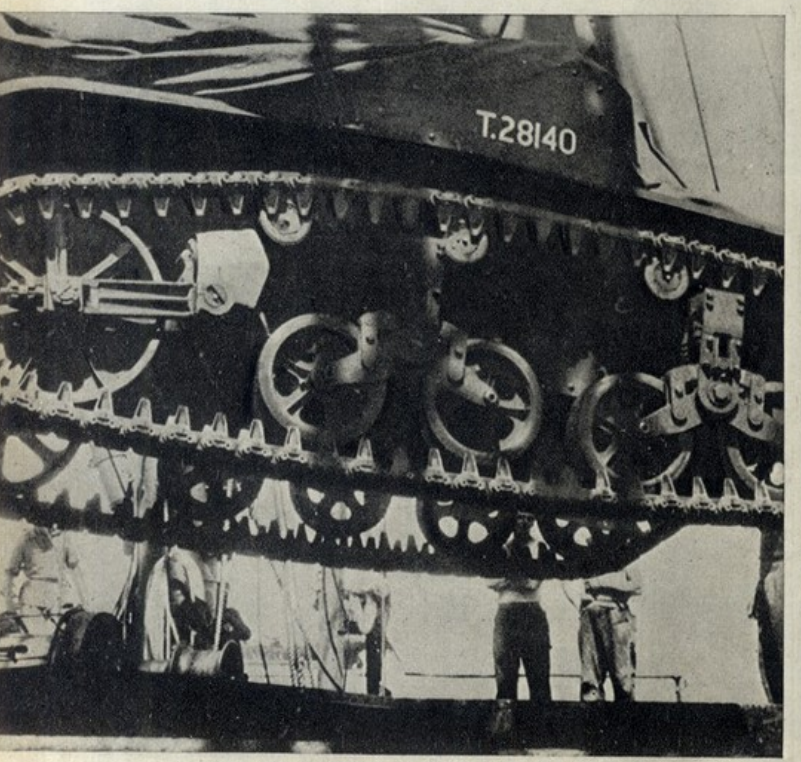
(Continua na página 51)



CANHÕES ANTI-AÉREOS VÃO EMBARCAR PARA A GRAN-BRETANHA



OS ESTADOS UNIDOS CONVERTERAM-SE NO ARSENAL DA INGLATERRA



TANKS AMERICANOS CHEGAM AO EGITO

CINEMA

OS ARTISTAS BRITANICOS E A GUERRA

NINGUÉM FALTOU À CHAMADA!

A guerra impôs severas obrigações a todos os artistas cinematográficos britânicos. Nem um só, estivesse ele nos confins do Mundo, se negou ao apêlo da Pátria. Ninguém faltou à chamada, quando esta foi feita, sob um signo patriótico, no sentido de congregar a boa vontade de todos e de a proteger, como convinha aos altos interesses nacionais, um imperativo de consciência. Uns, ligando a realidade da comunidade inglesa a um destino inamovível de certezas políticas, não hesitaram em envolver-se numa auréola de humaníssimo martirio para, sem palmas nem lágrimas, antes com fé e audácia, poderem afirmar, nesta hora redentora para todo o Mundo, que morrer pela grandeza do Império, ou pela causa que se debate de negar o direito de oprimir, é o mais insignificante sacrificio que Deus e a Pátria lhes podem exigir.

Outros, trocando a glória efêmera dos estúdios pelo prestigio da farda e sentido da disciplina, pela determinação na luta e pelo cumprimento do dever custe o que custar, quizeram provar, numa atitude digna, que o patriotismo para muito acima das paixões artísticas e dos seus legítimos interesses.

Outros, os mais jovens e os mais velhos, para quem a hora do decisivo sacrificio ainda não chegou, quedaram-se entregues, com obstinado enlevo, à grata missão de renovar todo o mecanismo espiritual dos estúdios; criar novas directrizes estéticas e acelerar a produção para suprir as necessidades de cinco mil cinemas britânicos.

O que há dois anos se reputava impossível — é hoje uma realidade brilhante. Foi o público e, principalmente, a juventude cinéfila que produziram este milagre: o cinema inglês marcha na vanguarda de todos os centros europeus de produção.

A mentalidade dos novos realizadores expressando, em todos os filmes, a visão radiosa da Gran-Bretanha através dos mares, soube condensar, igualmente, em eloquentes imagens, outros factores de sugestão que representam estímulo de trabalho, lição de perseverança, culto do passado, realidade do presente, fé, incentivo, glória e instinto de defesa, padrão de honra e pavilhão de glória.

Foram eles os caboqueiros da expansão do filme britânico.

Deram tudo, sem nada pedirem às estações oficiais: o seu esforço, o seu dinheiro, o seu entusiasmo, materiais sólidos e resistentes com os quais construíram o melhor, o mais útil e eficaz elemento de propaganda — um cinema, vivo e palpitante, feito sobre novas bases estéticas.

Ele, agora, representa o monumento vivo do seu génio e, alternadamente, do seu pensamento de coesão e de expansão.

Instruindo, cultivando e distraíndo permite, ao mesmo tempo, revelar a imagem, antes triste e agora risonha, sadia e protectora da vasta metrópole britânica. Além de o imporem como uma bandeira, onde quer que vá, e como uma embaixada onde quer que se apresente, os produtores ingleses conseguiram, pelo seu poder expressivo e novidade da substância, afervorar o público no culto das suas tradições, paixões e sentimentos e radicar no seu espirito que o cinema é o melhor elemento da unidade da raça. Pertence à sua utilidade científica. Vale tanto, para a sua defesa, como o seu poderoso exército ou a sua invencível marinha de guerra. Está no mesmo plano de importância. Que fez a América, neste capitulo, com os exércitos de belas imagens saídas dos seus magníficos estúdios? A conquista pacífica das raças, infiltrando o seu pensamento, a sua arte e até os seus métodos doutrinários.

Que faz a Gran-Bretanha? O clarim tocou a cerrar fileiras nos estúdios, para estreitar ou ligar, cada vez mais, os laços que a prendem a outras fronteiras...

E, que nos conste ninguém faltou à chamada!



Jeanette Mac Donald, o rouxinol de Hollywood

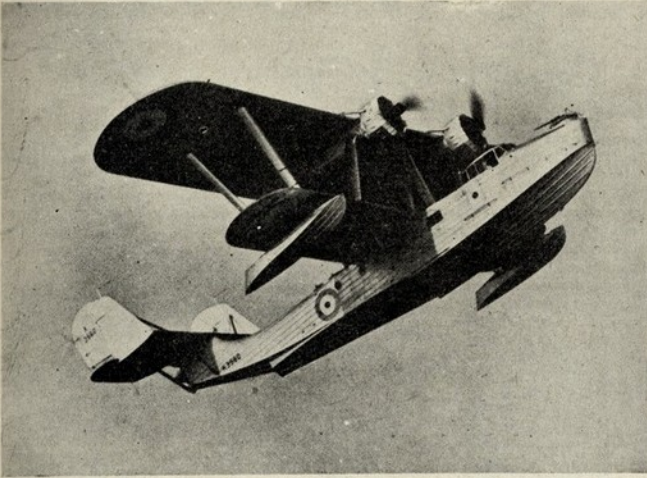


Charles Laughton, um dos maiores génios do cinema britânico

António Lourenço

OS FRIGORIFICOS 'ELECTROLUX' SÃO OS MAIS PROVEITOSOS!

Callender s Cable & Construction Co. Ltd.



Assim se denomina um dos organismos britânicos que mais e melhor têm colaborado no armamento da Inglaterra fornecendo à R. A. F. e a todas as importantes fábricas de aviões os indispensáveis cabos para inflamação, iluminação e T. S. F.

Especializou-se também no fabrico de cabos isolados em papel impregnado para força motriz e iluminação, para telegrafia e telefonia, a óleo para força motriz, fios e cabos isolados a borracha, cabos para sinalização de caminhos de ferro e para aparelhos de controlo de circulação urbana, sistema *Kalecco* para instalações interiores, *Tropalite* para climas quentes, cabos C. T. S. revestidos de borracha forte, fios aéreos e entrançados e fios Werthertex, colunas de alimentação, aparelhagem auxiliar e caixas de todas as espécies, massa betuminosa e fitas isoladoras.

Os seus laboratórios de ensaios, os maiores e mais eficazes da indústria eléctrica e a sua larga experiência estão à disposição dos seus clientes para esclarecimento de qualquer problema respeitante à transmissão de energia eléctrica para o que os interessados se devem dirigir aos seus representantes entre nós, com exclusividade, SANTOS BRITO, Lda, na rua do Arco do Bandeira, 5-3.º, em Lisboa, telefone 25988 e teleg. Sanbritos.

UMA AVALANCHE DE MATERIAL

(Continuação da página 49)

O plano de defesa dos Estados Unidos, no qual está incluído material a ceder "porque lutam contra a agressão", compõe-se de números gigantescos. A primeira fase de execução exige 28 bilhões de horas de trabalho de operários especializados até fins de 1943. Toda a mão de obra tem de ser, pois, utilizada e, por isso, além das formidáveis legiões de operários que estão a trabalhar nas grandes fábricas, recorreu-se também às pequenas oficinas espalhadas pelos vários Estados da União.

Todo o trabalho é útil, desde que seja bem orientado e como, realmente, a produção norte-americana está organizada em bases sólidas e perfeitas, há, por exemplo, fábricas donde um "tank," sai, pelos seus próprios meios, depois de ter sido todo lá feito, desde o mais insignificante parafuso até ao motor e ao canhão, da mesma forma que se produzem "tanks," montados em locais determinados, com peças provenientes de oficinas diversas, de recursos mais limitados. E, afinal, ambos desempenham depois valorosamente o seu papel nos

legítimos campos de batalha.

O compromisso que o Presidente Roosevelt assumiu, com o aplauso da maioria da nação, que o está a satisfazer entusiasticamente, envolve, evidentemente, a aplicação de verbas astronómicas — bilhões que se acumulam sobre bilhões numa longa fila de cujas proporções acabamos por perder a noção. Contentemo-nos, porém, com esta feliz compensação dum jornalista americano, que se sentia embaraçado ao tentar explicar aos seus leitores a magnitude do programa da defesa: O Reich gasta, actualmente, por ano, com a guerra, o equivalente a 20 bilhões de dólares e Estados Unidos têm de exceder essa receita, com a sua produção. Ora o Canal do Panamá, que é um dos mais maravilhosos exemplos da capacidade do trabalho humano, custou cerca de meio milhão de dólares e levou dez anos a construir. Calcule-se agora o que será o esforço equivalente à construção de 40 canais de Panamá, não numa dezena, mas num ano apenas!

Mário Neves

A CAMPANHA DE LESTE

(Continuação da pág. 42)

começaram a cair dificultam as operações.

E' como se sabe, o sector da vasta frente de batalha onde o ritmo do avanço se tem mostrando mais moroso facilitando os contra-ataques desencadeados primeiro com carácter local, depois com uma amplitude que se estendeu desde os montes Valdai à região de Gomel.

As forças invasoras, em 1812, resultavam duma coligação política. Napoleão era o aliado do Imperador da Austria e do rei da Prussia. Dos 670.000 homens que as compunham, apenas 200.000 eram franceses. O resto era constituído por prussianos, austriacos, suíços, italianos, holandeses, croatas, polacos, etc. Pode dizer-se que todos os povos da Europa se achavam representados no exército que os homens desse tempo chamaram o «exército de vinte nações». Com as tropas alemãs colaboram, ao norte, os finlandeses, ao sul os húngaros e os romenos; em formações mais reduzidas figuram, contingentes italianos, eslovacos, espanhóis, estes últimos organizados com corpos de voluntários. Com os russos estavam, em 1812, os suecos de Bernadote e os ingleses. Estes últimos voltam a estar, em 1941, representados pela sua aviação na campanha de leste.

A tática russa é, em 1941, o que era em 1812. Perante o avanço do invasor as populações destroem tudo na sua passagem. E' o exodo dos homens, o desaparecimento dos gêneros, o incêndio das casas. Como ha cento e trinta anos, não é possível fazer uma ocupação efectiva do terreno sobre escombros e ruínas fumegantes. Como ha cento e trinta anos os civis associam-se a essa tarefa.

Tem-se afirmado que, perante a investida napoleônica os russos se limitaram a recuar fazendo o vácuo. Na campanha actual as coisas ter-se-iam passado de maneira diferente. Desde o inicio das hostilidades que se deram encontros renhidos com perdas sensíveis de vidas e de material. A verdade é bastante diferente. Os recontros sangrentos de Vitebsk, de Smolensko, de Borodino, em 1812 são o equivalente da batalha das fronteiras, do ataque à linha Estaline e das flutuações sangrentas que, nesta campanha,

se tem registado entre Smolensko e Viasma.

A resistência de Bagration e de Barclay de Talley no Dnieper só não foi mais viva e enérgica por falta de elementos materiais e de efectivos. No conselho de generais russos que precedeu a ordem de retirada para além de Moscovo (conselho a que presidiu Koutouзов e a que assistiram Bennigsen, Barclay, Dochtourov, Duvarov, Kouornytzine, Ermolov, Plato, Osterman, Raievsky e Lanskoi), a maioria era favorável à resistência. Faltavam apenas os meios de a realizar. No palácio de inverno, em S. Petersburgo, Koutouзов afirmava que a perda de Moscovo significaria a perda da Rússia. Era tal o desejo de resistência que poucos dias antes da entrada dos franceses em Moscovo, o Conde Rostopchine escrevia a Bagration: «não quero sequer acreditar que esse facto chegue a dar-se. O povo é de tal forma resoluto e fiel ao Imperador que preferirá morrer a abandonar a cidade». Foi a impossibilidade de resistir que ditou a ordem de retirada.

Também do lado alemão a tática empregada se assemelha singularmente ao que se passou em 1812. O pensamento inicial da ofensiva, claramente confirmado pelo panorama geral das operações na sua primeira fase, consistia em fazer chegar as tropas do Reich rapidamente a Moscovo. A flecha que no centro foi atirada chegou a Viasma, para lá de Smolensko. Como em 1812, em 1941, tratava-se de atingir o centro da resistência para a fazer cessar. Era um objectivo politico que tinha ao seu serviço um órgão de execução militar.

A irmã do czar Alexandre, escrevia-lhe de Jaroslav: «E' preciso que te não esqueças da tua decisão. E' preciso que não faças a paz. Mesmo que tenhas de te retirar para Kazan não negocies». E Caulaincourt comunicava ao Imperador: «Alexandra disse-me, pedindo para lho repetir. Uma vez declarada a guerra é preciso que não perca o trono». As circunstâncias actuais não diferem sensivelmente das que a princesa Catarina e Caulaincourt registaram nos seus diários há cento e trinta anos.

Carlos Ferrão

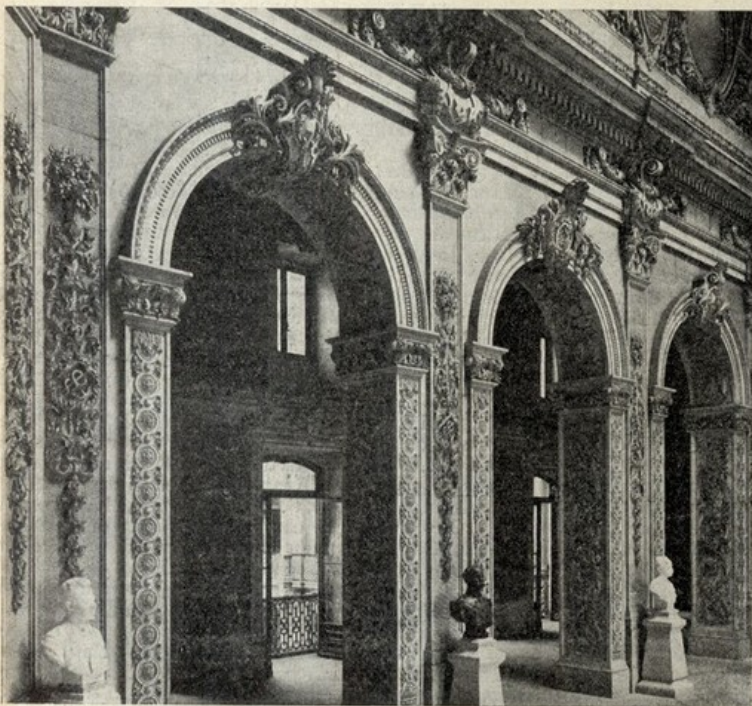
Agência Magno

FUNDADA EM 1874

F U N E R A I S
T R A S L A D A Ç Õ E S
E M B A L S A M E N T O S

R. DE SANTA MARTA,
52 A, 56-56 A, B, e C.
TELEF. P. A. B. X.
43180-43189 / LISBOA

OS FRIGORÍFICOS "ELECTROLUX" SÃO OS MAIS PROVEITOSOS!



Um aspecto do tópo da escadaria nobre do Palácio da Associação

Associação Comercial do Porto

A Associação Comercial do Porto foi fundada em 1834 e nesse mesmo ano o seu estatuto ou «regimento» mereceu a sanção régia de D. Maria II que, assim, distinguiu esta colectividade entre todas as similares, pois estas só mais tarde obtiveram essa aprovação.

No entanto, já anteriormente à sua instituição jurídica, a corporação existia sob a denominação de *Juntina* e, na sua sede à Rua dos Ingleses, se reuniam os negociantes cidadãos para discutirem interesses e operarem transacções.

Em grande parte, deve-se ao eminente jurista José Ferreira Borges, então Supremo Magistrado da Nação, a iniciativa que levou os comerciantes do Porto a fundar a sua nova agremiação, na qual se inscreveram, como sócios, não só os membros da *Juntina* como ainda todos aqueles cujo labor justificava tal inscrição.

Para exercer o cargo de Presidente da primeira direcção foi escolhido Arnaldo Vanzeller, cuja inteligência e dedicação muito contribuíram para que a Associação Comercial do Porto alcançasse rapidamente grande prestígio, operando uma notabilíssima obra económico-social, continuada brilhantemente há mais dum século por todos aqueles que têm dirigido os destinos da gloriosa agremiação.

Depois de fomentar o comércio e a indústria da cidade com a organização de estabelecimentos bancários, companhias de navegação e seguros, empresas de mineração e tecelagem, etc., a Associação Comercial do Porto promoveu vários trabalhos de largo alcance económico, que representavam necessidades vitais para a capital do norte e desenvolveram imensamente o seu progresso.

Entre muitas outras iniciativas em que tomou parte activa ou em que interveio a benemérita instituição, podem-se destacar, como primaciais, a criação do primeiro telégrafo marítimo comercial, (1835), as obras da barra do Douro, a abertura das linhas ferroviárias do Minho e Douro, a construção do porto de Leixões e seus postos semafórico, de Socorros a Náufragos e de Desinfecção, instalação e administração da Bolsa Oficial do Porto, criação de um curso de pilotagem, organização legislativa e propaganda internacional do Vinho do Porto, e, mais recentemente, a intervenção no movimento Pró-Colónias de que resultou a grandiosa Exposição Colonial de 1934.

Para a urbanização citadina contribuiu a Corporação com as ruas Ferreira Borges e Nova da Alfandega, além da Praça Infante D. Henrique. Sob o ponto de vista cultural não foi menos importante a actividade desta agremiação. Em 1837 criou um curso de Economia Política e em 1895 a *Escola Elementar de Comércio*, transformada hoje na *Escola Comercial Oliveira Martins*, compartilhando também, em outras oportunidades, na fundação de estabelecimentos de ensino e cultura e instituindo alguns prémios escolares.

O lugar notável que a Associação Comercial tem desempenhado na vida económica do Porto e na da própria Nação, tem-lhe valido sempre a atenção de todos os Chefes do Estado Português que, desde D. Maria II até ao Ex.^{mo} Sr. General Carmona, nunca deixaram de lhe manifestar o seu alto apreço e de honrar com a sua



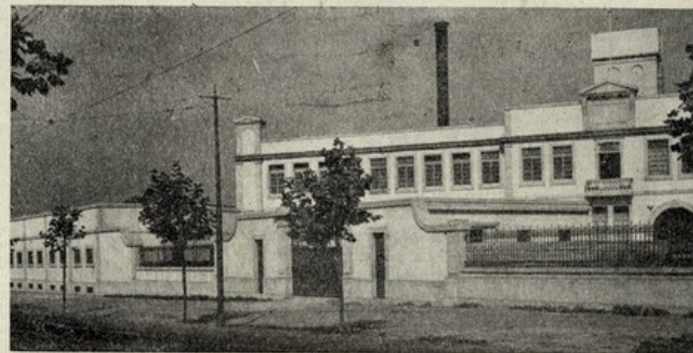
António d'Oliveira Calém, ilustre e prestigioso Presidente da Direcção da Associação Comercial do Porto, e que à Capital do Norte tem prestado relevantes serviços

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

GUILHERME GRAHAM J.^o & C.^a

Um dos mais importantes organismos industriais e comerciais britânicos exercendo a sua actividade no nosso País, há mais de um século, é incontestavelmente a Firma Guilherme Graham J.^o & C.^a de cuja acção vamos registar algumas sugestivas notas.

Em 1774 fundou-se em Glasgow, Escócia, a firma William Graham & C^o, proprietária de importantes fábricas têxteis junto do rio Clyde que em 1902, por ocasião das guerras napoleónicas veio estabelecer-se em Lisboa e pouco tempo decorrido o sobrinho do fundador criou a casa do Porto que inicialmente se denominou John Graham & C^o e depois William & John Graham & C^o, encetando o negócio de vinhos generosos em 1820, conservando-se durante cem anos ligado às demais actividades da Firma de que ha alguns anos se separou, continuando porém em íntimas relações com ela.

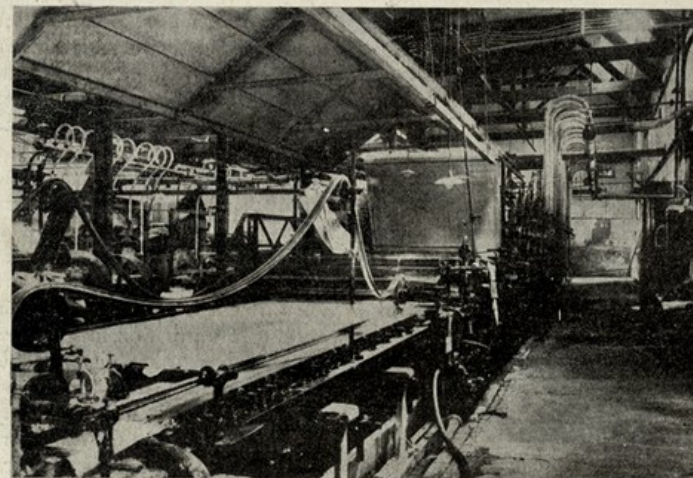


Aspecto do exterior da Fábrica da Boa Vista, no Porto

Durante essa larga temporada exportou, das mais finas qualidades de vinho do Porto quasi 85 milhões de litros que conquistaram a manifesta preferência dos mercados ingleses em que sempre têm mantido uma situação de excepcional relevo.

Em 1880 foi adquirida por aquela Firma a Fábrica de Estamparia de Braço de Prata que a breve trecho se tornou uma das principais na sua especialidade, fabrico de chitas, percalinas, popelines, setinetas, fantasias, cretones, zuartes e outras combinações similares. Em 1889 fez construir na capital do norte a Fábrica da Boa Vista que se dedicou à fabricação de tecidos de algodão, patentes cruas e brancas, panos para lençóis e outras aplicações domésticas, sarjas, lonas, etc. Pertence-lhe também a Fábrica da Abelheira, no Tojal, que no fabrico do papel atingiu a maior perfeição, especializando-se nos papeis de impressão, branco e de cores, imitação de *couché*, de escritório, para correspondência particular, do mais simples ao mais luxuoso, cartões e cartolinas, sacos de papel «Kraft» para cimento e outros.

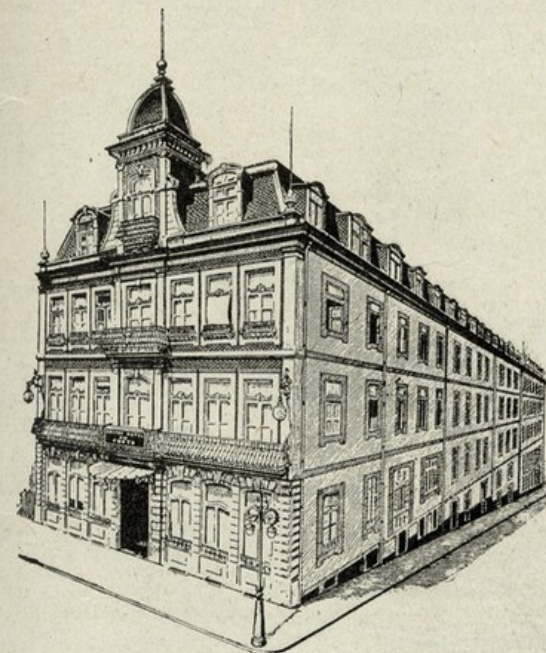
Não menos importante é a parte comercial que conta valiosas representações em vinhos, óleos, pneumáticos e câmaras de ar (Dunlop) e outros géneros. Conta hoje esta Firma que está instalada na rua dos Fanqueiros 7, em Lisboa, e na rua dos Clérigos 6, do Porto, mais de dois mil empregados, circunstância esta que basta para se poder aquilatar da sua influência na vida económica do País.



É desta máquina, a número 1, da Fábrica da Abelheira que sai o magnífico papel em que é impresso o «Mundo Gráfico»

presença o majestoso palácio da colectividade. Como pormenor curioso de citar-se, é o facto da Associação Comercial do Porto possuir no seu seio uma grande massa de sócios ingleses que no Porto ocupam posição predominante na vida mercantil e que, desde a fundação da colectividade até hoje, sempre tiveram um ou mais representantes nos corpos directivos da ilustre agremiação.

GRANDE HOTEL DO PÔRTO



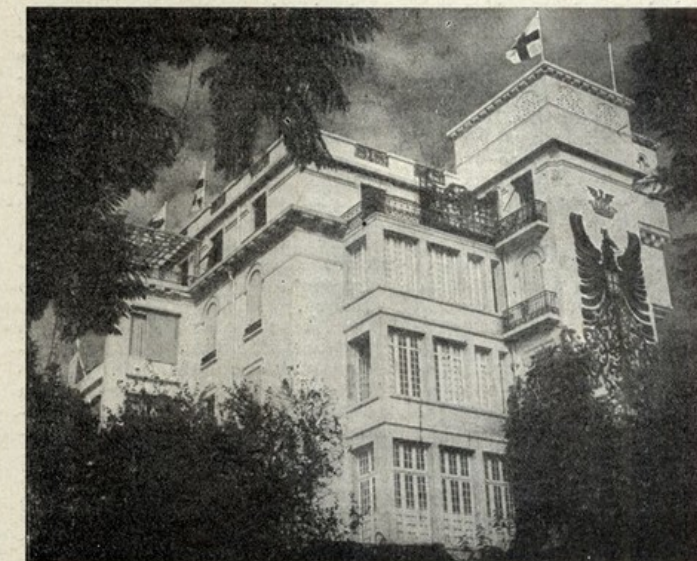
Ao Grande Hotel do Porto, um dos de mais alta categoria do País, tem sido cometido o encargo de albergar e hospedar nas suas instalações, para isso já devidamente adequadas, todas as individualidades de relevo social, nacionais e estrangeiras, que têm visitado oficialmente a Capital do Norte.

Por ali têm passado vários Chefes de Estado e suas comitivas, príncipes de sangue, embaixadores, ministros e artistas consagrados, sendo lá também que se têm realizado importantes banquetes oficiais. As suas instalações, que têm sido constantemente ampliadas e renovadas, correspondem inteiramente, como sempre se tem verificado, às responsabilidades inerentes a tais serviços. A sua empresa proprietária que tem íntimas ligações com os hotéis Vitória, de Lisboa, e Atlântico, do Monte Estoril, ambos em trabalhos de grandes ampliações, marca hoje um lugar de destaque na indústria hoteleira do País.

HOTEL AVIZ

O Hotel Aviz, da Avenida Fontes Pereira de Melo, desempenha hoje um papel preponderante e de responsabilidade na vida da nossa Capital visto ser sempre o escolhido para hospedar as individualidades estrangeiras de mais elevada categoria que nos visitam, sendo ali também que se têm alojado convidados do Governo e realizado vários banquetes oficiais e de carácter diplomático.

No seu livro de oiro que regista interessantes depoimentos de vários hóspedes estão



Um aspecto do edificio cujas instalações consttuem um modelo de comodidade, luxo mesmo, a justificarem as referências que publicamente lhe têm sido feitas

inscritas as seguintes palavras da autoria do Barão de Saavedra, um brasileiro ilustre que tem percorrido os mais freqüentados centros cosmopolitas e todo o Mundo:

«Considero o Hotel Aviz de primeira ordem pela sua instalação e organização dos seus serviços. Não fica a dever nada aos grandes Palácios que eu tenho obrigação de conhecer como fundador e director da Companhia do Hotel Palácio do Rio de Janeiro».

O Estado Português tem em conta tal a sua actuação que lhe tem dispensado concessões muito especiais.

A moda no Lar!

A moda para os adornos do lar segue o mesmo curso de variedade como as modas individuais de cada pessoa. Assim, fazendo trabalhos de «Crochet», que V. Ex.^a orgulhosamente empregará para embelezar o seu lar, desejará, naturalmente, dedicar o seu esforço a desenhos de novidade oportuna, adequados aos seus aposentos.

Veja como esta toalha fará realçar o brilho dos seus utensílios!

Como um pequeno «napperon», de bandeja, no mesmo género, poderá dar uma nota alegre quando se serve o primeiro almôço, ou um cunho gracioso à bandeja em que se serve o café!

A beleza do desenho aliada à formosura da mão de obra constituíram, a título de herança de família, uma aquisição conseguida com pouco custo, usando «Crochet-Mercer», «CORRENTE», branco ou de côr.

C^a de LINHA COATS & CLARK L^o
PORTO — LISBOA



SPORT

A PREPARAÇÃO FÍSICA DO SOLDADO MODERNO

O soldado moderno deve ser um atleta. A guerra dos nossos dias exige-lhe um dispêndio de energia nunca igualado, pelas características que as novas concepções lhe impuseram. Há vinte anos, a batalha arrastava-se longo tempo em posições estáticas, caracterizada apenas por simples duelos de artilharia e tiros isolados de armas ligeiras — para «manter o moral». A guerra de trincheiras permitia repousos mais ou menos longos que são incompatíveis com a guerra de movimento. Já então se cuidava, porém, da preparação física do soldado profissional, mas nunca ela foi tão necessária como agora. Dir-se-á que a motorização e mecanização quasi sistemática dos exércitos permite uma compensação dos desgastes físicos provocados pelas exigências da luta. Puro engano. Poupança, talvez, o soldado às longas marchas através de todos os terrenos, mas as condições em que essas marchas — chamadas de aproximação — se effectuam, quer a progressão se faça ou não mecanicamente, são extraordinariamente depauperantes. Não existem hoje aquelas marchas que, na guerra passada, se denominavam de «aproximação coberta». Hoje, as aproximações são sempre «descobertas». Pode caminhar-se na retaguarda de uma coluna e dizer-se que marchamos a coberto. A aviação eliminou todas as possibilidades de progredir a «coberto».

E as armas transformaram-se porque são mais pesadas e perfeitas. O militar dispense a maior soma de energia física a transportá-las e maior soma de ener-

gia intelectual a manobrá-las. Quasi que não existem objectivos colectivos pelos quais se dispersa a atenção. O soldado, por mais humilde que seja o seu pósto, tem que possuir conhecimentos muito vastos e deixou de ser um autómato cujo cérebro se multiplica por todos os seus superiores, para ser um indivíduo que raciocina e está apto a resolver as múltiplas situações em que a batalha o coloca.

Dêste complexo de condições físicas e intelectuais que obrigatoriamente condicionam a aptidão do soldado moderno resulta a necessidade de uma maior resistência à fadiga que só é possível pela sua cuidada e inteligente preparação. A ginástica, em primeiro lugar e, em seguida, todos aqueles jogos desportivos que permitem o hábito e a adaptação aos grandes esforços.

Em plena guerra os chefes do Exército inglês não descumram o problema perante a necessidade da acção imediata. O soldado prepara-se como um atleta que vai disputar uma importante competição desportiva. Instrutores competentes submetem-nos à prática diária da ginástica e, os próprios exercícios de campanha são racionalmente ministrados por forma a adaptá-los progressivamente à resistência física que mais tarde lhe será exigida.

Em Portugal, também a questão está a ser cuidadosamente tratada. A educação física já não é uma circunstância episódica na instrução do recruta, mas um assunto a que se liga a máxima importância. Evidentemente



Os soldados ingleses são submetidos a rigorosa preparação física. Um salto a que não falta o estilo de um bom atleta

que nem todos os quartéis dispõem de recintos onde a prática da ginástica se realize dentro das condições higiénicas que seriam para desejar. No entanto, o Governo, com a projectada remodelação de todos os edificios

militares não se esqueceu de dotá-los com todos os elementos exigidos para a salutar instrução do recruta, na parte que diz respeito à sua preparação física.

E. C.

Evolução e Revolução

(Continuação da página 13)

tando numa compensação e troca das suas aptidões naturais.

Como, porém, esquecer as dificuldades de evitar uma diferenciação hierárquica das economias — umas prêsas à Terra, imprógnias ou lentamente evoluindo na penosa ascensão das civilizações agrícolas, e as outras industriais ou complexas, como que eleitas para foros superiores de cultura e de progresso, inevitavelmente a uma hegemonia económica e logo pois política? Não é possível legitimar por diferenças de raça ou de meios — hoje que uma se denuncia cientificamente tão inevitável e a outra tão susceptível de correções e melhorias — o direito a um teor mais elevado de vida, oposto à negação ao acesso à luz ou ao

bem estar, que são as desigualdades nos dons da natureza podem justificar, ou pelo menos explicar.

E como ignorar o drama dos pequenos partidos, que o artifício político não forjou, porque foram o produto duma incoercível aspiração de vida nacional, afirmada em séculos de existência, em uma lingua, em uma consciência militante da comunidade de destino e de vocação histórica?

Essas, têm depois acima de tudo a sua ansia de sobrevivência livre; nada poderia resgatar a sua infelicidade ou o seu desespêro se tivessem de renunciar a uma vida, que, na sua modéstia ou até na sua mediocridade, tem a dignidade eminente e inigualável das existências, que se geraram e perduraram no esforço tenso e no anseio irremediável de ser ela própria e sempre igual a si mesma.

Ao serviço do Império

(Continuação da página 30)

guarnição esperava ser mandada, dentro em pouco, para o teatro das operações. Não havia licenças. Os Dragões esperavam, a cada momento, a ordem de afiarem os sabres.

Deixei Rawalpindi mergulhado em curiosos pensamentos. Tanto mais curiosos quanto é certo que todos os presentes à sessão de canto realizada na «mess» tinham bebido com certo entusiasmo. Apesar disso soube conduzir-me com a necessária discreção. Esta discreção era imposta pelas circunstâncias pois as relações entre os oficiais do 4.º de Dragões e os da minha unidade não eram excelentes. «Queira indicar as suas condições para ser colocado no 4.º de Dragões» perguntaram certo dia a um capitão do meu regimento. Ao que êle

respondeu, sem hesitar: «Dez mil libras, um titulo de lord e um fardamento completo». Os oficiais do 4.º de Dragões tinham tomado isto como uma ofensa.

Este episódio, insignificante na aparência, agravou as divergências que já existiam entre os dois regimentos.

Seja prático e económico:

Viage na C. P.

Informações — em todas as estações da C. P.

— em Lisboa: — no

Serv. do Tráfego

— telef. 24.031

— no Porto: —

Telef. 1722



OS FRIGORIFICOS "ELECTROLUX" SÃO OS MAIS PROVEITOSOS!

Tôdas as Manhãs Mais Jovem!



ESTA NOITE

Empregue o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór de Rosa, que contém o Biocel — surpreendente descoberta do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena. Este alimento vital das células é obtido de animais novos cuidadosamente seleccionados. A ciência sabe, agora, que o desperdício daquele alimento natural é a causa das rugas. O Creme Tokalon, Biocel, Alimento para a Pele, restitui-o à pele durante o sono, tornando-a rija, jovem e aveludada.

A venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

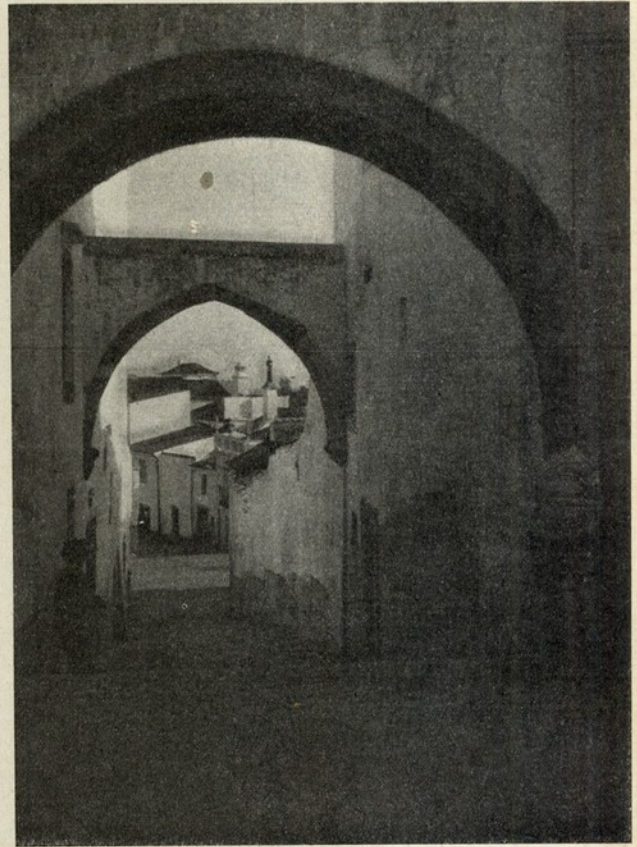


AMANHÃ DE MANHÃ

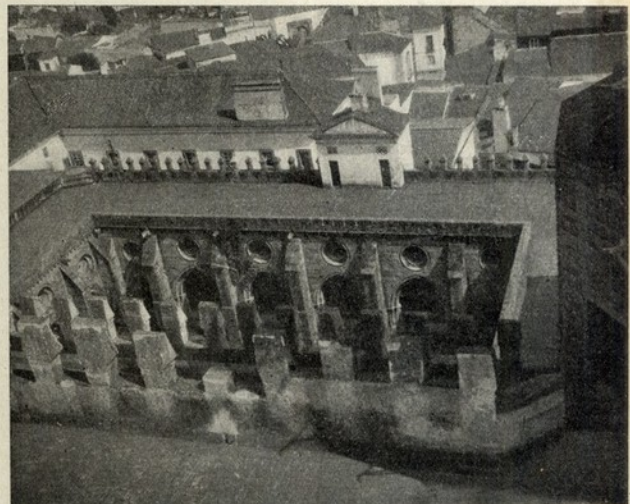
Repare quanto ganhou a sua pele em frescura e aveludado, depois da primeira aplicação. Passados alguns dias as rugas começam a desaparecer. Ao cabo duma semana V. Ex.^a parecerá alguns anos mais nova. Aplique, de manhã, o Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso), que dissolve os pontos negros, torna a pele macia e aveludada. As senhoras de 50 anos podem adquirir um rôsto fascinador que tornaria uma rapariga orgulhosa.

O êxito é garantido, de contrário, restituímos o dinheiro do custo:

A CIDADE MUSEU



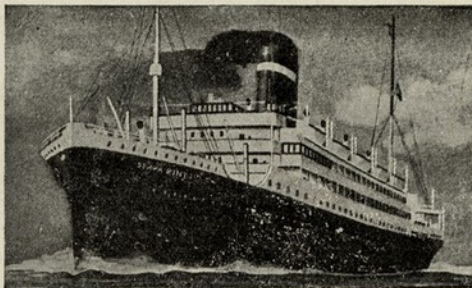
Uma linda aguarela de Evora antiga. Dois esbeltos arcos, cada um do seu estilo, cortando de sombra a rua estreita e pequenina, cujo nome tem um sabor quinhentista.



A velha Sé eborense, exemplar precioso de arquitectura religiosa, fundida no sol da tarde como um sacrário de ouro, com o seu maravilhoso claustro, focada numa visão incomparável.

OS PAQUETES DA Companhia Colonial de Navegação

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas



O luxuoso paquete «SERPÁ PINTO»

PAQUETES

«Serpá Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Ganda»	6.770 »
«Pungue»	6.290 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

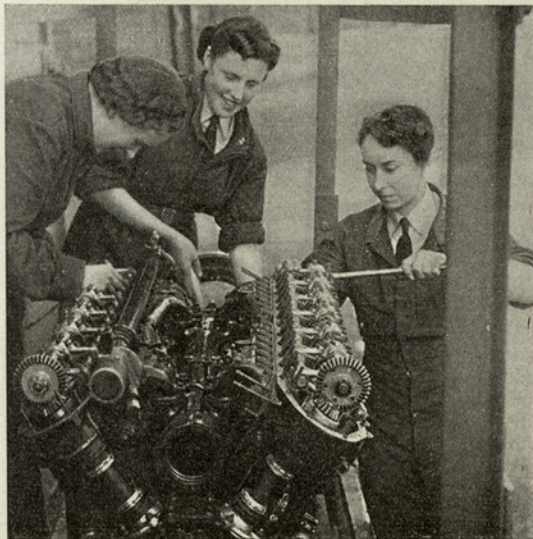
LISBOA — R. Instituto Virgílio Machado, 14 (à R. da Alfândega)
Telefone 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Telefone 2.342

Mulheres inglêsas na guerra



Das lindas paveias de trigo, qual delas a mais alta e a mais loura. O sorriso da vitória paira sobre o pão da guerra.



Três operárias, que construíram, peça por peça, este complicado motor, que tem a delicadeza dum mecanismo de relógio.

(Continua na pág. 57)

Os apreciadores de
VINHO DO PORTO
bebem

MACKENZIE

Os debilitados preferem o
QUINADO

MACKENZIE

MACKENZIE & C.º

Rua Serpa Pinto, 41
VILA NOVA DE GAIA
PORTUGAL

Representante

José Ferreira Lobo
Rua da Madalena, 66 s/l.
Telefone 23769 — LISBOA

AGENCIA ARGOS

jornais
revistas
livros
assinaturas

SEDE:

LISBOA — Rua da Assunção, 42
Apartado 400
Telefone 2 0925

SUCURSAL:

PORTO
Rua Alexandre Herculano, 410
Apartado 97

THE ENGINEERING COMPANY OF PORTUGAL, LTD.

Rua dos Remolares, 12, 1.º

LISBOA

Representantes
dos mais impor-
tantes fabricantes
Ingleses de Má-
quinas para to-
das as indústrias

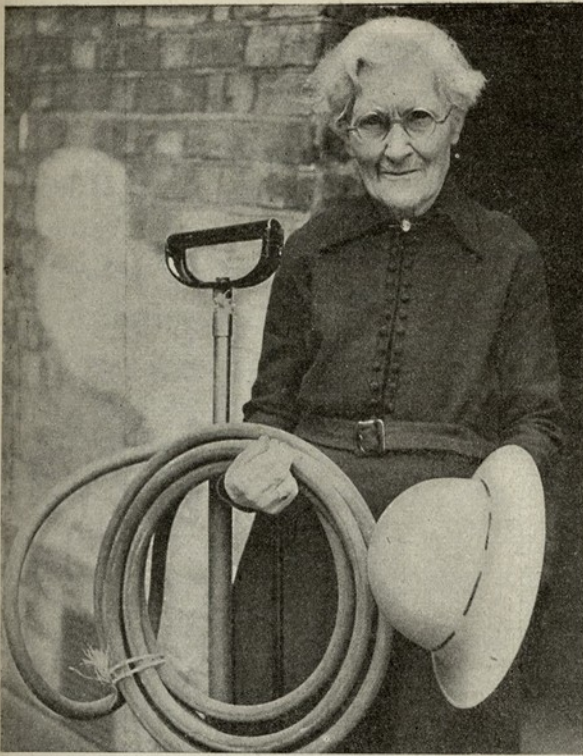
Lotarias
Câmbios
Papeis
de
Crédito
Coupons

consulte

COSTA, LIMITADA

60, Rua da Prata, 62

L I S B O A



Mrs. Henrietta Elherington, de 79 anos, apesar da sua avançada idade, faz parte do exército do fogo, de Londres. Ei-la com o seu equipamento de bombeiro, no teatro onde está empregada.



A reconstrução da capital do Império prossegue intensivamente. As mulheres fazem, alegremente, serviço de pedreiro. Estas transportam tijolos para um prédio que se está construindo num tempo «récord». Uma nova Londres nasceu depois do «blitz».

(Continua na pág. 58)

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

LOBITO-LUAU (Fronteira) — 1347 Kms.

CAPITAL: Esc.-Ouro 330.000.000\$00 ou £ 3.000.000

Enderêço telegráfico: LOBITANGA - Lisboa - Londres - Lobito



O mais curto caminho entre a Europa e a África Central

Escritórios:

LISBOA — Largo do Quintela, 3, 1.º.

LONDRES — Princes House — 95, Gresham St., London E. C. 2.

LOBITO — Caixas Postais N.ºs 32 e 49.

JAMES RAWES & C.

47, Rua Bernardino Costa

Telefones: 23232-3-4

Telegramas: RAWES-LISBON

LLOYD'S AGENTS

Agentes da:

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION
(Carreiras regulares de passageiros e carga e serviço de correio entre Portugal e a Gran-Bretanha).

NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOCIETY LTD.
Estabelecida em Portugal desde 1824.
(Efectuando seguros de Fogo, Automóveis e Bagagem)

ROYAL MAIL LINES LIMITED
PENINSULAR & ORIENTAL STEAM NAVIGATION C.º
CANADIAN PACIFIC STEAMSHIPS LTD.
HOULDER BROTHERS LTD.
LIMERICK STEAMSHIP COMPANY LTD.
Etc., etc.

SALVAGE ASSOCIATION — LONDON
LIVERPOOL & GLASGOW SALVAGE ASSOCIATIONS
BOARD OF UNDERWRITERS OF NEW-YORK
Etc., etc.

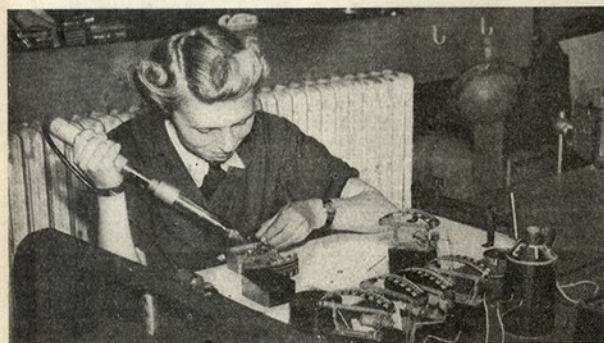


**GASOLINA
E ÓLEOS
SHELL**

FR



Dois correios femininos. O da esquerda com o novo chapéu da corporação, o da direita com o antigo. Apesar da correspondência ter aumentado com a guerra, elas cumprem, jovialmente, a sua tarefa.



Trabalhando, trabalhando sempre para vencer a guerra. Este gracioso artífice é um soldador excelente, que está adstrito às oficinas de construção de aviões. Bevin, que mobilizou todas as mulheres inglesas, deve estar contente.

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Carreiras regulares entre Lisboa, Madeira e Açores

Saídas em 8 de cada mês, para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

Saídas em 23 de cada mês, para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa, Praia, S. Jorge (Velas), Coas do Pico, Faial, Corvo e Flores (Lages e Santa Cruz).

Agentes em Lisboa: GERMANO SERRÃO ARNAUD, Av. 24 de Julho, 2, 2.º

Na Madeira: BLANDY BROTHERS & C.ª L.ªs

Em Ponta Delgada: BENSUADE & C.ª L.ªs

RELÓGIO ETERNA

a última palavra

em técnica

em precisão

em beleza

Peça nas boas casas



PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



O primeiro casaco para a primeira tarde fria que faz ter saudades do último dia de verão

As Primeiras Notas da Partitura Outonal

— Balenciaga apresenta muitos efeitos de *poufs* colocados sobre saias rodadas atrás.

— Nos chapéus vê-se-à o veludo em tom fôlha-morta e crisântemo.

— Nos tecidos haverá afinal o mesmo que até agora: crepe de lã, veludo de lã, sarja escocesa, mistura de lã e *rayonne*, *cotelê*, lã com fio da Austrália e *angora*. Alguns nomes dos novos tecidos de Rodier: *mycar*, *cardigal*, *granissa*, *vly*, *rodjyl*.

— A passamanaria parece ir ter um papel predominante. Em tranças, galões, bordados, entremeios, franjas. E nas seguintes aplicações: coletes, guarnições de decotes, algeibeiras, entremeios, orla de casacos, etc.

— Dizem que se vai ligar muito o castanho com o preto. Não sei porquê, comparo com azul escuro e preto — e acho que faz pobre.

— O feltro branco está indicado para pôr com um vestido de lã em tom azul-violeta. Luvas e saca brancas.

Bigoudis Eléctricos

Era uma vez uma rapariga que tinha o cabelo muito liso e não possuía dinheiro para fazer uma permanente. Mas como sentia desgosto em ter assim o cabelo «estacado», todas as noites, antes de se deitar, punha os ganchos de ferro chamados *bigoudis*.

Ora uma noite, houve uma enorme trovoadade, e de repente, ela ficou horrorizada com um relâmpago que lhe passou pelo quarto. E pareceu-lhe que tinha a cabeça a arder. Levou as mãos aos *bigoudis* e viu que estavam quentes. Assustada, tirou-os do cabelo e qual não

foi o seu espanto quando, correndo para o espelho, viu que tinha o cabelo todo frisado!

Naturalmente estava lembrando uma carapinha de preta, mas o certo é que, com uma *mise-en-plis* ou coisa semelhante, ficou uma verdadeira maravilha.

Ora isto deu ideia a um inventor.

Portanto, não se admirem quando surgir o pente que, graças a uma instalação especial, emite raios ultra-violetas. E também o *bigoudi* eléctrico que frisa instantaneamente o cabelo.

Aguardemos, pois...

Seja graciosa

Uma mulher muito linda que não tenha gestos graciosos perde cinquenta por cento.

O andar tem que ser harmonioso, lembrando os versos de La Fontaine:

*Légère et court vêlue, elle allait à grands pas,
Ayant mis ce jour-la, pour être plus agile,
Cotillon court et souliers plats.*

Não precisa de usar saltos rasos mas também, se forem altos demais, será difícil equilibrar-se.

Ora vejamos como deve estar quando *em pé*:

- Cabeça direita.
- Barriga para dentro.
- Seio bem colocado com os ombros para trás.

Agora *ao andar*:

— Ao deitar a perna para a frente, o joelho, estará retido, para só se distender quando o pé toca no chão.

— Pés paralelos, nem muito para dentro nem muito para fóra.

— Não balouçar as ancas, pois dá aspecto ordinário.

— O busto deve estar coleante mas tranqüilo. Há mulheres que parece falarem com os ombros numa agitação contínua.

E *ao sentar-se*:

— Se é gorda, não se espacace quando se senta.

Faça-o num gesto preciso e uniforme, mas sem rigidez.

— Sente-se de forma bem assente e mantenha as costas direitas.

— Fuja das poltronas muito baixas e moles que comprometem a respiração, curvam as costas e suprimem a graça geral do corpo. Não falando na dificuldade do levantar.

— Manter os joelhos juntos.

— Não cruzar nunca a perna (mesmo quando estiver de pijama) com o tornozelo duma perna a tocar no joelho da outra.

— A forma mais graciosa de estar sentada, é cruzando as pernas e conservando os pés no mesmo alinhamento. Vigiar as saias. Ou então ficar com os dois pés no chão e o corpo bem chegado às costas da cadeira.

CHÁ

CELESTE

QUALIDADE

FINÍSSIMA

PALADAR

DELICADO



A JOURS
BOTÕES

BORDADOS
TINTURARIA

Albina Marques

(ex - M.ª Gonçalves)

TINJA EM CASA COM



S A L V A Ç Ã O

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

CASIMIRO havia envelhecido muito. Os seus trinta e dois anos pareciam já quarenta. Seis meses eram passados sobre o falecimento de Margarida, sua mulher. E, agora, a imagem da esposa, já lhe não reaparecia tão nítida como dantes, na memória. Mas ele sofria, sofria muito. Ao contrário do que se sucedera nas primeiras semanas, depois de lhe terem levado para os torrões, já não era a sua presença de morta, de morta invisível, que o torturava. Muito para pior, era a sua ausência, a sua dolorosa e definitiva ausência, que ele sentia agora, profundamente, dentro e fora, de si. Em toda a parte, por onde quer que fosse, sentia a falta de Margarida. Nos arranjos de casa, quando se deitava ou levantava, pelo dia adiante ou pela noite fora, faltavam-lhe os seus ternos cuidados, os seus conselhos, as suas mãos amorosas. Quando ouvia o filho chorar, por qualquer motivo que ele não descobrisse, logo pensava: «Sim, meu querido. O que te falta são as carícias de tua mãe». E, em silêncio, muito comovido, afagava-o.

Dentro do peito, a pesar-lhe muito, sentia Casimiro o amargo abandono da sua existência de viuvo. No trabalho, assaltava-o, muitas vezes, o veemente desejo de fugir, fugir. Mas, para onde? Não o sabia. A seguir, porém, a lembrança do miúdo trazia-o à realidade. E, então, quasi sempre lhe surgia, também, a delicada imagem de Fernanda, viuva como ele e sua vizinha, que lhe era tão dedicada e tanto gostava do seu pequenino.

Casimiro visitara-a todas as noites. E, numa dessas ocasiões, os dois falaram demoradamente. Pousou a costura que estava fazendo, sobre a

mesa, à beira do candieiro — e perguntou:

— Lembras-te da Deolinda, a do Marcolino? Está doida.

Enquanto Fernanda falava, falava em voz chorosa, revelando as privações que a Deolinda havia passado, a ponto de ter perdido o riso, Casimiro ia recordando a desditosa mulher. Não contava mais que vinte e oito anos, a triste. O marido tinha-lhe morrido na explosão de uma pedreira.



Com dois filhos de roda das saias, a pedir-lhe pão, a desgraçada levava mais de seis meses a bater às portas e a pedir esmola. Recolhia côdeas rijas, quando recolhia... Os ricos lavradores, com a terra revolvida pelo furioso temporal que havia desabado no inverno que ainda não ia longe, raro abriam as mãos...

Casimiro sentia-se completamente amarfanhado. Antes de Fernanda lhe haver falado

da desventura de Deolinda, ele queria fazer-lhe esta pergunta: «Ouve, Maria José, porque motivo é que tu não voltas a cavar?». Mas, agora, estava triste, muito triste, mesmo, e havia-se esquecido até da interrogação a que tanto e tão particular interesse ligava.

Levantou-se, confessando:

— Vou-me deitar.

Fernanda levantou-se, também. Como sempre, Casimiro havia trazido o filho consigo

arreigada por aquela sua boa vizinha.

Consumidas as magras economias, que lhe restavam ainda, depois de pago o enterro da mulher, as privações bateram-lhe à porta. A aldeia estava pobre; até os ricos, com as suas terras devastadas, se haviam transformado em pobres, também. Casimiro reconhecia, porém, a necessidade de fazer fosse o que fosse e onde quer que se encontrasse. Então, sucedeu que Fernanda, adivinhando nas aflições do vizinho, por causa do menino, pediu-lhe que o deixasse em sua casa, até que ele voltasse ao trabalho.

Por espaço de uma, duas semanas, Casimiro andou um tanto iludido. O seu menino estava em casa de Fernanda, que, sabia Deus como, lá o sustentava. Mas, depois, a realidade distendeu-se na sua frente com toda a dramática negrura. Havia apenas uma solução: desaparecer! Pensou e amadureceu esta angustiada resolução. Seria breve, uma noite...

...E, nessa noite, depois de ter passado a tarde toda em casa de Fernanda e de haver beijado o filho, com lágrimas nos olhos, aproximou-se da ponte do combóio. Ali, a altura não deixava esperanças de salvação. Estava decidido: Ele deixaria este mundo, com a certeza de que o miudinho ficaria em boas mãos. Mas, no momento em que saltou para a grade, sentiu baterem-lhe nas costas. Voltou-se. Fernanda tinha-o seguido, estava ali, com o miudinho nos braços. E, sem o repreender nem sequer lhe perguntou o que ele ia fazer, disse apenas:

— Anda comigo. O teu filho precisa de ti. Eu, também...

Casimiro acompanhou Fernanda.

OS FRIGORIFICOS "ELECTROLUX" SÃO OS MAIS PROVEITOSOS!

J. Garraio & C.^{ia} Suc.

CASA FUNDADA EM 1860

José Rodrigo de Menezes, Ld.^o

Avenida 24 de Julho, 2, 1.^o-D.

Fabricantes de instrumentos nauticos. Agentes do Almirantado Inglês-Francês e da Direcção dos Serviços de Hidrografia e Navegação. Fornecedores do Ministério da Marinha e do Arsenal do Alfeite. Mapas e livros de navegação. Reparação de aparelhagem nautica. Gintas para navios e construção civil

A PRESTAÇÕES

T. S. F. — «PHILIPS», «R. C. A.», GENERAL ELECTRIC» a prestações todos os modelos e máxima garantia. Em exposição.

IMPERMEAVEIS — GABARDINES para homem e senhora, cores garantidas e absolutamente impermeáveis.

RAPOSAS — Argentées, peles, coenços, etc., com grandes facilidades de pagamento.

FATOS — SOBRETUDOS das melhores fazendas, executados por habéis costureiros e a máxima rapidez. Fazendas, sedas, veludos, dentista, calçado, mobílias, chapéus, colchas, roupas brancas, meias, peugas, ondulções permanentes, escola de chauffeurs e todos os artigos indispensáveis à vida.

CANARIO BASTOS RUA DOS FANQUEIROS, 235, 2.^o, D. Telefone 2 0937

CRÓNICA ALEGRE**O EX-FIEL AMIGO**

O bacalhau tem passado, na vida, por numerosas evoluções. Isto já não é de hoje, nem de ontem, mas nem do tempo do bacalhau a pataco, não porque houvesse, alguma vez, bacalhau por aquela ninharía, mas porque aquela expressão é evocadora duma época de promessas e de ilusões absolutamente de optica, e que só de recordá-las faz chorar as pedras da calçada por mais negras que sejam e polidas que estejam.

Há pessoas que têm pelo bacalhau uma adoração sem limites e de tal ordem que até sabem de cor as cem maneiras de o cozinhar. E entrou tanto nos hábitos dessas pessoas que é vulgar chamar ao bacalhau o fiel amigo. Esta expressão vem, também, daqueles velhos tempos do bacalhau a pataco.

Havia bacalhau de diversas procedências: o de Viana, o mais português de todos; o inglês, a quem davam essa nacionalidade para ser mais apreciado e o norueguês, que por isso mesmo se chamava sueco.

Hoje, isto do bacalhau, fia mais fino. Deixou de vir de todos aqueles lados e vale tanto como o dinheiro e, por esse facto, está depositado e nós, quando o queremos, temos que o mandar levantar aos bancos da Terra

Nova. Só isto dá um trabalho enorme e faz perder muito tempo, pelo que ha já quem tenha estado seis meses numa mercearia à espera dum quilo.

Eu já me desabituéi de comer o bacalhau. Muitas vezes, ao almoço, ou o comi com todos, ou assado, ou de mais noventa e oito maneiras, mas agora, quando eu peço um bacalhau, seja lá como fôr, respondem-me que bacalhau de maneira nenhuma me é permitido comê-lo, nem se quer cheirá-lo, que era uma coisa de que eu gostava tanto.

Deixou o bacalhau de ser o fiel amigo? Não aparece, e o que a gente enxerga está por um preço tal que nas casas ricas já substituíram o salmão e a lampreia pelo «fiel amigo», porque dá mais categoria e torna-se mais notado.

Mas ha ainda muita gente boa que não pode passar sem êle, apesar de ter sido um ingrato. De um amigo meu sei eu que gosta tanto de bacalhau que não pode passar sem êle. Só o que mudou foi o tratamento. Antigamente, sempre que o via, dizia-lhe cordealmente: Olá meu fiel amigo, agora sempre que o cumprimenta é muito secamente:

— Viva, meu caro amigo!

Marçal Saldanha

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de Africa

S É D E

Rua do Comércio, 85

LISBOA



SUCURSAL

R. do Infante D. Henrique, 73

PORTO



No primeiro sábado de cada mês, serviço rápido de carga e passageiros para a Africa Ocidental, e no quarto sábado, serviço rápido de carga e passageiros, com escala nos principais portos da Africa Ocidental para a Africa Oriental

FROTA DA C. N. N.

«S. Tomé» n/m 9.100 ton.	«Cabo Verde» 6.200 ton.
«Niassa» 9.000	«Luabo» 1.385
«Angola» 8.300	«Chinde» 1.383
«Cubango» 8.300	«Inharrime» 1.000
«Quanza» 6.500	«Ambriz» 858
«Lourenço Marques» 6.400	«Save» 1.880
«Congo» 5.000	

Agências em todos os portos africanos

e nos principais portos do Mundo



REGISTERED TRADE MARK

ILFORD

CHAPAS (orto e panco)



PELÍCULAS (orto e panco)

ILFORD

PAPÉIS

ILFORD LIMITED
ILFORD LONDON



À VENDA NAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

Canelas & Figueiredo, L.^{da}

PRODUTOS COLONIAIS
CORREIAS E MANGUEIRAS
"GOODYEAR"

Telef. 25058

RUA DOS FANQUEIROS, 46 // LISBOA



Garrafa e copos de cristal ingleses, muito antigos, próprios para vinho do Porto, hoje pertença do respectivo Instituto

A defesa da cultura, preparação e comércio dos vinhos do Porto pode considerar-se iniciada no reinado de D. José I, pelo seu primeiro Ministro, o Marquês de Pombal que, num momento de feliz inspiração promulgou uma série de medidas com esse objectivo, entre as quais se destacou a fundação em 1756 da Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro para intensificar e apurar esta cultura vinícola, conservando-lhe porém as suas principais características.

Foi tal a afluência exercida por esta medida que a exportação que fôra no ano anterior de 122 pipas já em 1801 se cifrava em 66.629. Um curioso documento datado de 1775 mostra-nos que uma partida de vinho destinada às Naus de Sua Magestade Britânica, 300 pipas, renderam £ 3.216.11.7.

Para fomentar a cultura destas vinhas a Companhia auxiliava os lavradores emprestando-lhes dinheiro a juro módico, mas fiscalizando-os intransigentemente. Em 1773 fundou a Academia de Náutica e Navegação que depois se transformou até chegar à Universidade actual. Dedicou-se a árduos trabalhos de navegabilidade no Douro desde Espanha até à Foz, abrindo caminhos através das montanhas especialmente em S. Salvador da Pesqueira. Por disposição régia fez construir duas fragatas armadas com 20 e 30 canhões, para defesa da nossa exportação então já notável nos mares do Norte e Báltico, infestados de piratas. Instalou um posto de socorros a naufragos, na margem direita, à entrada da barra e fez também construir as primeiras estradas do Porto ao Pinhão e à Foz.

A história do Vinho do Porto ficou assim ligado o nome desta Companhia, o único organismo comercial e agrícola desse tempo hoje existente, e que tem mantido através a sua longa existência inalteráveis os créditos de que sempre tem gozado, não só entre nós como nos mais importantes mercados mundiais, mercê da excelência dos produtos que serve, os deliciosos vinhos de mesa tintos e brancos, quinados, finos e aguardentes cujos importantes e valiosos stocks se encontram nos seus vastos armazéns de Miragaia, Vila Nova e Campanhã.



No 4 de St. Mary's, em Londres, encontra-se a sede principal da firma Gonzalez, Byass & Co., fundada naquela cidade em 1855, vindo estabelecer-se no Porto em 1895, dedicando-se aqui à preparação dos vinhos generosos, tal como nas suas importantes instalações de Xerez de la Frontera aos vinhos e

V
I
N
H
O
S

D
O
P
O
R
T
O



a homenagem que no anadas Comemorações dos Centenários da Fundação e da Independência de Portugal, lembra quanto os Mercadores e Fabricantes contribuíram para a edificação política e económica da Nação, as Associações Comerciais Industriais de Lisboa e Porto, ao promoverem a consagração dos Casas do Comércio e da Indústria com mais de um século, não esquecer as firmas estrangeiras centenárias que leem cooperado na prosperidade nacional.

Desde a primeira dinastia, a medida que se ampliaram as nossas relações de comércio exterior, a hospitalidade dos Portuguezes sempre acolheu como amigos aqueles que de além fronteiras vieram colaborar no progresso económico do País, e que nele emularam os seus lares.

Assim os saudam a Associação Comercial de Lisboa, a Associação Comercial do Porto, a Associação Industrial Portuense e a Associação Industrial Portuguesa, na Casa Centenária estrangeira mais antiga a firma C. N. Kopke & Co. Ltd. fundada em 1638 no Porto, recordando nela os nucleos de colónias amigas que ha mais de cem annos exercem a sua actividade em Portugal.

Annos Centenários

Associação Comercial de Lisboa
CAPITÃO COMERCIO
O PRESIDENTE

Associação Industrial Portuense
O PRESIDENTE

Associação Comercial do Porto
O PRESIDENTE

Associação Industrial Portuguesa
O PRESIDENTE

Este documento que gostosamente reproduzimos é demasiado suggestivo para dispensar quaisquer outras referências à Firma C. N. Kopke, & Co. L.t.d, de Vila Nova de Gaia.

Trezentos e três annos de constante e cuidado labor na preparação dos deliciosos vinhos do Porto constituem o melhor atestado das suas qualidades que lhes têm assegurado uma importante expansão por esse mundo fóra, justificando plenamente os sólidos créditos de que goza em toda a parte.

aguardentes jerezanos, constituindo assim uma forte e completa organização vinícola, com sólidos créditos firmados em toda a parte.

Os seus vinhos do Porto apresentam-nos as apreciadas marcas Superior Tawny, Special Tawny, Port in Sight e «54 Port», todas elas bastante apreciadas nos principais mercados do Mundo. É entre nós a depositária dos produtos Gonzalez Byass, a firma Garland Laidley, & C.ª, Ltd. da travessa do Corpo Santo, 10-2.º onde os apreciadores de vinho encontram as mais apreciadas marcas do Jerez (Shery) e as do Porto que indicamos.





O átrio de entrada do edificio da Feitoria

A FEITORIA

Data já do século XVI a influência exercida na região portuense pelo comércio interno e externo inglês que o tratado de Metwen, assinado em 27 de Julho de 1703, entre Portugal e a Inglaterra, veio notavelmente revigorar por efeito das prerrogativas concedidas aos súbditos britânicos de que resultou que viessem muitos outros estabelecer-se no Porto.

Foi então que se agruparam importadores e exportadores de várias mercadorias, distribuidores de bacalhau e preparadores de vinho, iniciando-se em 1785 a construção do actual edificio da Feitoria que assim veio a denominar-se por ali se reunirem os feitores das várias firmas para esse efeito associadas. Para ela se adquiriram três edificios, com frente para a rua de S. João, e quinze anos se consumiram nessa obra, seguindo um projecto de John Whitehead que foi consul inglês no Porto durante 47 anos, tendo-se despendido nessa construção dusentos mil cruzados.

Em 1811, ao reabrir depois de terminada a guerra Peninsular, passaram a fazer parte dela, exclusivamente, os comerciantes ingleses de vinho do Porto, característica que se tem mantido ininterruptamente, e no dia 11 do 11.º mês de 1911, às 11 horas da manhã, quatro onses em curiosa coincidência, festejou-se com um solene almoço o primeiro centenário da agremiação.

Quem, passando na que é hoje rua do Infante D. Henrique, atentar no austero edificio que faz esquina para a de S. João não supõe o que vai lá por dentro, na Feitoria Inglesa. O átrio é constituído por seis fortes columnas jónicas encimadas por cúpulas de pedra e dá acesso à escadaria, também de pedra, que conduz aos pavimentos superiores, vendo-se nas suas paredes valiosos quadros a óleo, como o retrato de Lieutenant Général William Warre, 1784-1853, gravuras curiosas e interessantes como a de James Forrester, representando a rua dos Ingleses em 1834.

Os seus salões intitulados o do lanche, o da ceia, o de baile e o de visitas e reuniões, tem magníficos móveis, quadros e bastantes gravuras distinguindo-se desies um belo trabalho de Francisco Vieira, Portuense, grandes fotografias dos Reis Eduardo VII e Jorge V e respectivas Rainhas, e do

A Sala do lanche da Feitoria



ACTIVIDADES BRITÂNICAS NO PORTO

nosso Rei D. Manoel II, por êle assinado quando da sua visita àquele edificio em 18 de novembro de 1908, sendo o segundo monarca português que distinguia a Feitoria, pois a Rainha D. Maria II também a tinha visitado. Dispõe de uma Biblioteca com alguns milhares de volumes ocupando vários compartimentos, um salão de leitura, outras salas de diversos serviços e no andar superior, cedido à Cruz Vermelha Britânica, encontram-se agora muitas senhoras trabalhando afanosamente na confecção e preparação de roupas para os prisioneiros e pensos e ligaduras para os feridos da guerra, nota deveras simpática bem de harmonia com o justificado prestígio d'êste importante organismo e a fé patriótica de todos os seus membros.

O CLUB INGLÊS

Num edificio apalaçado da rua das Virtudes cujas origens se devem atribuir a épocas bem remotas, está instalado o Oporto British Club, ou Club Inglês do Porto, como é vulgarmente conhecido, outro também deveras importante organismo britânico assemelhando-se na sua finalidade aos seus congêneres de Lisboa e Funchal.

Este palácio que foi, ao que parece, a sede de um Convento, tem as suas paredes exteriores em grossas muralhas de pedra que assinalavam, ao que também se afirma, os limites do burgo. Os seus enormes terraços, cobertos de relva, os caminhos que entre êles estabelecem comunicação, as velhas grinaldas de trepadeiras que sobem de todos os lados, as lendas que correm de misteriosas entradas subterrâneas, tudo contribue para despertar a mais justificada curiosidade.

E todavia nada mais tranqüilizador, mais socegado, mais acolhedor do que o ambiente dessa Casa onde tudo respira conforto e comodidade, com as suas magníficas salas e outras dependências, e as vastas varandas que nos proporcionam incomparáveis panoramas sobre o rio, e sobre a serra.

O salão de jantar no primeiro pavimento era, ao que se diz, a antiga Capela, tendo ao fundo um pequeno compartimento que bem pode correspon-



A fachada do Club Inglês

der à respectiva sacristia. No mesmo pavimento existe também um salão mais pequeno com idêntica finalidade e um outro reservado para senhoras.

Tem uma biblioteca, sala de leitura, de visitas e no pavimento superior vários quartos mobilados, sem luxo mas com conforto, destinados a sócios de passagem pelo Porto ou outras pessoas devidamente apresentadas. Pelas paredes das salas e corredores várias aguarelas e estampas de valor, como uma vista da cidade do Porto, tomada do Convento da Serra, durante os sucessos de 1833, dedicada ao Sr. D. Pedro de Bragança e por êste mandada executar por Carlos Van Zeller, capitão da Brigada Inglesa ao serviço da Rainha D. Maria II, e uma outra representando um episódio da batalha de Trafalgar e cuja moldura foi feita de pedaços de madeira arrancados ao navio de guerra Foudroyant que tomou parte activa na gloriosa batalha que Nelson venceu.

O Club Inglês do Porto, fundado em 1903 por quarenta e quatro súbditos de Sua Magestade Britânica, presta aos seus associados, que são afinal todos os elementos categorizados da respectiva Colónia, os mais relevantes serviços.

Um dos seus salões



MUNDO GRÁFICO



A
defesa aérea
da
Gran-Bretanha
e a
R. A. F.
venceram a batalha
do espaço